

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR *STRICTO SENSU* EM
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

RAFAEL BOZZO FERRAREZE

**BONECAS NA NOITE:
HISTÓRIAS COTIDIANAS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**

IRATI
2015

RAFAEL BOZZO FERRAREZE

BONECAS NA NOITE:
HISTÓRIAS COTIDINAS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Comunitário no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Comunitário do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.

Área de concentração: Desenvolvimento Comunitário.

Linha de Pesquisa: Cultura, Práticas Sociais, Formação Humana e Desenvolvimento Comunitário.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães.

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

F374 FERRAREZE, Rafael Bozzo.
Bonecas na noite: histórias cotidianas de travestis e transexuais / Rafael Bozzo
Ferrareze. -- Irati, PR : [s.n], 2015.
110f.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães.
Dissertação (mestrado) - Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento
Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

1. Desenvolvimento Comunitário – dissertação. 2. Travestis. 3. Transexuais.
I. Guimarães, Rafael Siqueira de. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 20 ed. 306.76

RAFAEL BOZZO FERRAREZE

BONECAS NA NOITE:
HISTÓRIAS COTIDIANAS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Comunitário no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação a ser defendida e apresentada à banca examinadora em 05 de Fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães
UNICENTRO

Prof. Dr. José Ronaldo Mendonça Fassheber
UNICENTRO

Prof. Dr. Gilmar de Carvalho Cruz
UNICENTRO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus guardiões, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, por terem me dado não somente o dom da vida, como capacidade, força, ânimo e persistência para chegar até o fim deste trabalho que me propus a realizar.

Ao professor Dr. Rafael Siqueira de Guimarães, por ter me dado à oportunidade de entrar neste programa de pós-graduação como seu orientando.

Aos meus familiares, pai, mãe, irmãos e sobrinhos.

As meninas (equipe técnica) Fernanda, Luciana, Lorena Bianca, Débora Lee e Joice, do Grupo Renascer, por terem me recebido gentilmente na instituição e por terem feito de tudo para que eu conseguisse concluir meu trabalho.

As minhas amigas que ganhei juntamente com o mestrado, Briena Padilha de Andrade, Luana Oliveira e Thalita Rafaela Neves, pela amizade, risadas, ajudas e companheirismo nestes bons tempos. Para estas amigas, eu cito Provérbios 18:24 que diz: *“Existem amigos mais chegados que um irmão.”*

Ao pessoal do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura e Diversidade (LACULT) pelas discussões e interações ocorridas durante esse programa.

Ao pessoal da Roda Pagu, por trazer-me de volta a empolgação e a efervescência de ser militante e continuar acreditando em uma sociedade justa, igualitária e possível.

Aos meus vizinhos da “Vila do Chaves” ou, como gostamos de chamar, do “Nosso La”, Aline (Line), Amanda (Mandy), Izabel (Bebel minha pima), Augusto (Tinho), Cristian, Josmar, Reinaldo (Gianeck) e Kyene (Kyene Marrye ou Kykila), por tudo! Discussões sobre política, sociedade, sexo, gênero, feminismo, homofobia, pelos jogos lúdicos, confraternizações, enfim, por tudo. Momentos e pessoas que levarei comigo pra sempre! – A estes, deixo o versículo de Provérbios 17:17, que diz: *“Em todo tempo ama o amigo e na angústia nasce o irmão.”*

As minhas queridas entrevistadas, o meu muito obrigado, pois se este trabalho foi “concluído”, devo a gentil e sincera participação de vocês.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – PPGIDC, que pude não somente ter aulas, mas também discutir e aprender diversos assuntos inerentes à pesquisa, extensão e vida.

Aos membros da banca de qualificação e defesa professor Dr. José Ronaldo Mendonça Fassheber, amigo de longa data, por quem tenho um carinho e estima muito grande e ao professor Dr. Gilmar de Carvalho Cruz, por nossas conversas em outros momentos e pela sensibilidade ao lidar com diferentes questões do cotidiano.

Por fim, quero agradecer imensamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pois se por diversas ajudas eu consegui realizar este trabalho até o fim, a maior ajuda – a financeira – veio deste setor, que me proporciono bolsa/pesquisa em prol deste trabalho.

Que é a vida? Um frenesi.
Que é a vida? Uma ilusão,
Uma sombra, uma ficção;
O maior bem é tristonho,
Porque toda a vida é sonho
E os sonhos, sonhos são.

Pedro Calderón de la Barca

RESUMO

FERRAREZE, Rafael B. **Bonecas na noite: histórias cotidianas de travestis e transexuais.** 2015. 110 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Irati 2015.

O presente estudo teve início primeiramente com as discussões teóricas sobre gênero, identidade, cultura, desenvolvimento comunitário entre outros, seguido da elaboração deste trabalho. O local do estudo foi à organização sem fins lucrativos (Renascer), destinada a defender os direitos humanos de LGBT's. O público alvo deste foram quatro travestis e três transexuais, tendo como objetivo geral apresentar as histórias cotidianas de travestis e transexuais que se prostituem ou se prostituíram, frequentadoras da ong Renascer, no município de Ponta Grossa/PR, e como objetivos específicos abordar as discussões sobre identidades travesti e transexual, as histórias cotidianas em meio à noite dessas atrizes sociais, suas percepções acerca de uma cultura trans em meio à comunidade pontagrossense, bem como a participação das mesmas no desenvolvimento comunitário local. O problema de nosso estudo, norteador deste trabalho, concentrou-se em mostrar as histórias cotidianas de travestis e transexuais que tem como trabalho a prostituição, trazendo ainda no decorrer da mesma como se pautam suas relações com clientes, seus devires, quem são essas pessoas e o que essas atrizes sociais têm a nos mostrar sobre seus cotidianos. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa tendo como suporte as entrevistas semiestruturadas ou não estruturada e como material de apoio para a construção das informações captadas, a técnica de história oral. Para o tratamento destas informações utilizou-se a técnica de análise narrativa. Em meio a este trabalho é apresentado também à trajetória do termo boneca para referenciar as atrizes sociais participantes de nossa pesquisa, bem como os mediadores teóricos utilizados para aprofundar nossas discussões, mediadores estes como: identidade de gênero, travestis, transexuais, devir, ecologia de saberes, estigma, comunidade e desenvolvimento comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: Bonecas; travestis; transexuais; estigma; desenvolvimento comunitário.

ABSTRACT

FERRAREZE, Rafael B. **Dolls at night: everyday stories of transvestites and transsexuals.** 2015. 110 p. Dissertation (Interdisciplinary Master in Community Development) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, 2015.

This study began first with the theoretical discussions about gender, identity, culture, community development among others, followed by the preparation of this work. The study site was the non-profit organization (Rebirth), intended to defend the human rights of LGBT's. The target audience of this were four transvestites and transsexuals three with the overall objective to present the everyday stories of transvestites and transsexuals in prostitution or whoring denizens of Reborn ong in the city of Ponta Grossa/PR, and specific objectives address the discussions on transvestite and transgender identities, everyday stories in the night these social actresses, their perceptions about a trans culture amid pontagrossense community as well as their involvement in the local community development. The problem of our study, guiding this work, focused on showing the everyday stories of transvestites and transsexuals whose work prostitution, bringing even during the same as guide their customer relationships, their becomings, who are these people and what these social actresses have to show us about their daily lives. The methodology was qualitative research being supported the semi-structured interviews or unstructured and as background material for the construction of the information received, the technique of oral history. For the processing of this information was used narrative analysis. In the midst of this work is also displayed on the doll term path to reference the social actresses participants of our research and the theoretical mediators used to deepen our discussions, mediators such as: gender identity, transvestites, transsexuals, becoming, ecology knowledge, stigma, community and community development.

KEYWORDS: Dolls; transvestites; transsexuals; stigma; community development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES: HISTÓRICOS E NARRATIVAS	35
1.1 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO LGBT NO BRASIL	35
1.2 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO TRAVESTI E TRANSEXUAL NO BRASIL	40
1.3 ASSOCIAÇÕES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO ESTADO DO PARANÁ	46
1.4 AS DESCOBERTAS DE SI: INÍCIO DAS JORNADAS DE VIDA DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	48
2. AS ATRIZES SOCIAIS NAS RUAS: (DES) CAMINHOS DE DEVIRES	56
3. COMUNIDADE, CULTURA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM CONTEXTOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	78
3.1 SOBRE COMUNIDADE NA PERSPECTIVA DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	78
3.2 ACERCA DE CULTURA E UM COSTUME TRANS	86
3.3 PENSANDO O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM MEIO ÀS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	111

TABELA DE SIGLAS

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*).

ANTRA – Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros.

APPAD – Associação Paranaense da Parada da Diversidade.

ARTEMIS – Grupo de militância feminista e de Direitos Humanos no Estado do Paraná.

ASTRAL – Associação das Travestis e Liberados.

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análises e Planejamento.

CEPAC – Centro Paranaense de Cidadania.

CFM – Conselho Federal de Medicina.

CONEP – Comitê Nacional de Ética em Pesquisa.

DOM DA TERRA – Grupo Afro LGBT de militância pelos Direitos Humanos no Estado do Paraná.

DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

EBGLT – Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis.

ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atua na luta contra a AIDS.

GADIH – Grupo Acadêmico de Discussões Interdisciplinares Homo-Culturais.

GEEP – Grupo de Entendidos e Entendidas do Paraná.

GGB – Grupo Gay da Bahia.

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana (*Human Immunodeficiency Virus*).

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica – INAMPS.

ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião.

LGBT – Grupo de militância política e social de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

ONGs - Organizações Não Governamentais.

PSF – Posto de Saúde da Família.

RENATA – Rede Nacional de Travestis.

RENTRAL – Rede Nacional de Travestis e Liberados.

SUS – Sistema Único de Saúde.

TMP – Transgrupo Marcela Prado.

TRIÂNGULO TRANS – Associação de travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro.

UBS – Unidade Básica de Saúde.

INTRODUÇÃO

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault.

Adentrado ao assunto proposto neste trabalho, devo dizer que as imbricações mediante gênero e sexualidade permeiam minha história de vida há algum tempo. Precisamente, minha relação com tal temática e discussão aprofundou-se em meu período de graduação, onde juntamente com um grupo de estudantes de diferentes áreas, participávamos do Grupo Acadêmico de Discussões Interdisciplinares Homo-Culturais (GADIH). O intuito desse grupo era discutir assuntos ligados aos entendimentos, formações de opiniões, sentimentos, olhares e impressões através de várias fontes bibliográficas, como: feministas, *queer*, antropológicas, sociológicas e midiáticas. Outra proposta inerente a este grupo era de analisar casos de preconceito e mortes até então ocorridos na comunidade local (Guarapuava/PR).

Tais discussões perdurariam em minha vida após o término de meu curso de graduação, onde pude trabalhar como assistente social e vivenciar diversas formas de preconceito e exclusão social, reforçando cada vez mais dentro de mim a importância de se estudar e pesquisar sobre esses assuntos em meio à comunidade.

Ao entrar no mestrado, pude colocar em prática esta urgência, trazida da graduação e perpetuada em meu labor. Esse foi o momento exato em que, ao escolher pesquisar e estudar um público alvo, deparei-me então com um núcleo de pessoas que, além de excluídas socialmente, são vítimas de uma sociedade machista, que as ignoram e fazem de conta que estas não estão em seus meios, além de as segregarem em um grupo onde as diversas possibilidades de sobrevivências são quase nulas.

O público que expresso o desejo dessa pesquisa são as travestis e as transexuais. Escolhi estudar esse público dentro do movimento gay, por se tratarem de pessoas que, dentre o mesmo, pertencem ao que algumas pessoas denominam como subgrupos, ou seja, o grupo dentro desse movimento mais visível seriam os gays, as lésbicas e os bissexuais, seguidos do subgrupo travestis, transexuais e os transgêneros. Percebi, no entanto, que a visibilidade tanto de direitos humanos, políticas públicas e entendimento sobre travestis e transexuais, ainda

apresenta grande dificuldade e resistência em nossa sociedade. O cotidiano das mesmas ainda se encontra permeado por diversas formas de preconceito, violência e estigma; por esses fatos, resolvi dar visibilidade, através destes, a essas pessoas.

Utilizo nesse, o artigo feminino “a” (em concordância não somente a estas, bem como a outros autores que pesquisam essas pessoas), para me referir a esse público, pois é como gostam de serem reconhecidas, pertencentes ao gênero feminino (PELÚCIO, 2004; BERUTTI, 2010). Pois ao ver uma mulher com roupas femininas, cabelos compridos, seios e maquiagens, não dizemos: o mulher, mas sim a mulher.

Ampliando inicialmente a visão que tenho das participantes deste trabalho, esclareço aqui dois sentidos importantes que apareceram em meio ao texto: O primeiro é o significado de “bonecas”, título dessa dissertação. No começo da década de 1960, havia um predomínio nos papéis sexuais em meio ao público homossexual. As relações pertinentes aos atos sexuais embasavam-se na heteronormatividade vigente, onde os homossexuais que desenvolvessem performances como passivos nas relações sexuais e/ou apresentassem comportamentos efeminados, eram denominados como “bichas¹”, ao contrário dos gays, que se portavam com maior masculinidade e virilidade, estes recebiam o título de “bofes²” (CARVALHO; CARRARA, 2013). Nesse período, todas as intenções sexuais e afetivas das então bichas, eram no intuito de agradar e conquistar um bofe, comportamentos estes, que designaram em meio às classes pobres e operárias o novo termo para os primeiros, bonecas. Logo se tem um novo termo para classificar as relações homoeróticas e homoafetivas em meio ao público gay da época, bonecas e bofes (GREEN, 2000, p. 301). Vale ainda ressaltar que o dicionário *Houaiss* (2001), em uma linguagem informal, traz o termo boneca como “homem efeminado”. Green (2000) nos informa de que esse termo era utilizado apenas nas classes citadas acima, quando os homossexuais de classe média não mais utilizavam estas expressões de modo a imitar o comportamento heteronormativo³ de gênero.

¹ A palavra “bicha”, segundo o dicionário da língua portuguesa *Houaiss*, traz o termo, em linguagem informal, como homem afeminado (HOUAISS, 2001, p. 58). *Aurélia a dicionária da língua afiada* (2006) completa o termo como sendo também: homossexual masculino ou gay.

² “Bofe”, em *Aurélia a dicionária da língua afiada* (2006), significa: heterossexual ou homossexual ativo e bonito. Porém, a título de curiosidade, o termo em questão no dicionário *Houaiss* (2001) refere-se à gente feia.

³ Heteronormatividade é um conceito utilizado para descrever ações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são discriminadas, menosprezadas ou perseguidas por algumas práticas sociais, crenças ou posicionamentos políticos. Segundo Richard Miskolci, a heteronormatividade afirma as expectativas, demandas e obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. Esta, portanto, é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Para maiores informações, ver alguns autores, como: GALLAGHER, B. e WILSON, A. (1982); FOUCAULT, Michel (1977, 1984, 1985); WARNER, Michael (1991); RICH, Arienne (1980); KOSOFSKY, Eve (1991); COLLING, Leandro (2008); SANTOS, Ana Cristina (2008); BUTLER, J. (1999), BUTLER, J. (1990); MISKOLCI, Richard (2009).

É ainda no final da década de 1960, que surge uma nova expressão para bichas e bofes, aparecendo assim, com maior evidência um novo termo, os “entendidos ⁴”. Esta categoria, segundo Fry (1982), designa indivíduos independentes de seus papéis de gênero e posições assumidas durante o ato sexual. No entanto, tais designações começaram a gerar conflitos em meio aos gays. As bichas, acusando os entendidos de serem “bichas enrustidas ⁵” ou falsos bofes, e os entendidos, dizendo que as bichas não se continham socialmente, manchando a imagem dos homossexuais perante a sociedade, por serem efeminadas demais e „bichas sirene”, ou seja, espalhafatosas (COSTA, 2010; GREEN, 2000).

No final do ano de 1970, a distinção que existia não era mais entre bofes, bichas ou entendidos. Com o grande surgimento de travestis nas grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro (PERLONGHER, 1987), a cena gay reconfigura-se nas distinções entre homossexuais e travestis, que por serem exageradas, pintosas⁶ e espalhafatosas, eram fortemente repudiadas pelo movimento gay (CARVALHO, 2011). Aqui cabe dizer que o termo boneca, na década de 1980, estaria ainda em transição. Acredita-se que este ainda servia como referencial tanto para os gays afeminados quanto para se referirem às travestis. Porém, com o „período crítico” – a não aceitação de travestis no movimento LGBT, situação que trato no capítulo I, e a forte repressão pela polícia –, tal expressão não era vinculada diretamente às mesmas. Entendo, segundo autores como Pelúcio (2005), Green (2000) e Benedetti (2004), que após o adentramento das travestis no movimento LGBT – feito que ocorreria na década de 1990 – e devido às transformações corporais através de tratamentos, como a hormônioterapia e siliconização, a palavra boneca ganha destaque para as mesmas, porém, de uma forma positiva, onde, através desses tratamentos, tais atrizes sociais adquirem corpos bonitos e perfeitos, remetendo-as a uma boneca – no sentido literal da palavra.

Chegando a contemporaneidade – século XXI –, a autora Larissa Pelúcio, em uma de suas pesquisas com travestis, apresentou o termo boneca como sendo mais uma forma de se fazer referência às travestis em âmbitos virtuais (*sites* de bate papos, *chats* virtuais). A autora nos mostrou que esse termo, nos espaços referidos, eram as formas que os *t-lovers*⁷ utilizavam tanto para tratamento das mesmas como para diferenciá-las dos gays, que ali procuravam conversas e possíveis encontros (PELÚCIO, 2005). Aqui se confirma alguns apontamentos

⁴ Segundo Aurélio a dicionária da língua afiada (2006), a expressão “entendido” significa: homossexual e homossexuais dos anos 70, que gostam de romance à *la hetero*.

⁵ “Bicha enrustida” significa homossexual que não se assume (Aurélio a dicionária da língua afiada, 2006, p. 13).

⁶ “Bicha Pintosa”: afetada; que dá pinta (Aurélio a dicionária da língua afiada, 2006, p. 13).

⁷ *T-lovers*: Homens que se relacionam (sexualmente ou afetivamente) com as travestis (PELÚCIO, 2005).

anteriores. O termo boneca já está estabelecido apenas para as travestis, seja socialmente ou, como salienta Pelúcio, nos âmbitos virtuais. Don Kulick (2008), em sua pesquisa etnográfica com travestis de Salvador/BA, apresenta também essa expressão como sendo um chamariz para clientes em anúncios via telefone, reforçando assim, a diferença entre gays e travestis:

Hoje as travestis dispõem de vários meios de anunciar seus serviços [...] basta ter acesso a um telefone para conseguir abrir ou fazer parte do que se chama [...] de agência [...] caso em que ela publica um curto anúncio intitulado “massagista” na seção de classificados dos jornais. A palavra que funciona como código para as travestis nesse contexto é boneca [...] textos tais como “Isabela e suas bonecas femininas” ou “Boneca bem bonita, sexy” [...] (Kulick, 2008, p. 159).

Vale dizer que o termo boneca, apresentado acima, se refere às travestis, no entanto, a pesquisa pode contar também com a participação de transexuais. Aqui, após conversar com as participantes – tanto travestis como transexuais – da pesquisa, disse que o título desse trabalho levaria o nome de bonecas e questionei se alguma delas faria objeções com essa terminologia. Nenhuma entrevistada se opôs em relação ao título, muito pelo contrário, no caso das travestis, por já se familiarizarem com a expressão, reforçaram o desejo do mesmo e em meio às transexuais, estas entenderam e concordaram com o nome do trabalho, afirmando também serem bonecas, não como as travestis – cada uma possuindo seu foco de interesse, sua identidade de gênero e sexualidade e entendimento de si –, mas afirmando serem bonecas pelo sentido da delicadeza, beleza e sensibilidade que uma boneca passa para as pessoas.

Notei, em conversas pessoais com algumas travestis e transexuais participantes da militância LGBT, que o significado de boneca, em referência às mesmas, apresenta também outros sentidos: I – A palavra boneca, de fato, pode trazer o sentido original do termo, como sendo: “Brinquedo que representa a figura feminina ou moça atraente” (HOUAISS, 2001, p. 63); II - Ligando o segundo sentido ao primeiro, as mesmas expressam que, por serem vistas como bonecas e, sendo estas, na visão das pessoas, um brinquedo, tantos travestis como transexuais, para alguns homens, são vistas e tidas como descartáveis, ou seja, usam, “brincam” e quando enjoados, as descartam ou as dispensam; III – Ainda há aquelas que defendem o lado negativo do ser boneca, ligando os dois primeiros sentidos a este. Uma boneca – o brinquedo de diversas crianças – nada mais é do que um pedaço de plástico com roupas e formas, maquiagem e adereços femininos ou em formato de pano, também com adereços e formas femininas e com cabeça de plástico, porém, ambas as formas de bonecas não possuem coração, sentimentos e reações. Podemos brincar com uma boneca, cortar seus cabelos, bater, chutar ou pisar, mas estas nada sentiriam, pois não expressam vida. Sendo

assim, tais pessoas, ao serem denominadas como bonecas, dizem que, os homens que se relacionam com as mesmas, as tratam dessa forma, como um objeto que não possui sentimento ou coração, logo, sendo descartáveis. No entanto, as travestis e transexuais pretendem ficar com o segundo sentido da palavra boneca apresentada no dicionário, o sentido que as traz vida e força para continuarem sendo o que são, moças atraentes e bonitas.

O segundo sentido que pretendo mostrar em meio à esse trabalho é apresentado como fonte bibliográfica. A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) possui um papel de suma importância tanto em meio à comunidade quanto em âmbito acadêmico.

A missão da ABGLT é promover ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática, na qual nenhuma pessoa seja submetida a quaisquer formas de discriminação, coerção e violência, em razão de suas orientações sexuais e identidades de gênero (ABGLT, 2006, p. 01).

Através dessa associação formadora e precursora de opiniões, utilizo nessa dissertação alguns conceitos formulados e elaborados pela mesma, entendendo que tais formulações partiram de pessoas não apenas da academia – graduandos, mestres ou doutores –, mas também de cidadãos que fazem parte das realidades terminológicas ou conceituais, como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e de todas as pessoas que, de certa forma, se aliam em prol dessa causa.

Primeiramente, o objetivo era desenvolver esse projeto no município de Guarapuava, junto a um grupo de cinco travestis, com as quais mantinha contato. Porém, devido a alguns empecilhos e contratempos de ordem pessoal das possíveis participantes, a pesquisa não pode ser realizada nesse município. Logo, também sabendo da existência da Organização Não Governamental Renascer, no município de Ponta Grossa/PR, pude transferir o local da pesquisa para este segundo lugar.

Para maior descrição do local da pesquisa, faço uma breve apresentação deste espaço. A Ong Renascer é uma organização sem fins lucrativos, com caráter informativo, mobilizador e assistencial, destinada a defender os direitos humanos de LGBTs. Os funcionários que trabalham na instituição são: uma assistente social, uma psicóloga, uma advogada, uma agente de ação social e uma auxiliar de serviços gerais.

A missão deste grupo é defender os Direitos Humanos e Cidadania da diversidade humana, para enfrentar uma sociedade desfavorável e contrária às diversas manifestações da

sexualidade humana, combatendo a discriminação, o preconceito e a homofobia, tendo como metas: sensibilizar as pessoas que têm orientação homossexual de seus direitos humanos, contribuir para a organização de informação e a produção de conhecimentos sobre a sexualidade humana, esclarecer à sociedade o direito à liberdade de orientação sexual, divulgar para a sociedade as finalidades, objetivos, promoções e realizações do Grupo Renascer, combater qualquer manifestação de cunho homofóbico, acompanhar toda e qualquer questão jurídica ou policial que diga respeito à homossexualidade, combater a Aids e seus efeitos, participando de campanhas de prevenção à Aids individualmente ou em conjunto com outras Organizações – fóruns relativos à saúde, Comissões Municipais e Estaduais de Prevenção e Controle de Aids, Conselho de Saúde e afins.

O objetivo geral da pesquisa pretende apresentar as histórias cotidianas de travestis e transexuais que se prostituem ou se prostituíram, frequentadoras da Ong Renascer, no município de Ponta Grossa. Os objetivos específicos abordarão as discussões sobre identidades travesti e transexual, as histórias cotidianas em meio à noite dessas atrizes sociais, suas percepções acerca de uma cultura trans em meio à comunidade pontagrossense e a participação das mesmas no desenvolvimento comunitário.

Através dessa dissertação, pretendo mostrar as histórias cotidianas de travestis e transexuais, que tem como trabalho a prostituição⁸ trazendo ainda, no decorrer da mesma, como se pautam suas relações com clientes, seus devires, quem são essas pessoas e o que essas atrizes sociais têm a nos mostrar sobre seus cotidianos. Pois sabemos que, ainda hoje, falar sobre travestis e transexuais, na visão de muitas pessoas, remete à prostituição ou a um ganho de vida fácil, descartando inúmeras possibilidades de entendimentos e significados dessas atrizes sociais, primeiramente, como seres humanos também portadores de direitos e, segundo, pelos motivos que as levaram a exercer tais atividades (CECARELLI, 2008).

Para melhor compreender o processo pelo qual foi realizado esse trabalho, entendamos os caminhos percorridos em torno da formação dessa pesquisa. A autora Marica Cecília de Souza Minayo conceitua metodologia como:

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os

⁸ Algumas travestis e transexuais, mesmo deixando o trabalho da prostituição (trabalho este informal) para exercerem um trabalho formal (com carteira de trabalho assinada, registradas), em algum momento de suas vidas acabam mesmo que, esporadicamente e ou paralelamente, atuando como profissionais do sexo. Visto que o lucro que as mesmas retêm deste labor é maior que a renda de um trabalho formal e, como menciona Ornat (2011) e Benedetti (2004), são nestes espaços, nas ruas e na prostituição, que as travestis são vistas, admiradas ou criticadas, podendo avaliar se suas transformações obtiveram sucessos ou insucessos.

instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias [...]. Dia Lenin (1965, p. 148) que o “método é a alma da teoria [...]” (MINAYO, 2013, p. 14).

Entendendo o pensamento da autora, compreendo que a metodologia é o coração e o norteador da pesquisa, apresentando assim, suma importância tanto para a elaboração como para a execução desse projeto. Minayo ainda afirma que, através da metodologia, as concepções teóricas de abordagens, o conjunto de técnicas que nos possibilitaram a apreensão da realidade e o potencial criativo do pesquisador, fazem parte desta dinâmica (MINAYO, 2013). O método proposto utilizado foi a pesquisa qualitativa que, segundo Gaskell, “[...] pretende visibilizar espectros de um ponto de vista” (2002, p. 73). E que, para Minayo, torna-se importante para compreender os valores culturais e as representações de determinado grupo sobre temas específicos (MINAYO, 2004).

Segundo a autora, através das entrevistas, podemos obter dados de duas naturezas:

Os que se referem a fatos que o pesquisador poderia conseguir através de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, atestados de óbito etc. Os que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões (MINAYO, 2004, p. 108).

Escolhi como roteiro norteador para esse trabalho, as entrevistas semiestruturadas – ou não estruturadas –, pois com o uso das histórias de vida, das entrevistas abertas ou semiestruturadas e da observação participante, o pesquisador constrói uma série de possibilidades de informações que lhe indicam se seu caminho está correto (MINAYO, 2004).

Em meio ao campo de pesquisa, usei como material de apoio para a construção de informações captadas mediante este processo, a técnica de história oral. Sobre história oral, sabe-se que esta foi instituída como uma técnica moderna de documentação histórica em 1948, por Allan Nevins, quando este começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana (THOMPSON, 1992).

Segundo o Estatuto da Associação Brasileira de História Oral, fundado em 1994, o artigo 1º parágrafo 1 define história oral como: “[...] o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada” (In revista de história oral, nº1, 1998, p. 14).

Thompson colabora com a importância da técnica de história oral, afirmando:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não

só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. [...] Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações, [...] ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos (THOMPSON, 1992, p. 44).

Através dessa técnica escolhida, poderei ouvir e perceber abertamente relatos e experiências vividas, como menciona Meihy, ao dizer que tal técnica é “uma prática de apreensão de narrativas [...] destinada a recolher testemunhos [...] análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio [...]” (MEIHY, 2005, p. 9).

As informações colhidas através das entrevistas serão analisadas sob a ótica da análise narrativa que, segundo Walter Benjamin:

A narrativa [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Aqui podemos dizer que o processo narrativo faz parte, primeiramente, do entendimento e do sentido que o narrador tem e passa das histórias obtidas. Acredito que a forma artesanal seja o cuidado na interpretação em que o narrador terá para perceber e apresentar tais histórias para os ouvintes. Logo, como expressa o autor, o ouvinte – ao contar tal história – sai de seu papel de ouvinte e passa a ser o próprio narrador, contando aquilo que pode ouvir para outras pessoas (DUTRA, 2002).

Elza Dutra compartilha do pensamento de que:

Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa (DUTRA, 2002, p. 373, 374).

O poder da narrativa permite, tanto ao narrador quanto ao ouvinte, a interpretação. Essa ação nos leva a entender e olhar a fala do participante de várias formas, podendo cada ouvinte tirar suas próprias conclusões do que o narrador está transmitindo sobre determinado assunto. A narrativa não se constitui como um processo dado ou fechado, ela nos possibilita imaginar, dando características individuais do que se está sendo narrado a cada ouvinte (BENJAMIN, 1987).

Apresentando ainda algumas informações sobre o método da pesquisa, saliento que, antes de começar as entrevistas com as participantes, mostrei-lhes o termo de consentimento livre e esclarecido, explicando-lhes este e solicitando suas assinaturas. Algumas ficaram incomodadas, pois o fato de lhes pedir assinatura e comprovação identitária, culminaria em ter que mostrarem seus RGs. Porém, disse que poderiam colocar seus nomes sociais e apenas o número do documento de identidade, fazendo com que se sentissem mais à vontade. Como ferramenta de apoio, utilizei um gravador, certificando-as de que não mencionaria seus nomes nem imagem no processo de tratamento/transcrição das narrativas e elaboração da dissertação. Li, juntamente com as participantes, uma a uma, o roteiro utilizado para a entrevista – onde aqui os apresento no anexo I. Faz saber também que esse trabalho obteve aprovação do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e a folha de rosto da aprovação é apresentada no anexo II dessa dissertação. Apresento também, no anexo III, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado para as participantes; no anexo IV, trago algumas imagens que mostram momentos do movimento LGBT e, no anexo V, os materiais de transformação corporal utilizado por algumas travestis e transexuais. Ao todo, pude ouvir as histórias narradas de quatro travestis e três transexuais. Faz-se de grande importância destacar que, durante a apresentação das falas gravadas e depois transcritas para serem utilizados na dissertação, os nomes originais das participantes foram modificados, sendo utilizados nomes fictícios, como Ana, Bárbara, Caroline, Duda, Kelly, Luanda e Marta, escolhidos aleatoriamente.

No intuito de aprofundar as discussões nesse trabalho, apresento alguns conceitos que chamaremos de mediadores teóricos; estes darão melhor visão à análise e ao entendimento da proposta. Os mediadores teóricos aqui apresentados são identidade de gênero, travestis, transexuais, devir, ecologia de saberes, estigma, comunidade e desenvolvimento comunitário.

Segundo o Manual de Comunicação LGBT, identidade de gênero é:

[...] experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meio médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (ABGLT, 2010, p. 16).

Dialogando ainda com outras fontes, Santos entende que a identidade de gênero é uma construção social/cultural, onde esta se compõe e se assimila no decorrer da vida (SANTOS, 2006). Ou ainda, como salienta Silva Júnior, “a identidade de gênero constitui-se no entendimento que a pessoa tem relativamente ao gênero do qual faz parte [...]” (2014, p. 85).

Através dos pensamentos apresentados, nota-se que a identidade de gênero é uma construção pessoal. O meio em que os indivíduos fazem parte também poderá influenciá-los em suas identidades de gênero, pois, sendo um construto sociocultural, como visto, este indivíduo buscará em seu meio significado, entendimento e elementos para se construir e se entender como indivíduo em meio à sociedade. É o que Butler completa, ao mencionar que: “[...] gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira [...]” (2003, p. 24). Ou seja, o ser homem ou o ser mulher independe do sexo biológico, pois o gênero é aprendido em decorrência das realidades em que estão inseridos.

A maioria das pessoas não sabe diferenciar travestis de transexuais, no entanto, é preciso dizer que ambas as identidades de gênero são classificadas como transgênero, o que seria, segundo a ABGLT, “terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade” (2010, p. 17). Silva Júnior nos mostra uma definição mais específica sobre transgêneros:

As (os) transgêneras (os) (independentemente da orientação sexual) são os indivíduos que, na sua forma particular de estar e/ou de agir, ultrapassam as fronteiras de gênero esperado-construídas culturalmente para um e para outro sexo. Assim, são homens, mulheres (e pessoas que até preferem não se identificar, biologicamente, por expressão alguma) que mesclam, nas suas formas plurais de feminilidade e de masculinidade, traços, sentimentos, comportamentos e vivências que vão além das questões de gênero como, corriqueiramente, são tratadas (SILVA JÚNIOR, 2011, p. 98).

O termo travesti, segundo Kulick, “deriva do verbo *transvestir*, ou *transformar*” (2008, p. 5 e 6). Algumas características das travestis são os nomes, estilos, vestimentas e outros aspectos, tidos como sendo do universo feminino, bem como o uso de hormônios e silicone industrial, tendo como intuito alcançar formas femininas perfeitas: seios fartos, quadris largos, pernas torneadas e o fundamental, glúteo avantajado. Mesmo com todas as características físicas e esteticamente femininas, algumas travestis não se consideram ou se identificam como mulheres; elas são, como afirma Berutti, “homens que ardentemente desejam homens, e que se modelam e se aperfeiçoam como um objeto de desejo para esses homens” (2010, p. 8). A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais conceitua⁹ o termo travesti como:

⁹ Quando mostramos o conceito sobre travestis, queremos dizer (de forma clara e simples) que as mesmas não sentem vontade de se tornar mulher. Essas atrizes sociais convivem bem com seu órgão genital, sem quererem

Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta a seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (mudança de órgão genital). Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos e formas femininas). (ABGLT, 2010, p. 18).

Algumas travestis não se consideram mulheres. Mesmo tendo em seus corpos símbolos femininos, elas trazem pra si recursos para uma melhor socialização com os homens, no entanto, uma travesti só pode ser considerada como tal se esta permanecer vinte e quatro horas por dia como mulher ou tiver iniciado o processo de hormonização ou siliconização, ou ainda, outras técnicas de cuidados pessoais, rituais de suma importância para as mesmas (FERREIRA, 2009). Ainda é visto que as travestis convivem bem com sua genitália, não desejando submeter-se à cirurgia de redesignação genital.

Para Silva Júnior “as (os) transexuais são pessoas que se sentem em desconexão psíquica com o sexo do seu nascimento havendo uma dissociação entre o seu sexo biológico e sua identidade de gênero, qualificando-a como um distúrbio de gênero” (2014, p. 86). A Organização Mundial da Saúde considera a alteração entre o sexo físico e o sexo psíquico como uma doença, utilizando ainda o termo transexualismo como forma de menção a essas pessoas (VECCHIATTI, 2012).

A ABGT entende pessoas transexuais como:

Pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída. (ABGLT, 2010, p. 17).

Aqui vemos que as/os transexuais se veem em um corpo que não lhes pertence ou não se identificam com seu sexo biológico. Esse público ainda luta arduamente para terem seus direitos, enquanto cidadãos, reconhecidos como pessoa transexual, desvinculando-se de quadros clínicos de sujeitos que apresentam um distúrbio de gênero ou uma doença psiquiátrica. Para muitos, pessoas transexuais querem, de toda forma, extirpar sua genitália,

mudar de sexo. As formas e as roupas femininas fazem parte de suas escolhas e estilos de vida, se produzindo e se aparentando da melhor forma possível para conquistar/atrair um homem.

pois não convivem bem com a mesma; no entanto, Bento (2006) nos chama a atenção a uma discussão, quando relata que:

[...] a busca pela cirurgia tem como finalidade [...] inserção na vida social o principal motivo para pleiteá-la [...]. A afirmação de que as pessoas transexuais odeiam seus corpos está baseada em tropos metonímicos. Torna-se a parte (as genitálias) pelo todo (o corpo). É como se a genitália fosse o corpo (BENTO, 2006, p. 97).

Como dito no senso comum, pessoas transexuais querem realizar a cirurgia de redesignação genital, pois, sem esta, não conseguiriam ser felizes ou se tornarem uma pessoa cuja identidade de gênero escolheu ser. A autora mostra que esse pensamento é errado, que as/os transexuais não se resumem, ou são, suas genitálias; algumas desejam este processo de redesignação como forma de plenitude social, sentir-se bem junto aos demais. Bento, ao longo de seu texto, relata o caso de Bea, que afirma que seu pênis faz parte de seu corpo e não quer reivindicar pra si a cirurgia, porque o fato de ter uma vagina não mudaria seu sentimento de gênero, pois esta não passaria de um buraco. A autora ainda diz que “[...] para ela, é o seu sentimento que importa, sendo o órgão totalmente secundário [...]” (BENTO, 2006, p. 102). A pessoa transexual é mais do que seu órgão genital, existem pessoas transexuais que realmente desejam a cirurgia, no entanto, não a totalidade. A visão que apresento das transexuais participantes desse trabalho engloba não somente o desejo de algumas pela cirurgia de redesignação sexual; a pesquisa mostra essas participantes em seu todo, dentro de seus trabalhos e a visão que têm de si em meio a estes.

O termo devir, utilizado nesse trabalho, segue o pensamento dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, que nos mostram que:

[...] Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir [...] Nem produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer” nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”. (DELEUZE, 1997, p. 16).

[...] Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche [...] entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo [...] (DELUZE, 1997, p.55)

Segundo o pensamento dos autores, devir é a base inicial de um processo de relações e não o processo final dessa estrutura, este não possui intuito de uma nova identidade ou a formação de uma identidade semelhante; devir em si mesmo é uma ação onde esta agrega todos os sentidos captados nos processos relacionais entre os corpos. Dorea expressa bem esse

conceito quando diz que “entrar no campo do devir é estar compondo em nossos corpos algo de inusitado a partir do encontro com o outro [...]” (2002, p. 104). Devir, então, pode se definir como os processos de relações entre pessoas, onde cada ser agrega determinados elementos desses encontros, não para sua formação, imitação ou surgimento de um novo ser, mas para sua evolução enquanto indivíduo único.

Para falarmos sobre ecologia de saberes na presente dissertação, temos que, primeiramente, entender o que é o pensamento abissal, que culminará em uma ecologia de saber. Seguindo o raciocínio de Boaventura de Sousa Santos, o pensamento abissal seria o pensamento que nossa modernidade ocidental apresenta, mostrando-nos um sistema onde existem duas distinções, as visíveis e as invisíveis, sendo a última, a fundamentadora da primeira. Para dividir essas distinções, o autor nos mostra uma linha que separa a realidade social em dois polos: os do lado de cá desta linha e os do lado de lá. Essa linha, obviamente, é imaginária, porém, seu sentido é real em nossa sociedade. Santos ainda afirma que a divisão é tamanha, que o outro lado da linha desaparece, se torna inexistente; mesmo produzidos ou estando em sociedade, são invisíveis (SANTOS, 2007).

Buscando um melhor entendimento, exemplifico esses lados como, o primeiro, uma sociedade machista heterossexual e, o outro, os grupos de travestis e transexuais. Como visto, tanto travestis como transexuais necessitam, na maioria das vezes, recorrer aos trabalhos sexuais para se manter em meio à sociedade, pois estas encontram-se excluídas e desprivilegiadas pelo fato de serem e assumirem quem são. Em contrapartida, muitos homens “heterossexuais” procuram os serviços dessas profissionais para satisfazerem seus desejos que, perante a sociedade civil cristã, é imoral e pecaminoso. Ou seja, tais atrizes sociais encontram-se do outro lado da linha expressa por Santos e estes homens, que as procuram, ocupam o lado de cá dessa linha; logo, ao se satisfazerem através dos serviços prestados por essas profissionais, as mesmas os ajudam a se manterem socialmente como homens de bem e, muitas vezes, precursores de preconceitos. O outro lado da linha, como visto, é inexistente, imperceptível e irrelevante, como se pode observar no exemplo das travestis e transexuais. Como ainda menciona Santos:

[...] Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível [...] Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o outro (SANTOS, 2007, p. 1,2).

Sendo assim, tanto travestis como transexuais não existem ou situam-se do lado de cá da linha de Santos, pois estas vão contra todas as percepções e modos como o lado de lá vê e admite que seus integrantes ajam ou se portem. O autor ainda afirma que a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha (SANTOS, 2007, p. 2). O mesmo ainda propõe um pensamento pós-abissal, partindo este:

[...] do reconhecimento de que a exclusão social no seu sentido mais amplo toma diferentes formas conforme é determinada por uma linha abissal ou não abissal, e que, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressiva [...] (SANTOS, 2007, p. 23).

O autor esclarece ecologia como a prática de articular a diversidade através da identificação e da promoção de interações sustentáveis entre entidades parciais heterogêneas (SANTOS, 2005, p. 25). Aqui se pode, então, interpretar ecologia como a articulação de diferentes instituições – através da identificação e promoção – ou grupos em prol de uma mesma causa ou finalidade. No entanto, para entendermos o pensamento pós-abissal, vejamos o que Boaventura (2007) conceitua como sendo ecologia de saberes:

Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico [...] (SANTOS, 2007, p. 25).

Tanto ecologia de saberes como o pensamento pós-abissal buscam ultrapassar o pensamento abissal tradicional, em busca de uma pluralidade de diversos tipos de conhecimentos, sejam eles filosóficos, sociológicos, bem como os conhecimentos adquiridos através de práticas na vida cotidiana. A ecologia de saberes é basicamente uma contra epistemologia, “[...] procurando dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo” (SANTOS, 2007, p. 27). Nessa epistemologia, é visto que a busca por uma inserção e relevância dos conhecimentos não-científicos não causa descrédito aos científicos, essa utilização serve como proposta à contra hegemônica (SANTOS, 2007).

Dentre todos os mediadores teóricos, acredito que o termo estigma seja o que mais acompanha e se enquadra na vida social e no perfil das participantes. Estigma, segundo o dicionário *Houaiss*, seria uma marca, um sinal, uma cicatriz ou algo que é considerado indigno (HOUAISS, 2001, p. 183). Logo, pelo significado da palavra, entendemos que tal situação não é boa, agradável ou muito menos quista. Erving Goffman, em seu estudo sobre estigma e manipulação da identidade deteriorada, logo no prefácio, conceitua brevemente o estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”

(GOFFMAN, 1988, p. 7). Já no início de seu trabalho, vemos que tal conceituação mostrará este como um fator negativo – depreciativo – em meio à sociedade.

O indivíduo estigmatizado poderá mostrar ou não um ponto que, para uma grande maioria, seria negativo em meio aos demais, um ponto que o coloque em voga para a sociedade. Goffman apresenta o estigma como um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, no entanto, propondo em parte a modificação de atributos, sabendo que o mesmo, na maioria da sociedade, acaba em descrédito (GOFFMAN, 1988). Mesmo uma pessoa estereotipada, apresentando inúmeras qualidades perante a sociedade em que vive, acaba caindo em descrédito justamente por portar um estigma. O autor ainda afirma que uma pessoa estigmatizada não é considerada completamente humana pelos demais, criando assim vários tipos de discriminação e exclusão, reduzindo as chances de vida de tal pessoa (GOFFMAN, 1988).

As travestis e transexuais são pessoas que sofrem com diversos tipos de estigmas – primeiramente, porque fogem à norma vigente de sexo e gênero; em um corpo masculino, decidem usar roupas e ornamentos tidos como femininos, utilizam hormônios e silicone para alcançarem a forma ideal de beleza e, em sua grande maioria, por serem estigmatizadas e não encontrando espaço no mercado formal de trabalho, partem para as atividades informais, como a prostituição. Estes, no corpo dessas, não podem de forma alguma ser escondidos, é algo que as acompanha onde quer que as vá. Então, fica claro que o estigma é um preconceito, logo, este gera discriminação. O primeiro grupo que estigmatiza as travestis e transexuais são seus familiares. Hauer e Guimarães afirmam que “[...] o choque dos pais e das mães ao se depararem com um filho ou uma filha homossexual é quase inevitável [...]” (2015, p. 1). Os mesmos explicam que, muitas vezes, os pais têm medo do julgamento que a sociedade irá fazer ao descobrir um indivíduo homossexual ou que Deus irá puni-los por tais sentimentos – o chamado julgamento divino – e há ainda aqueles pais que preferem acreditar que tais sentimentos em seus filhos sejam apenas uma fase passageira (HAUER e GUIMARÃES, 2015). Porém, nossas entrevistadas não são apenas homossexuais, são travestis e transexuais, e o estigma na pele dessas pessoas vai além de suas orientações sexuais.

Quando um pai ou uma mãe percebem, descobrem, ficam sabendo ou são informados pelo próprio filho que o mesmo é uma travesti ou transexual, acredito que o primeiro sentimento seja o choque, porém, a vergonha e a repulsa falam ainda mais alto, pois como esses pais poderão viver tranquilamente em meio ao bairro ou na cidade – principalmente as de interior –, sabendo que o filho apresenta, como eles costumam dizer, „um distúrbio“? A

vergonha em conviver com um indivíduo estigmatizado socialmente é tamanha, que estes acabam por expulsá-las de casa, de seu convívio, e acredito que, muitas vezes, tal ato culmina pura e simplesmente no que os demais – vizinhos, amigos, parentes – irão dizer e não somente no sentimento de „decepção“ que esses pais estão enfrentando. Para tal ação, Goffman afirma que se a situação apresentada acima fosse contrária, ou seja, se a família abraçasse, apoiasse ou aceitasse seus membros travestis ou transexuais, estes poderiam ser classificados como indivíduos informados (GOFFMAN, 1988).

Os indivíduos informados, segundo Hauer e Guimarães, acabam absorvendo o estigma de tais membros de seu núcleo familiar, tendo que, muitas vezes, lidar com o preconceito e o descrédito de tais membros, apenas por aceitarem e resolverem continuar amando e aceitando os seus (HAUER e GUIMARÃES, 2015). Para reforçar tal afirmação, certa vez pude ouvir o relato de uma travesti que, ao passear com sua mãe, sua genitora levou um chute nos glúteos de um estranho pelo simples fato de estar andando com sua filha – travesti – na rua. A informante me dissera ainda que o rapaz, que agredira sua mãe, gritou: “vira homem!”. Ambas ficaram chocadas com a atitude de tal indivíduo, primeiro, porque sua mãe já apresentava certa idade e em nada se assemelhava a uma travesti e, segundo, pelo fato de que ambas não estavam incomodando ninguém, apenas estavam caminhando pela rua quando a agressão aconteceu. O que mais chamou a atenção da travesti, em sua narrativa contada a mim, foi que a agredida foi sua mãe e não ela, o que causou profunda dor, pois percebera que mesmo tendo a aceitação da mãe e esta não se incomodando com sua identidade de gênero, sofria seu estigma na pele.

Ainda cabe neste ressaltar que, pelo fato de travestis e transexuais serem estigmatizadas, as mesmas não conseguem inserir-se no mercado de trabalho formal. Pâmela Carla, travesti, 32 anos, em entrevista ao Diário do Vale, relata que por serem estigmatizadas as mesmas são afastadas de oportunidades como a profissionalização e vagas de emprego, sejam em empresas ou em comércio seculares; por conta disso, acabou tendo que recorrer à prostituição como fonte de sustento (Diário do Vale, 17 de março de 2014). A mesma ainda diz que:

Quando um travesti vai até uma empresa que está disponibilizando uma determinada vaga, a primeira coisa que fazem é olhar de cima em baixo e em seguida dizer que já foi ocupada. E o pior é que temos que encarar um olhar de desprezo sabendo que, na verdade, a vaga não foi preenchida. Comigo isso já aconteceu várias vezes, já tentei em supermercados, lojas e até em empresas grandes. Nossa opção em nos vestir, andar e falar como uma mulher ainda choca muitas pessoas e isso atrapalha em tudo (Pâmela Carla ao diário do vale, 17 de março de 2014).

Através da narrativa apresentada por Pâmela Carla, entendemos o que Goffman (1988) expressa ao dizer que “os símbolos de estigma caracterizam-se por estarem continuamente expostos a percepção [...]” (Diário do vale, 20014, p. 02). Por serem pessoas que se dissociam do sexo/gênero determinado no nascimento perante a sociedade, travestis e transexuais são tidas como desprestigiadas e transgressoras de uma heteronormatividade vigente, muitas vezes, apresentando „certo perigo“ ao trabalharem em empregos seculares, como os citados acima; perigos estes que, para alguns, poderiam ser de ordem moral – roubos, a degradação da imagem do estabelecimento ao verem essas pessoas empregadas, entre outros – ou até mesmo de ordem pessoal – no imaginário de muitos, travestis e transexuais são perigosas ou maliciosas. Aqui faço um adendo, por exemplo, também acreditamos ser um perigo para determinadas pessoas a presença de público em dados locais de trabalho, pelo fato das mesmas poderem despertar a libido de seus colegas de trabalho e creio que isso, entre todas as outras alternativas, seria a menos desejável.

Segundo o *site* Correio de Uberlândia, apenas 5% das travestis fazem parte do mercado formal de trabalho no município de Uberlândia e 95% das travestis encontram-se no trabalho informal da prostituição. Essa pesquisa foi realizada pela Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro (Triângulo Trans). Segundo Pâmela Volp, presidente da Associação Triângulo Trans, seis em cada dez travestis que trabalham como prostitutas querem mudar de profissão e ingressar no mercado formal de trabalho. Volp ainda afirma que as travestis que conseguem ser contratadas por empresas, sofrem muito com o preconceito e discriminação dentro dos locais de trabalho. Layla Kelly, travesti, 24 anos, relata ao *site* que trabalha em uma empresa de alimentos há um ano e nove meses, no entanto, devido a tantas humilhações e constrangimentos, resolveu pedir demissão. A mesma disse que o que mais a incomodava era o fato de que as pessoas que trabalhavam com ela não a chamavam pelo seu nome social e sim pelo seu nome masculino (Layla Kelly entrevista ao *site* Correio de Uberlândia, 20 de abril de 2014).

Salientando ainda o que Goffman (1988) denomina por comportamento desviante, as travestis fogem do chamado comportamento proposto a indivíduos do sexo masculino dentro da sociedade. Partindo desse pensamento, a aceitação de travestis ou transexuais em locais de trabalho formal é quase impossível, visto que a maioria das pessoas só entende sexo e gênero da forma binária e heteronormativa. Tanto gays e lésbicas como travestis e transexuais se enquadram no chamado comportamento desviante, apresentado por Goffman, porém, a abertura do mercado de trabalho formal para os primeiros nasce de uma forma menos

preconceituosa em relação às segundas – não estou aqui querendo dizer que gays ou lésbicas não sofrem preconceitos. No entanto, mesmo como indivíduos homossexuais portadores de estigmas, o controle da informação pessoal pelos mesmos faz com que seu estigma seja camuflado ou revelado apenas para poucos, o que não ocorre com as travestis e transexuais, que mostram seus estigmas na pele, realmente como uma marca (GOFFMAN, 1988).

Acerca de comunidade, o autor Hermano Carmo (1999) nos mostra um conceito da mesma, segundo a visão do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, que diz:

[...] a comunidade é uma forma de vida antiga que se desenvolveu a partir da agregação de famílias num mesmo espaço, caracterizando-se por uma coesão social baseada em laços de sangue, de amizade, de costume e de fé. Com o crescimento do processo de urbanização decorrente da industrialização, o modelo de organização social transforma-se em sociedade (TÖNNIES, 1977 IN CARMO, 1999, p. 73).

Na visão de Ander-Egg (1980), comunidade constitui-se como sendo um grupo organizado de pessoas que se entendem como participantes deste mesmo grupo, desenvolvendo atividades de interesses comuns e interagindo-se mutuamente em um determinado local geográfico, podendo este último ser entendido como espaço. Ambas as noções de comunidade apresentam-se conversam entre si no sentido literal do que seria necessariamente uma comunidade. Esses conceitos trazem ideia de cumplicidade, união e parcerias entre membros desta mesma comunidade, ou seja, dá a entender que a comunidade é um lugar onde não há problemas sérios que não possam ser resolvidos ou outras implicações, como disputas, rivalidade e interesses próprios.

Porém, Bauman nos mostra o entendimento sobre a comunidade que desejamos ou que, pelo menos, entendemos como deveria ser e a comunidade em que vivemos. O autor relata que “[...] a comunidade é um lugar cálido, confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada [...]” (BAUMAN, 2003, p. 07). Dessa forma, o autor demonstra o sentido imagético de comunidade, como algo agradável, que traz proteção. Porém, o mesmo logo nos traz o real sentido de comunidade em nossa atualidade, nos mostrando que esse pensamento sobre a mesma não é falso, porém, não é o sentido de comunidade que vivenciamos:

[...] é fácil ver por que a palavra comunidade sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudessem confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? [...] Em suma, comunidade é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperaríamos vir a possuir (BAUMAN, 2003, p. 8 e 9).

Bauman trabalha com o conceito verdadeiro, esperado e almejado de comunidade para todas as pessoas, no entanto, no seu texto, nos chama a atenção as estruturas de comunidade que vivenciamos e estamos inseridos, indo estas na contramão das definições apresentadas. Segundo o autor, o que nossa comunidade nos oferece, além de refúgios cercados por grades e inúmeras tecnologias que nos prometem trazer proteção, é uma promessa de proteção, entre outras coisas que possam nos deixar seguros se, no entanto, nos submetemos à rigorosa obediência. Essa obediência seria o equivalente a reclusões, onde mais fácil seria o estar preso do que seguro, no entanto, todos querem estar inseridos em uma comunidade. O autor conclui, dizendo que “[...] não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade” (BAUMAN, 2003, p.10). Portanto, as pessoas se sentem bem e inclusas dentro de suas comunidades nesse pensamento do autor. Se as mesmas não sentirem-se inclusas, estarão fragilizadas e desprotegidas, porém, o preço que se paga para ter esta “proteção” é o cerceamento de sua liberdade, o afastamento físico e sentimental das demais pessoas.

Para falarmos sobre desenvolvimento comunitário, temos que entender primeiramente o que seria esse termo. Ezequiel Ander-Egg diz que desenvolvimento comunitário é:

[...] uma técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais, mediante a participação ativa e democrática da população, no estudo, planejamento, e execução de programas ao nível de comunidades de base, destinados a melhorar o seu nível de vida. (ANDER-EGG, 1980 p. 69)

Travestis e transexuais, mesmo excluídas socialmente ou reclusas em seus guetos – e aqui me refiro a grupos sociais ou contextos espaciais vivenciados (BAUMAN, 2003) –, participam desta mesma sociedade da qual não se sentem pertencentes como de seu desenvolvimento comunitário. A opinião formada socialmente em relação a travestis e transexuais, erroneamente, por boa parte da população, denota a existência das mesmas em seu meio apenas nos vieses da prostituição. Como Ander-Egg mencionou, seguindo o mesmo pensamento de Carmo (1999) em sua citação, a técnica social de promoção do homem e sua participação ativa e democrática rente à sociedade é uma das formas e práticas do desenvolvimento de comunidades. Ou seja, travestis e transexuais, como cidadãos de direitos e pertencentes, mesmo que de forma hostil, têm o direito e devem se expressar, devem mostrar que existem, que possuem direitos e que os reivindicam, pois as mesmas pertencem a esta sociedade que, muitas vezes, por falta de informação ou de um entendimento correto sobre essas atrizes sociais, acabam elencando-as à vida de prostituição ou de ganhos fáceis na noite.

Sem contar que, em se tratando de desenvolvimento, como fortes consumidoras de produtos de beleza, roupas, calçados, entre outros produtos, essas pessoas também participam ativamente do mercado de consumo, fazendo o mesmo se desenvolver e girar capital.

Burbano afirma que o desenvolvimento da comunidade – específico aqui, todos – é definido como um processo que possibilite criar condições para o progresso econômico e social de toda a comunidade, com a participação ativa da mesma (BURBANO, 2011). Logo, inseridas em contextos comunitários, travestis e transexuais também participam da vida econômica da sociedade através de seus gastos e despesas, possibilitando, segundo o autor, as condições de progresso de inúmeros estabelecimentos. Se o dinheiro dessas pessoas é aceito para diversos tipos de consumo, por que as donas desse mesmo dinheiro não são? Qual é a diferença do dinheiro de uma travesti ou transexual dos demais cidadãos? Acredito que nenhuma.

O autor reitera ainda que, “[...] desenvolvimento comunitário é uma forma de expressão social [...]” (BURBANO, 2011, p. 45). Portanto, o simples fato de, mesmo não sendo quistas em meio à sociedade, essas atrizes sociais também participam da mesma e expressam-se não apenas através de seus trabalhos como profissionais do sexo, mas também como consumidoras – citado acima – de diversos produtos, criando um sentimento nas mesmas de participação e expressão na vida econômica da sociedade.

Em meio a esse trabalho, saliento aqui a importância em se pesquisar esse público alvo, através de dados estatísticos sobre a violência e o preconceito contra travestis e transexuais nas regiões do Brasil.

No ano de 2011, o Grupo Gay da Bahia (GGB) documentou 266 assassinatos de LGBTs no Brasil. Destes, 98 casos eram de travestis e transexuais, colocando nosso país em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos. Especificamente, as regiões Sudeste e Sul, nessa pesquisa, apresentaram uma porcentagem de 34% desses homicídios, perdendo apenas para a região Nordeste, com um índice de 46% dessas mortes. Esses dados, levantados pelo Grupo Gay da Bahia e relatados no relatório anual de 2011, seguem apresentando inúmeros índices e casos de assassinatos de LGBTs no Brasil. Esse relatório apresenta mortes com alto teor de crueldade, não apenas nos casos de travestis e transexuais, como de outros cidadãos LGBT. Esse é o caso de Idete, travesti de 24 anos, ex-moradora de Campina Grande na Paraíba, que teve sua execução filmada e divulgada na internet quando levava 32 facadas antes de morrer. Crimes como esses, motivados pelo ódio, muitas vezes são negligenciados pela sociedade nacional ou local, que prefere fingir que não estão acontecendo

ou que não existem (GGB, 2012). Uma pesquisa realizada pela ONG *Internacional Transgender Europe* relatou que, entre janeiro de 2008 e abril de 2013, no Brasil, foram registradas 486 mortes de travestis e transexuais, superando o México, segundo país com mais casos registrados.

Observando tais porcentagens, podemos pensar em vários fatores oriundos do preconceito contra identidade de gênero e orientação sexual de alguns seres humanos. No entanto, faz-se necessário a disseminação de informações inerentes a esses públicos às comunidades, pois, através dessas informações, as pessoas terão prévio contato com tais pessoas, esclarecendo assim, quem estes são, o que pensam, desejam e reivindicam. Sendo esses fatores importantes dentro de nosso trabalho, pois o que mais se vê hoje são pessoas desinformadas ou com pensamentos equivocados acerca de travestis e transexuais. Através dessas porcentagens apresentadas e outros tantos casos sobre impunidades, exclusões, violências e mortes no Brasil, é que se apresenta a efetiva necessidade em se dar visibilidade não somente as travestis e transexuais, bem como suas atividades profissionais.

I – TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES: HISTÓRICOS E NARRATIVAS

Onde acaba o homem e começa a mulher? Não há fronteiras rígidas nesses corpos, por isso eles perturbam e fascinam.

Larissa Pelúcio.

Antes de nos debruçarmos pura e simplesmente no período e história da formação do movimento de travestis e transexuais, temos que apresentar suas origens e surgimentos, pois este passa, em pleno século XXI, a ganhar uma identidade individual outrora do próprio movimento LGBT, onde tantos travestis quanto transexuais, na visão de muitas pessoas, são apenas representadas pela letra “T” dentro de seu movimento, galgando assim, o que outrora não se podia ou conseguia conquistar, espaços e direitos para essas populações.

II O SURGIMENTO DO MOVIMENTO LGBT NO BRASIL

O movimento LGBT brasileiro, em seus primórdios, intitulado apenas como movimento gay, surge marcado pela afirmação de propostas políticas das questões da homossexualidade no final do ano de 1970, composto apenas por homens homossexuais e tendo como meta atividades de sociabilidade (FACCHINI, 2011). A autora afirma que o surgimento do movimento homossexual indica a necessidade de se reivindicar direitos universais e civis plenos para essa população, indo além dos “guetos”¹⁰ homossexuais, voltando-se assim para toda a sociedade de uma forma ampla (FACCHINI, 2011). Com diversas mobilizações de cunho homossexual acontecendo em diferentes países desde o final da década de 1960, através de inúmeros contatos formados por diferentes grupos de militância gay nas grandes cidades do Brasil e com a „abertura“ política advinda do final da ditadura militar, os grupos de ativismo gay começam a ganhar força no final da década de 1970 (FACCHINI, 2002).

¹⁰ Guetos: Segundo o autor Zygmunt Bauman (2003, p. 105) [...] combina o confinamento espacial com o fechamento social: podemos dizer que o fenômeno do gueto consegue ser ao mesmo tempo territorial e social, misturando a proximidade/distância física com a proximidade/distância moral [...] a *homogeneidade* dos de dentro, em contraste com a *heterogeneidade* dos de fora. E, segundo o dicionário Houaiss (2001) de língua portuguesa, seria por imposições sociais, econômicas e/ou raciais, confinamento de certas minorias. E ainda, segundo Brasil (2010, p. 17), este local seria para o movimento LGBT a designação dada antigamente aos locais frequentados por homossexuais. Nos dias de hoje, já não é mais utilizado, devido ao caráter do movimento de conquista da dignidade em qualquer espaço público. Os guetos não representavam lutas políticas, apenas reuniões e locais de encontro e convivência com iguais.

É de suma importância salientar neste, que o marco internacional para o surgimento de uma movimentação LGBT, aconteceu em Nova York, no ano de 1969, onde na noite do dia 28 de junho, um bar de frequentadores LGBT foi invadido por policiais que, através de duras repressões, agrediram e bateram nas pessoas que estavam no local. Sofrendo por diversas vezes tais represálias pelas autoridades locais, neste dia, a população que neste se encontrava resolvera enfrentar tais autoridades, culminando em tumulto e pancadaria. Durante três dias e três noites, o público que ali se encontrava resistiu ao cerco policial e protestaram tais atitudes. Este episódio então passou a ser reconhecida como a “Revolta de Stonewall”, ganhando visibilidade para a população LGBT não somente nos Estados Unidos da América, como no mundo todo (BRASIL, 2010). Devido a esse impasse e resistência, a data do dia 28 de junho passa então a ser reconhecida mundialmente como Dia do “Orgulho Gay”, “Parada LGBT” e, atualmente, denomina-se como sendo “Parada da Diversidade LGBT¹²”, ocorrida inicialmente no Brasil, no ano de 1997, em São Paulo capital (BRASIL, 2010; FACCHINI, 2011). Fazendo-se esclarecer, é importante destacar que o movimento LGBT em seus primórdios, como visto, possuía apenas homens homossexuais, no entanto, com a forte repressão exercida pela ditadura militar através da censura e de outras formas de coerção social e unidos juntamente com o movimento feminista e negro, as mulheres homossexuais passam a integrar também o movimento LGBT, o qual passa então a assumir uma militância gay e lésbica (CARVALHO; 2011; FACCHINI, 2002; GREEN, 2000).

Regina Facchini, em sua dissertação e mestrado (2002), nos mostra três ondas do movimento LGBT no Brasil. A primeira onda acontece durante os anos de 1978 – 1983, onde neste momento, aliados ao movimento feminista e ao movimento negro, o público LGBT reivindica propostas de cunho a transformar não só o pensamento, como a atitude da sociedade, entre estas, as questões sobre o machismo, sexismo e a discriminação sexual eram veementemente repudiadas. Em 13 de junho de 1980 ocorre a primeira passeata organizada pelo movimento gay e lésbico contra a violência policial exercida através da “Operação Limpeza¹³”, comandada pelo delegado Richetti¹⁴ na cidade de São Paulo capital.

¹¹ *Stonewall In* era o nome do bar onde LGBTs frequentavam, ficando reconhecido como a Revolta de Stonewall o episódio acontecido no mesmo. (Brasil, 2005, p. 10). Para mais informações e vídeos que mostram essa história, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=cxSBW79yxjQ>

¹² A Parada da Diversidade LGBT é um dia onde pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero se reúnem como um propósito específico em cada parada para protestar e festejar a visibilidade LGBT (Brasil, 2010).

¹³ A Operação Limpeza foi uma ação da Polícia Civil, realizada em comando do delegado José Wilson Richetti, na cidade de São Paulo, na década de 1980. Essa operação tinha como intuito tirar das ruas (limpar) prostitutas, travestis e trombadinhas, porém, sob muita agressão e coerção (PERLONGHER, 1987).

A Operação Limpeza, ocorrida na década de 1980, foi para muitos integrantes da cena gay, tanto deste período quanto da atual, a represália mais severa desde então, pois nesta, com o forte surgimento de travestis na década de 1970 e o aumento tanto dos mesmos como de prostitutas e michês nos centros das cidades de grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro e sem proteção constitucional alguma, as barbáries ocorridas pelos integrantes dessa operação foram severas e torturantes, é o que relata João Silvério Trevisan em entrevista a Néstor O. Perlongher (1987), em seu livro “O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo”, ao relatar que o delegado Richetti dizia: “[...] precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas [...]” (TREVISAN In PERLONGHER, 1987, p. 94). Perlongher ainda apresenta outro relato de Trevisan onde este diz que os métodos para “limpar” a central de São Paulo de travestis, prostitutas, michês e trombadinhas eram contundentes:

“[...] o próprio Richetti [...] esmurre as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão [...] Um travesti relata como Richetti [...] abriu uma gaveta e fechou-a violentamente prendendo seus seios [...] investigadores tentam tirar a dentadura de um travesti para recolher a gilete aí escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais é espancado e tido por mentiroso [...] Nos bares [...] os investigadores já chegam gritando: „Quem for viado pode ir entrando no camburão“ ” (Trevisan in Perlongher, 1987, p. 94).

O autor, seguindo com seu relato, diz que o declínio da operação limpeza ocorre após a prisão de um sociólogo do CEBRAP, quando então o Comitê Brasileiro de Anistia ¹⁵, através do jurista Hélio Bicudo ¹⁶, instaurou um processo contra o delegado Richetti e o secretário da Segurança; estes são convocados para depor perante a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia dos Deputados sobre tais atos (PERLONGHER, 1987). Em marcha, os grupos homossexuais, negros e feministas, juntamente com estudantes universitários, convocam um ato público na data do dia 13 de junho de 1980, onde as palavras de ordem durante o ato eram: “*ADA ADA ADA RICHETTI É DESPEITADA*”, “*A B X LIBERTEM OS TRAVESTIS*” e entoado pelas feministas, sendo as palavras de ordem mais repetida: “*SOMOS TODAS PUTAS*” (PERLONGHER, 1987, p. 95). No relato histórico sobre o saldo da operação limpeza, Perlongher afirma que tal ação tinha como explícito alvo, primeiramente, as travestis e, em segundo lugar, as prostitutas. Richetti dizia que havia diferenças entre as travestis e os homossexuais, pois os segundos não criavam problemas, eram pessoas humildes, recatadas e

¹⁴ Mais conhecido como delegado Richetti, José Wilson Richetti foi um delegado da 3ª Seccional da cidade de São Paulo capital, responsável pela “Operação Limpeza”.

¹⁵ Disponível em:

http://www.ael.ifch.unicamp.br/site_ael/index.php?option=com_content&view=article&id=115&Itemid=91

¹⁶ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lio_Bicudo

„tinham vergonha“, já as travestis, além de se exporem, não tinham vergonha alguma (PERLONGHER, 1987).

Ao término da chamada primeira onda do movimento LGBT, a população mundial depara-se com a chegada e constante evolução de casos de HIV/Aids, reduzindo drasticamente o número de grupos de militância LGBT e, em especial, na cidade de São Paulo capital. Ainda em 1981 e 1985, acontece uma campanha nacional coordenada pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, na luta pela despatologização do termo homossexualidade do código de doenças do INAMPS – atual SUS (FACCHINI, 2011). São nesses impasses que se inicia a segunda onda do movimento LGBT no Brasil.

A segunda onda do movimento homossexual ocorrera nos anos de 1984 a 1992. Este momento marca um aumento da visibilidade pública da homossexualidade, tanto de uma forma positiva como negativa (FACCHINI, 2002; GREEN, 2000). O que designamos como sendo uma forma positiva, expressa as questões reivindicadas por esse movimento, questões como sociabilidade, coletividade e aceitação da visibilidade de tais pessoas dentro da sociedade. No entanto, a forma negativa que atribuímos a então segunda onda desse movimento se expressa nitidamente com o surgimento do vírus da Aids, em 1982, no Brasil, e seu então aumento gradativo ano após ano. Com tal doença matando pessoas neste contexto e sem saber sua origem, motivo e forma correta de contaminação, o público alvo, então „responsáveis pela doença“, foram os homossexuais, pois, juntamente com suas reivindicações de aceitação, a liberação sexual era uma delas, levando a entender por boa parte da população que tal vírus advinha de um comportamento promíscuo apresentado pela população gay e essa doença era resposta do „pecado, era um castigo Divino“ pelo que tais pessoas praticavam. O vírus da Aids no Brasil, após seu surgimento, recebeu o nome de „peste gay“ ou „câncer gay¹⁷“, tanto pela população como pelos veículos midiáticos (GREEN, 2000).

As características mais marcantes apresentadas por esta onda seriam: menos envolvimento do movimento gay em projetos de transformação social como em geral, ações mais objetivas voltadas para a garantia dos direitos civis, ações contra a discriminação e a criação de organizações formais sem rotatividade em suas direções. Outra mudança importante no cenário ocorrida nesta onda foi a adoção do termo „orientação sexual“, desmistificando o ideário de que a homossexualidade seria uma opção, mas sim uma condição inata (FACCHINI, 2002). Em todo o momento da segunda onda do movimento gay e a partir da

¹⁷ “Peste gay ou “Câncer gay” era o nome social utilizado para o vírus do HIV/Aids no Brasil em meados da década de 1980. Para maiores informações, disponível em: <http://memoriambah.blogspot.com.br/2012/11/os-sombrios-anos-da-peste-gay.html>

descoberta do vírus da Aids, os militantes desta causa se viram na necessidade tanto de cobrar esclarecimentos do governo sobre o surgimento e causas do HIV/Aids, como em se criar estratégias perante a sociedade no intuito de acelerar os processos de respostas para toda a população, visto que, mediante esta epidemia, eram tais pessoas que estavam sendo prejudicadas em todos os segmentos da sociedade. Nos primórdios dos anos de 1990, o movimento homossexual passa então a obter as resposta que tanto buscava para o vírus da Aids, tornando assim o Brasil pioneiro na resposta de dado enfrentamento. Esse foi um fato que fez as pautas do movimento nas políticas públicas entrarem não através de demandas como cidadania ou conselhos de direitos, mas sim através de políticas de saúde e, em específico, as políticas que contemplavam os casos de DSTs e Aids (FACCHINI, 2011; CARVALHO, 2011).

A partir dos avanços, prevenções e informações obtidas gradativamente sobre o HIV/Aids, o movimento gay vai entrando no que podemos denominar aqui de forma comparativa, porém, pacífica em uma chamada “Primavera Árabe¹⁸”, pois, através de muitos esforços, manifestações, reivindicações, passeatas e informações, o movimento gay vai superando o estigma de “causadores da Aids”, deixando claro para toda a sociedade que todos são passíveis do contágio pela doença, independe de suas orientações sexuais ou identidades de gênero. Com isso, o aumento do número de grupos LGBTs foi sendo gradativo por todo o Brasil, ganhando aliados de todos os setores, como: Ongs, partidos políticos, grupos religiosos – as chamadas igrejas inclusivas¹⁹ -, universidades, grupos comunitários, entre outros. É muito importante dizer também que é em meio a esta onda que surgem juntamente ao movimento homossexual brasileiro, os bissexuais, visto que, outrora, por diversos fatores – acredito que o medo de diversas formas de repressão foi um dos maiores –, essas pessoas não se encontravam posicionadas ou praticando um ativismo direto dentro do movimento, passando esse movimento a ganhar mais uma força rumo aos seus objetivos de luta. São com esses avanços sociais que o movimento vai adentrando no que Regina Facchini chama de terceira onda do movimento gay (FACCHINI, 2002).

A terceira onda do movimento LGBT teve início no ano de 1993 e perdura até hoje. Este momento traz diversas características distintas das outras ondas, pois neste já se encontram

¹⁸ Primavera Árabe: como é conhecida mundialmente, é uma onda revolucionária de manifestações e protestos que vêm ocorrendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 18 de dezembro de 2010. Para maiores informações disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/primavera-Arabe.htm>

¹⁹ Igrejas Inclusivas são locais de manifestações religiosas (cultos, missas ou seções ou reuniões) para o público LGBT. Para maiores informações disponível em: <http://igrejainclusiva.blogspot.com.br/> ou <http://igay.ig.com.br/2014-03-09/rejeitados-por-religioes-tradicionais-gays-buscam-as-igrejas-inclusivas.html>

como sujeitos políticos integrantes do movimento, não somente os gays e as lésbicas, mas também as travestis e transexuais, com apropriações e demandas específicas para cada um desses grupos; bem como uma „reputação“ sólida de quem são e o que querem estes indivíduos. No ano de 1995 é criada a primeira e maior organização LGBT da América Latina, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais – ABGT. É nesse período que a população LGBT passa a ter maior visibilidade também nos meios midiáticos. O que outrora os expunha como indivíduos „imorais e degradantes“, por causa do surgimento do vírus da Aids, esse público passa a utilizar dada situação nesse momento em seu favor, tornando assim visível não só a cena gay²⁰, como também suas práticas (SILVA JUNIOR, 20014; PERLONGHER, 1987). Um dos maiores fenômenos sociais também desse período são as Paradas da Diversidade LGBT, onde estas celebram o dia da visibilidade LGBT, embasados em diferentes temáticas e de diversas formas. A mesma teve início, como vimos, na cidade de São Paulo, porém, hoje já faz parte dos calendários de diversas cidades do Brasil, sendo um evento aguardado por boa parte da população e pelos comerciantes destas cidades, visto que o “Pink Money²¹” gera muitos lucros para diferentes tipos de estabelecimentos comerciais por onde as paradas têm sido realizadas (SILVA JUNIOR, 2014; CARVALHO, 2011).

I.II O SURGIMENTO DO MOVIMENTO TRAVESTI E TRANSEXUAL NO BRASIL

Após apresentar o histórico do movimento LGBT desde o seu surgimento até a atualidade, abordarei agora o movimento das travestis e transexuais em específico, visto que estas são o público de interesse nessa pesquisa. No entanto, antes de começar falando especificamente do movimento das travestis e das transexuais, é de suma importância relacionar o surgimento dessas pessoas no movimento a uma literatura pertinente às mesmas. Já abordado tal pensamento, a não adesão de travestis e transexuais no movimento, pelo fato de não serem vistas e nem quistas como pessoas que trariam uma boa imagem para este, não é algo próprio do movimento LGBT brasileiro. Nos Estados Unidos da América, as mesmas pessoas sofriam

²⁰ Cena gay é a forma que algumas pessoas do movimento LGBT costumam se referenciar aos espaços de sociabilidade LGBT e a cultura homossexual (moda, músicas, acessórios, etc). Para maiores informações, disponível em: <http://planetaamerica.com/a-cena-gay-de-nova-york/>

²¹ *Pink Money*: Expressão utilizada para o dinheiro da população LGBT no dia das Paradas da Diversidade LGBT. Maiores informações ver: <http://www.revistabrasileiros.com.br/2011/06/o-poder-do-pink-money/#.VGwmsPnF9e8>

o mesmo impasse, surgindo então, na segunda metade da década 1980, a “Teoria *Queer*”²², um arsenal não só de pensamentos, pesquisas e ações, mas uma „salvação“ para esses públicos, tidos como abjetos²³ em meio à sociedade.

Queer, primeiramente, diferente do que muitos imaginam, não é uma palavra agradável; em sua tradução do inglês para o português, significa esquisito, bicha, homossexual efeminado. Sendo assim, Richard Miskolci e seu livro “Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças” (2013), nos mostra que a ideia que expressa a nação estranha ou bicha é a de que parte de toda a nação foi rejeitada, humilhada, sendo considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo pelo advento do HIV/Aids. Em meio a essas reações, surge então o movimento *queer*, em reação e resistência a um novo momento, onde o mundo inteiro se encontrava em histeria por causa da Aids (MISKOLCI, 2013). Ainda o autor nos informa que esse movimento vem para mostrar e dizer a sociedade: “olha, mesmo os gays e as lésbicas respeitáveis, em certos momentos históricos, serão atacados e novamente transformados em abjetos [...]”, reforçando que o *queer* não é uma defesa da homossexualidade, mas sim a recusa dos valores morais que cerceiam e fazem valer as abjeções. Estes lutam para tornarem visíveis as injustiças e violências exercidas aos mesmos. (MISKOLCI, 2013, p. 24, 25).

Na visão de Judith Butler, o *queer* vem como uma nova proposta política para os gêneros e algumas pessoas afirmam que tal ideia se reforça na inclusão das travestis e transexuais em meio ao movimento LGBT, quebrando a visão que perdurava destas não serem pessoas merecedoras de uma causa ou luta (BUTLER, 2000). A teoria *Queer* ainda trata os gêneros de forma cultural, estando tanto o masculino como o feminino em homens e mulheres, estando o gênero relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e em cada sociedade (MISKOLCI, 2013, p. 32).

Beatriz Preciado, sobre a teoria *queer*, nos apresenta também a ideia de que as políticas das multidões *queer* surgem de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, não havendo bases naturais – gays, lésbicas, homem, mulher, etc –, mas sim uma legitimação de ações políticas (PRECIADO, 2011, p.

²² A Teoria *Queer* é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Para maiores informações, consultar os autores: LAURETIS, Teresa (1980); MISKOLCI, Richard (2013); SCOTT, Joan (1995); BUTLER, Judith (2003); LOURO, Guacira (2000).

²³ A abjeção se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política [...] Em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade [...]. Podendo, em uma definição mais simples, significar pessoas anormais (não sendo homo ou heterossexuais de classe média, pele branca e cristãos) (MISKOLCI, 2013, p. 24).

18). Nota-se que essas ações políticas que a autora informa são ações heteronormativa disciplinares, que se impõem sobre os corpos através da cultura binária apresentado nas sociedades.

Sabemos que o histórico da aparição de travestis bem como de transexuais – porém, mais as travestis –, tanto socialmente como em forma de atores políticos também portadores de direitos sociais, ocorrera de forma difícil. As primeiras aparições de travestis nos contextos sociais datam dos anos de 1970, onde as mesmas começaram a frequentar os espaços de sociabilidade em grandes capitais, como praças públicas, casas noturnas, bares e avenidas. Na maioria dos casos, todas as vezes que se via uma travesti nesses ambientes, estavam em função de seus trabalhos, no caso, a prostituição (PERLONGHER, 1987, GREEN, 2000, FACCHINI, 2002). O surgimento das travestis em meio à sociedade causa um *frisson* nas pessoas, que passavam onde as mesmas estavam, é o que relata João Silvério Trevisan:

[...] o que mais me surpreendeu foi à presença maciça de travestis prostitutas no centro de São Paulo. Não eram um ou dois, mas dezenas que se multiplicavam a cada semana [...] As pessoas que passavam pelo centro [...] olhavam entre boquiabertas e fascinadas aquelas putas escandalosas, de voz grossa, traços geralmente mais duros e pés grandes, assediados por carros que paravam e acertavam o preço (TREVISAN, 1997, p. 74-75).

Em meio a esses cenários, surgem nossas protagonistas, que agora se dará visão das mesmas dentro de seus movimentos e do movimento LGBT. A não aceitação das mesmas, tanto socialmente como dentre os militantes gays, era algo visível na vida dessas pessoas (CARVALHO e CARRARA, 2013). Sem contar que os primeiros relatos da aparição de travestis advêm dos carnavais brasileiros – sendo vistas como espalhafatasas e promíscuas; fora destes, as mesmas sempre estiveram vinculadas à prostituição, HIV/Aids e as violências policiais (SILVA, 1993).

Através desses fatos é que se constituiu a organização de um movimento travesti e, futuramente, transexual (CARVALHO; 2011). A aparição de movimentos ativistas dessas pessoas ocorreu a partir da década de 1990, quando um grupo de travestis, que se prostituíam na praça Mauá, no Rio de Janeiro capital, se reuniu no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) no intuito de formar a primeira organização política de travestis, em resposta às inúmeras violências sofridas por policiais por se prostituírem. Essa instituição recebeu o nome de Associação das Travestis e Liberados²⁴ do Rio de Janeiro (ASTRAL). Como o

²⁴ Liberados: O termo liberado se refere às pessoas que não se importam com relacionamentos, sejam com gays, com travestis ou com transexuais. Para maiores informações, ver o texto: CARVALHO, Mario; CARRARA,

propósito inicial da formação desse grupo, suas primeiras ações foram no intuito de impedir a prisão de travestis indiscriminadamente e de esclarecimento sobre o HIV/Aids para essas profissionais e para a população, que as tinham como portadoras e transmissoras da mesma (CARVALHO, 2011).

Devido às ações bem sucedidas do grupo ASTRAL, no ano de 1993, esse grupo organizou na cidade do Rio de Janeiro capital o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados, com o tema “Cidadania não tem roupa”, contando com a participação de 95 pessoas de cinco estados diferentes. Esse encontro, em suas outras edições, passou a se chamar Encontro Nacional de Travestis e Transexuais (ENTLAIDS) (CARVALHO e CARRARA, 2013; SILVA JUNIOR, 2014). Aqui podemos notar que já se faz presente, em meio à militância, as transexuais, “T”²⁵. Carvalho nos mostra que as discussões e debates sobre a transexualidade e, em específico, a construção da categoria “transexual” como uma identidade de gênero diferente e separada das identidades travestis, apresentam-se como discussões recentes, surgindo dentro dos contextos sociais e políticos no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 (CARVALHO, 2011, p. 325).

A Ong ASTRAL, e muitas outras que foram surgindo no decorrer dos anos, possibilitaram projetos de prevenções de DST-Aids, através de cursos de capacitação para esse público, tornando-as agentes comunitárias e sujeitos de direitos nos campos políticos e jurídicos. Através desses passos, começou pouco a pouco a se instituir um movimento nacional dessas militantes, culminando na criação da Rede Nacional de Travestis e Liberados (RENTRAL), passando em edições futuras a se chamar Rede Nacional de Travestis (RENATA), culminando em dezembro do ano de 2000, na cidade de Curitiba/PR, em uma rede nacional de Ongs de travestis e transexuais, intitulada como Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA).

Ainda aqui cabe mencionar que os encontros do ENTLAIDS foram de suma importância para esses grupos, pois através desses encontros, travestis e transexuais puderam dialogar com o poder público e ganhar maior visibilidade e participação dentro do movimento LGBT (CARVALHO, 2011). Como relatado no início desse tópico, as travestis, em especial, tiveram

Sergio. **Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil.** Revista latino-americana, nº 14, agosto de 2013, p. 319-351, Rio de Janeiro.

²⁵ Militância “T”: Movimentos sociopolíticos e culturais exercidos por travestis e transexuais. Para mais informações, ver o texto: CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **De “doidas e putas” a “respeitáveis militantes”: um histórico do movimento de travestis e transexuais no Brasil.** 35º Encontro Anual da ANPOCS. GT 32 – Sexualidade e Gênero: sociabilidade erotismo e política de 24 a 28/10/2011, Caxambu/MG. Disponível em: www.sigeventos.com.br/anpocs/inscricao/resumos/.../TBR1076-1.DOC ou http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1203&Itemid=353

muita dificuldade de aceitação dentro do movimento LGBT, pois as primeiras propostas do movimento eram em prol de uma sociabilidade advinda da boa aparência e de um comportamento que, muitas vezes, não pudessem identificar os militantes gays como sendo homossexuais. Com as propostas de inclusão de travestis, certa tensão foi instaurada entre o grupo, pois até mesmo esses ativistas viam as travestis como indivíduos que, possivelmente, denigrariam a imagem do “gay heteronormativo” que se queria passar (FACCHINI, 2011; CARVALHO e CARRARA, 2013). Jovanna Baby²⁶ relata essa situação ao se lembrar do início das participações de travestis nos eventos do movimento gay e lésbico:

[...] Eles (gays e lésbicas) não queriam por hipótese alguma colocar o T. [...] A gente ia para os eventos e eles nos discriminavam. Eles ficavam de longe apontando na hora que a gente ia comer, na hora do café da manhã. Não queriam dividir apartamento, não queriam sentar na mesma mesa do café, do almoço, do jantar (Jovanna Baby 18/06/2010 in Carvalho e Carrara, 2013, p. 331).

Como já apresentado, até o início dos anos de 1990, travestis e transexuais não participavam formalmente do movimento gay e lésbico. Com o ganho gradativo de visibilidade dos grupos específicos de travestis e transexuais, as mesmas puderam encontrar um espaço dentro do movimento gay e lésbico, o que ocorrera no ano de 1995, no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Neste, surgia como visto a ABGLT, passando então, oficialmente, o termo travesti fazer parte da sigla apresentada acima, bem como dos encontros nacionais, é o que aconteceu em 1997, no Encontro Brasileiro de Gay, Lésbica e Travesti (EBGLT) (SIMOÕES e FACCHINI, 2009; CARVALHO, 2011).

Em meio a debates sobre transexualidade no movimento LGBT, final dos anos 1990 e início dos anos 2000, um termo foi incorporado ao vocabulário dos militantes, palavra esta de suma importância, pois desmistificaria de uma vez as comparações e diferenciações entre gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais; esse termo era a palavra “identidade de gênero²⁷” (CARVALHO, 2002). Uma situação importante, ocorrida em 1997, foi o fato de

²⁶ Jovanna Baby foi fundadora da primeira Ong de travestis do Brasil, a Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL). Também organizou o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados em 1993. Para mais informações, disponível em: <http://www.riachaonet.com.br/transex-picoense-participara-da-cupula-dos-povos-na-rio20.html/jovd-1/>

²⁷ Identidade de gênero: É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgico e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é também a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher) (BRASIL, 2010, p. 16) Disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>

que as cirurgias de redesignação genital²⁸ deixaram de ser consideradas como crime de mutilação pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), através da resolução de nº 148²⁹/97 passando assim a serem realizadas em alguns hospitais universitários em caráter experimental (SILVA JUNIOR, 2013; CARVALHO, 2011). Este avanço na área da medicina foi muito importante para as pessoas transexuais; tais políticas de saúde puderam ser efetivadas em meio à sociedade e entre esses coletivos, devido a toda uma organização e grupo onde estes eram participantes.

Outro fato que trouxe grande visibilidade para as travestis e as transexuais em nossa contemporaneidade foi à data comemorativa do dia 29 de janeiro, data em que se comemora o “Dia da Visibilidade Trans³⁰”. A escolha desta data, segundo Carvalho e Carrara, “[...] destoa da escolha do dia 28 de junho, [...] Dia do Orgulho Gay, pois não marca uma batalha de resistência, mas um momento simbólico de reconhecimento do movimento de travesti e transexuais pelo poder público” (CARVALHO E CARRARA, 2013, p. 343). Outro fato apresentado esporadicamente durante o texto e, neste momento é de grande importância em se explicar, é o fato de que tanto as travestis como as transexuais não querem mais ser reconhecidas como transgêneros. As mesmas dizem que, além de transgênero ser uma palavra norte-americana – “*Transgender*³¹”, esta englobaria tanto travestis quanto transexuais de uma forma genérica, em que a mesma não as representasse em suas totalidades e peculiaridades; porém, em nossa atualidade, o termo que se tem feito aceito tanto por travestis quanto transexuais é a palavra “pessoa Trans³²”, que na visão de Carvalho, a expressão “Trans” pode ser classificada tanto para as travestis como para as transexuais, trazendo visibilidade positiva com a eliminação do termo travesti, considerado estigmatizante para muitas e a não medicalização do ponto de vista social do termo transexual para mulheres e homens Trans (CARVALHO, 2011, p. 347). Essa é mais uma vitória obtida pelas pessoas

²⁸ Redesignação genital é o termo para os procedimentos cirúrgicos pelos quais a aparência física de uma pessoa e a função de suas características sexuais são modificadas para aquelas do sexo oposto. É parte do tratamento para a desordem do transtorno de identidade para transexuais. Para mais informações, ver o site: <http://diariodebiologia.com/2014/04/entenda-como-ocorre-a-cirurgia-de-troca-de-sexo/#.VGz88vnF9e8>

²⁹ Resolução nº 148/97. Disponível em: www.al.to.gov.br/arquivo/24626

³⁰ Dia da Visibilidade Trans. Para mais informações, ver o site: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/campanha/ver/9_dia-da-visibilidade-trans---29-de-janeiro

³¹ *Transgender*, para maiores informações, ver o site: <http://www.advocate.com/politics/transgender> ou BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2ª edição, Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000, p. 7-168.

³² Pessoa trans. Para maiores informações, ver: <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2013/03/30/voce-sabe-o-que-significa-ser-transexual-saiba-agora/> ou <http://www.abglt.org.br/port/index.php>

transexuais em meio às lutas, juntamente com o movimento LGBT, os coletivos de travestis e transexuais e as campanhas que dão visibilidade cada vez mais a essas pessoas.

I.III ASSOCIAÇÕES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO ESTADO DO PARANÁ

A história, tanto do movimento gay e lésbico, passando depois ao movimento LGBT no Estado do Paraná, não se diferencia da maioria de outros estados, visto que o marco de seu surgimento também ocorrera sobre forte repressão por parte da sociedade e de resistência por parte dos cidadãos homossexuais, travestis e transexuais. Como nos demais estados, a movimentação de homossexuais aconteceu, primeiramente, na capital do estado, Curitiba/PR, porém, de uma forma não articulada ou esperada.

O figurinista Ney Souza³³ e o cabelereiro Feliciano³⁴ eram as duas presenças notáveis dos anos de 1974, que se tem notícias, a serem reconhecidos como cidadãos gays assumidos na cidade, pelo fato de Curitiba, nessa época, ser uma cidade extremamente conservadora. Nessa mesma época, surge então um bar chamado Celsus's Bar³⁵, de frequência homossexual, tendo como proprietário o ator e bailarino Celso Filho³⁶, que acabara de voltar do exterior. Celso Filho, em entrevista ao jornal Folha de Parreira³⁷, disse que ao abrir o bar não tinha intenção que o mesmo fosse um bar gay, justamente pela cidade ser muito conservadora (BRASIL, 2005).

Porém, acreditamos que, por Curitiba não ter um local público de frequência homossexual na época e pelo fato de Celso ter voltado do exterior, sendo uma pessoa resolvida sobre sua sexualidade, tais referências fizeram com que o espaço passasse a ser visto e frequentado por essas pessoas. No Bar Stonewall, as batidas e perseguições policiais passaram a ser constantes, sendo, portanto, um chamariz para o lugar, pois segundo Celso, quanto mais notícias apareciam na mídia a respeito dos conflitos corridos no Bar, mais pessoas homossexuais passavam a frequentar o local (BRASIL, 2010). Com o negócio indo de vento em polpa, Celso resolvera abrir outros estabelecimentos para o mesmo público, que também

³³ Para mais informações, visitar o site: <http://palhacopiri.blogspot.com.br/2013/04/estilista-e-figurinista-ney-souza.html>

³⁴ Disponível em: www.misterwhat.com.br

³⁵ Para mais informações, ver o site: http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/?page_id=185

³⁶ Ator e bailarino Celso Filho. Para mais informações, consultar o site: http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/?page_id=185

³⁷ Jornal Folha de Parreira. Para maiores informações, consultar o site: http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/?page_id=185

passaram a sofrer repressões da polícia. Toni Reis, um dos fundadores do Grupo Dignidade ³⁸, também em Curitiba, relata que “[...] a polícia revistava de maneira desrespeitosa e as pessoas se escondiam [...] e para se esconder da polícia, os gays subiam em árvores. O desrespeito era muito grande” (TONI REIS In BRASIL, 2005, p. 17).

Durante a década de 1980, com 70 anos de idade, Celso Filho foi preso por ser proprietário da casa noturna Clube 2³⁹. As autoridades alegavam que Celso não poderia fazer/apresentar shows sem sua permissão; o proprietário, além de passar um final de semana na cadeia, teria que responder a um processo na prisão com ordens para transferi-lo ao presídio do Ahú ⁴⁰. Por causa desse episódio, Celso Filho se afastou dos negócios durante a década de 1990, chegando a ganhar um reconhecimento oficial do município por seus serviços prestados (CAMARGO, 2009; BRASIL, 2010).

O primeiro grupo de homossexuais a ser formado na cidade de Curitiba foi o Grupo Dignidade, na data do dia 16 de maio de 1992, com uma proposta de dar visibilidade à cidadania homossexual. Antes dessa data, a primeira formação do grupo ocorrera no dia 14 de março do mesmo ano, com o nome GEEP; hoje, o grupo se intitula Grupo Dignidade, pela cidadania LGBT. O nome „Dignidade“ faz menção ao fato de que, segundo David Harrad, “[...] orgulho nós já temos, o que queremos é a dignidade como cidadãos” (DAVID HARRAD In BRASIL, 2010 p. 23). Os anos foram passando e a visibilidade desse grupo, não somente na cidade de Curitiba como em todo o estado paranaense, foi aumentando, culminando na formação e elaboração de diferentes coletivos e entidades, como o Centro Paranaense de cidadania (CEPAC), a Associação Paranaense da Parada da Diversidade (APPAD), ARTEMIS, DOM DA TERRA, a Associação de Travestis e Transexuais (TRANSGRUPO MARCELA PRADO - TPM), a ANTRA, entre outras parcerias. Porém, o objetivo nesse trabalho é relatar um pouco do histórico da Associação de Travestis e Transexuais (Transgrupo Marcela Prado), visto que são os grupos de pessoas, cujas quais, me refiro nesse trabalho e esse se encontra localizado no estado do Paraná.

Marcela Prado⁴¹ foi uma Conselheira Municipal de Saúde da cidade de Curitiba/PR, membra da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e uma

³⁸ Para mais informações, visitar o site: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/>

³⁹ Para maiores informações, visitar o site: <http://www.cepac.org.br/blog/>

⁴⁰ Para maiores informações, visitar o site: <http://wp.hagah.com.br/curitibairros/2008/09/22/ahu-cassino-e-presidio-na-historia-da-cidade/> ou <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/prisao-provisoria-de-curitiba-penitenciaria-do-ahu-desativada-desde-julho-de-2007-paredes-que-falam/>

⁴¹ Para maiores informações, visitar o site: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/07/287540.shtml> ou ainda <http://transgrupotmp.blogspot.com.br/2011/08/i-conferencia-municipal-de-politicas.html>

das fundadoras da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Esta ativista foi uma das mais importantes e bem quistas lideranças do movimento das travestis e transgêneros e enfrentamento a Aids, participando em diferentes lutas contra a discriminação, ao respeito à diversidade sexual e pela cidadania e dignidade de travestis e transexuais. Marcela também foi parceira do Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde, sendo uma das protagonistas na sociedade civil a colaborar com a definição das políticas pública em HIV/Aids, dando sempre preferência a qualidade e a seriedade de tais políticas. Marcela Prado faleceu na madrugada do dia 24 de julho de 2004, às 4h25min, vítima de complicações da Aids (GLS/Aids. Gov. br, 28/07/2004). Em sua homenagem, o grupo de travestis e transexuais de Curitiba passou a se chamar Transgrupo Marcela Prado, devido ao grande exemplo de cidadania e humanidade apresentado por esta.

O Transgrupo Marcela Prado (TPM) teve início no dia 16 de Outubro de 2004 e é uma Ong sem fins lucrativos, tendo como população prioritária as travestis, transexuais, profissionais do sexo feminino, pessoas convivendo com HIV/Aids e seus familiares. A missão desse grupo é promover a cidadania, saúde, educação, segurança, inserção social e a autoafirmação da identidade de gênero de todas as pessoas trans. O TPM, desde o ano de 2005, participa dos encontros de travestis e transexuais tanto regionalmente como nacionalmente, onde nestes, assuntos como ações de prevenção ao HIV/Aids, inserção social, exercício dos deveres e direitos, cidadania, saúde, educação, segurança, entre outros temas que fazem parte da vidas dessas pessoas, são debatidos. Esse grupo está sempre presente também em encontros como o Encontro Regional Sul de Travestis e Transexuais⁴² e o ENTLAIDS (BRASIL, 2006).

Tanto o TPM como o Grupo Dignidade vem estabelecendo redes e contatos com diferentes grupos, como Ongs e coletivos que trabalham com a diversidade e defesa das pessoas LGBTs em diversas cidades do Paraná. Um exemplo dessas redes de articulação LGBT é o Grupo Renascer, onde realizei as entrevistas junto às travestis e transexuais que lá participam, as quais irão discorrer sobre o início de suas trajetórias de vida.

LIV AS DESCOBERTAS DE SI: INÍCIO DAS JORNADAS DE VIDA DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS:

⁴² Disponível em: <https://adehdireitoshumanos.wordpress.com/category/x-encontro-regional-sul-de-travestis-e-transexuais/>

Todos nós, independente de onde viemos ou estejamos, idade, classe social, entre outros fatores determinantes, temos uma história para contar. O que passamos em dado momento de nossas vidas, um caso em específico, algo que nos tenha marcado profundamente, seja este um acontecimento positivo ou não. As narrativas que apresento agora trazem informações sobre o início da vida das entrevistadas, fatos estes que marcaram as mesmas de diferentes maneiras, fazendo-as entender um pouco sobre quem são e o que perceberam de si no decorrer de suas vidas.

Ao conversar com essas profissionais, tanto travestis quanto transexuais, elas narraram suas histórias de vida a partir do momento em que se perceberam como pertencentes a outras identidades de gênero. Aqui, tentarei mostrar, segundo suas falas, que os processos sofridos por estas não são escolhas de vidas fáceis como se é entendido pela maioria da população brasileira, pelo contrário, essas posições escolhidas são processos que permearam e ainda permeiam a história de muitas dessas atrizes. A coragem em se assumirem e decidirem viver suas vidas da forma cujas quais as tornariam felizes, geraram inúmeras punições a estas profissionais, pois, por não pertencerem à chamada norma sexo-gênero, essas protagonistas sofreram o que Silva (2008) menciona:

Os transgressores da norma geral estabelecida são fadados a severas punições, construídas pelas táticas eficazes e sutis da interdição. Do ponto de vista objetivo e legal, sociedade brasileira não pode mais perpetrar a punição física pela “ordem” do Estado. Mas as penalidades são praticadas, e elas respondem por inúmeras mortes de pessoas consideradas “anormais” [...]. (SILVA, 2008, p. 141)

Podemos, neste, entender como norma geral estabelecida a binaridade heteronormativa existente e unicamente aceita perante a sociedade; hoje, os/as fugitivos/as desse mecanismo de gênero/sexo dentro da sociedade não sofrem mais punições legais advindas do Estado, porém, essas punições circunscrevem-se em atentados dentro da sociedade às essas populações. Silva, reforçando nosso entendimento, ainda cita o pensamento de Namaste, que “afirma que as pessoas que transgridem a norma sexo-gênero são vulneráveis a agressões e atos violentos [...]” (NAMASTE apud SILVA, 2008, p. 142). O simples fato de se ignorar ou excluir uma pessoa de nosso convívio social já se caracteriza como uma agressão; ainda hoje, o anonimato de travestis e transexuais se faz presente em nossa sociedade. Muito se tem lutado para mudar não só a visão, mas também a compreensão da sociedade de que essas pessoas existem, possuem desejos, sonhos, vontades muito maiores que os destinos a que são muitas vezes obrigadas, por falta de oportunidades, a traçar em suas vidas, como a prostituição. Aqui, mostrarei algumas informações acerca de suas idades, cidades natais, nível

de escolaridade e um pouco de suas descobertas de si. Porém, no decorrer de todo esse trabalho, analiso suas falas inerentes aos capítulos determinados.

Marta hoje tem 47 anos de idade, a entrevistada me disse que estudou até a quinta série do antigo ensino fundamental, ela é nascida e criada no município de Ponta Grossa, onde reside até hoje, morando com sua mãe. Marta conta-me que se percebeu como travesti desde criança, porém, foi na adolescência, entre seus 13 e 14 anos, que se identificou de fato como sendo travesti. A mesma disse que se achava muito diferente do sexo masculino e que gostava mais de brincar com as meninas, nunca se misturando com os meninos. Como travesti, Marta batalhou e viveu boa parte de sua vida, porém, no decorrer da mesma, entendeu-se e desejou se tornar uma mulher transexual. Marta ainda conta-me:

“Você não se sente uma pessoa normal, pertencente ao seu sexo biológico, com isso os meninos começam a implicar com a gente. Diziam ‘aquele lá só gosta de brincar com menina’. Foi essa minha evolução. Quando tinha entre 16 e 17 anos de idade, eu já comecei a me vestir como uma mulher. Comecei a fazer amizade com outras pessoas que eram travestis também e, a partir deste momento, eu entrei na noite” (Marta).

Luanda hoje tem 37 anos de idade, esta possui o ensino médio completo, é natural de Ponta Grossa e mora com sua família. Luanda considera-se como travesti, a mesma disse-me que nunca pensou em ser outra coisa a não ser travesti, descobrindo-se aos 12 anos de idade. Luanda dizia-me que sempre quis ser uma mulher:

“[...] com 13 anos eu já sabia realmente o que eu queria ser, uma travesti, eu não queria ser gay, de jeito nenhum! Eu queria me inspirar em mulher, então, hoje eu sou uma grande mulher” (Luanda).

Kelly, a mais nova de minhas entrevistadas, tem 26 anos de idade, possui o ensino médio incompleto e me disse que largou os estudos no 1º ano do ensino médio. Kelly é natural de Balneário Camboriú, no estado de Santa Catarina, a mesma considera-se como travesti. A entrevistada, assim como a maioria, me disse que sempre gostou do universo feminino, sempre brincando com esses elementos durante sua infância. Kelly conta-me que:

“Foi na minha adolescência que eu comecei a perceber que existia em mim um lado mulher. Não queria mudar de sexo, mas queria ter seios, nádegas, corpo de mulher. Minha indecisão sempre foi se eu era uma gay ou uma mulher” (Kelly).

Em meio à essas indecisões e descobertas, Kelly relata-me que sua família nunca prestou muita atenção, esta ainda afirma ter mais cinco irmãos, onde seus pais voltavam-se

mais para estes do que para ela. A entrevistada afirma que seu pai percebeu que ela gostava mais de coisas femininas e de estar com sua mãe e irmãs do que com ele e seus irmãos, logo, a deixava mais com as mulheres da casa. Kelly dizia adorar tal atitude de seu pai, pois assim poderia brincar com as bonecas de suas irmãs e ficar mais próxima destas. Passado os anos, a entrevistada dissera ter começado a se transformar tarde (por volta dos 19 anos). Após sair de sua casa para morar com outra travesti, Kelly me disse que começou a trabalhar na noite, fazendo shows de *drag queen*, porém, sua vontade sempre fora em ser travesti. Antes de se mudar para Ponta Grossa, Kelly me contou um episódio de sua vida que foi crucial para o rompimento com sua família:

“Uma noite, meu pai me reconheceu, me viu sabe-se Deus como (risos) vestido de mulher na rua com uma minha amiga e veio com o carro atrás de mim, gritando super alto, fiquei nervosa e não sabia o que fazer (risos), claro que daquele dia em diante ele me proibiu de ir em casa, só não me bateu, não deixava eu falar com minha mãe e nem ter mais contato com ninguém da família porque dizia que eu tinha manchado o sobrenome dele” (Kelly).

Kelly, antes de ser descoberta por seu pai, disse-me que mantinha certo contato com sua família; pouco, pois já iniciara a ingestão de hormônios, fazendo com que seu corpo e sua voz fossem mudando gradativamente. No entanto, após esse relato e a alguns outros casos, a travesti mudou-se, no ano de 2009, para a cidade de Ponta Grossa. Kelly ainda relata que, após esse distanciamento de sua família, começou a aumentar as doses de hormônio para que seu corpo pudesse mudar o mais rápido possível e, juntamente com uma amiga, disse-me que aos poucos começou a ir para as avenidas.

Duda é uma mulher transexual, sempre teve certeza disso, dizia-me. Entre as entrevistadas, esta possui o nível de estudo mais elevado, tendo diploma de ensino técnico e administração. Duda tem 30 anos de idade e nasceu e foi criada na cidade de Ponta Grossa. Hoje, casada, com um emprego estável e com carteira assinada, conseguiu realizar seu sonho – a cirurgia de redesignação sexual. Esta me diz:

“Eu sempre digo que nasci em um corpo errado, porque eu sempre fui menina, por mais que eu tivesse nascido em um corpo do sexo masculino, eu sempre me vi menina. Eu achava que nunca iria fazer a cirurgia, porque era uma coisa de Roberta Close na minha época, com uns 14, 15 anos, pensava que era muito dinheiro e nunca tinha passado por minha cabeça a possibilidade que um dia eu faria, sempre tive desejo, mas não acreditava que seria possível até então” (Duda).

Duda afirma que, há alguns anos, não acreditava que seria possível a mudança de sua identidade de gênero, pois a entendia como algo que não lhe era acessível. Ela me conta que

seu percurso até então foi muito difícil, pois, se entendendo como uma mulher em um corpo masculino, não havia oportunidades de trabalho a não ser em meio à prostituição. Isso a revoltava, pois, como mulher, queria que seus clientes a vissem dessa forma.

Caroline tem 43 anos de idade e se considera hoje como uma mulher transexual, é natural da cidade de Maringá/PR e voltou o ano passado a estudar, cursa a 5ª série do ensino fundamental I. A entrevistada me disse que, quando morava com sua família, não entendia de fato o que era. Foi por volta dos seus 14/15 anos, que resolveu assumir-se como travesti para sua família; no entanto, seu pai a colocou para fora de casa. Caroline me disse que:

“Eu tinha 15 anos de idade quando conheci a noite, com esta idade comecei a me prostituir, no entanto, fui descobrindo que eu não era travesti e sim transexual” (Caroline).

A mesma me disse que realizou a cirurgia de redesignação de gênero em junho de 2014, através do Sistema Único de Saúde (SUS). Caroline me disse que, após ser posta para fora de sua casa por seu pai, enfrentou diversos problemas e perigos nas ruas e nas noites; por falta de entendimento e compreensão de seu pai, Caroline me conta que passou fome, frio e teve que dormir em praças públicas. Através de um grupo de gays que a viram em uma praça, foi inserida na noite – na prostituição – para que esta pudesse se manter e sobreviver.

Bárbara tem 49 anos e é a entrevistada mais velha, natural de São Miguel Paulista no estado de São Paulo, a mesma me disse que, durante sua rotina de trabalho na prostituição, algumas coisas foram ruins e outras não. Esta estudou até a 4ª série do então chamado ensino primário. Hoje, não trabalha mais nas noites, possui um emprego autônomo, onde trabalha em sua casa. Bárbara, ao contar-me sua história, relata que se entendeu como travesti também aos 15 anos de idade, onde, neste período, seu pai a mandou embora para a casa de uma tia, pois acreditava que o fato de querer ser travesti era influência de suas amigas. Ela me disse que ficou hospedada na casa de sua tia por volta de cinco anos; passado esse tempo, ela retornou a casa de seus pais. Bárbara, sobre sua família e emprego em sua cidade, me diz:

“Minha família por ser do interior do Estado de São Paulo tinha muita vergonha de mim por ser travesti, eles sofriam muito com os comentários maldosos que faziam ao meu respeito. Como eu não era aceita em minha cidade e não conseguia trabalho em nenhum lugar, resolvi trabalhar na noite, me prostituir” (Bárbara).

Bárbara me disse que esses foram os motivos pelos quais ela saiu de sua cidade. Seus pais eram constantemente apontados na rua por sua causa e, sendo travesti – pois já havia se assumido e começado a utilizar roupas femininas -, não era aceita em sua cidade e nem

conseguia emprego; por esses motivos, ela resolveu mudar-se, primeiramente, para São Paulo capital antes de se mudar para Ponta Grossa.

Ana, travesti militante do movimento LGBT, tem 42 anos de idade, é natural da cidade de Cachoeira do Sul no estado do Rio Grande do Sul. Esta cursa o supletivo e está quase terminando o ensino médio, ela me disse que pretende terminar esta fase e ingressar na universidade, pois quer ser professora. Ana me disse que se percebeu como travesti aos 12 anos de idade, morava apenas com sua mãe, que faleceu na mesma época. Após a morte de sua mãe, Ana foi morar com seu pai, no entanto, por se assumir como travesti e o mesmo não a aceitando, foi posta para fora de casa. Ana afirma que:

“[...] foi toda uma construção até meus 18 anos, onde fiquei completa, com aparência feminina, de mulher” (Ana).

Ana me disse ainda que, após seu pai lhe por para fora de casa, ela foi morar na zona do meretrício, onde lá sofreu diversas agressões, tanto por parte dos clientes como por parte das travestis que moravam com ela. A mesma tinha 12 para 13 anos quando saiu de sua casa, não possuindo um lar, orientação ou alguém que pudesse lhe estender a mão neste momento. Ela me disse ainda que seus parentes, assim como seu pai, nunca quiseram saber dela, até os dias de hoje. No entanto, Ana, através de seus esforços, conseguiu dar a volta por cima. Atualmente, possui um emprego com registro em carteira, casa, constituiu família na cidade de Ponta Grossa e conseguiu ser vista e respeitada pela comunidade em que vive.

As breves histórias que acabei de apresentar dão início a toda uma discussão acerca do cotidiano de trabalho das travestis e transexuais entrevistadas. Em quase todos os relatos apresentados, nota-se que o abandono familiar, a falta de compreensão e as inúmeras vulnerabilidades pelas quais passaram essas atrizes – e aqui apresento a maior como sendo a não inclusão das mesmas em um mercado de trabalho formal –, as levam para os espaços de prostituição como forma de sobrevivência. Peres (2006) sustenta esse pensamento ao dizer que:

[...] Urge a necessidade de uma agenda de pesquisas mais compromissadas de estudos dessa comunidade que ainda é muito negligenciada pelas políticas públicas de inclusão e empoderamento, deixando-as à deriva de todas as formas de estigmas, discriminações e violências pelas quais são vulnerabilizadas [...] (PERES, 2006, p.02).

Peres nos mostra que não só travestis bem como transexuais, segundo o público que aqui abordo, necessitam de políticas públicas que as incluam na sociedade de uma forma

digna e efetiva. Como observamos, essas profissionais carecem de uma maior atenção, seja do Estado, sociedade civil e demais. Não há políticas efetivas e legítimas de inclusão de travestis e transexuais, não apenas no mercado de trabalho, mas também na educação, na saúde, habitação e entre outros segmentos (BRASIL, 2005). Se esse público permanecer às margens da sociedade, vivendo precariamente e sendo entendido, por uma parte significativa da população, como pessoas que se utilizam da prostituição apenas como forma de prazer, o preconceito e a violência a estas nunca acabará; o respeito e a compreensão de que estas pertencem à sociedade e merecem nosso respeito, jamais se efetivará.

Hauer e Guimarães, em seu artigo intitulado: “Mães, filh@⁴³s e homossexualidade: narrativas de aceitação”, nos mostra que a orientação sexual dos filhos ou filhas, antes mesmo de seu nascimento, é algo que, na visão desses pais, está ligado diretamente com seu sexo biológico, ou seja, em nenhum momento, a partir da descoberta de que uma mãe está esperando um bebê, o casal pensará que esses poderão ser gays, lésbicas ou pessoas trans (2015).

Os autores, embasados em Louro (2004), nos levam a refletir o fato de que, mesmo existindo uma regra heteronormativa para os sexos e os gêneros dos filh@s – se for homem, se chamará Carlos, seu quarto será azul, torcerá pelo time do pai, fará faculdade de engenharia civil, medicina ou direito e gostará de garotas loiras; ocorrendo as mesmas situações com as meninas, que se chamará Ana Clara, seu quarto será rosa com desenhos das princesas da Disney colados na parede, até poderá torcer para algum time de futebol, porém, entenderá bem pouco sobre o mesmo, pois isso não é para mulheres, poderá escolher cursos superiores como Enfermagem, Serviço Social, Nutrição, Pedagogia ou, se for uma garota „descolada“, fará Moda ou Design e, com certeza, seus pais e familiares esperam que ela case com um rapaz de boa família, trabalhador e que tenha um certo recurso para mantê-la, pois logo chegará o bebê para alegrar seus avós.

Em meio a toda essa narrativa, sempre existiram os „destoantes“, aquel@s que, segundo os autores, “rompem as regras e transgridem os arranjos, pois a imprevisibilidade é inerente ao percurso” (HAUER e GUIMARÃES, 2015).

As narrativas, contadas acima, refletiram – e muito – na vida das entrevistadas, pois o apoio e a compreensão dos familiares na vida de travestis e transexuais são de extrema importância, visto que são discriminadas duas vezes; a primeira, por não se enquadrarem na

⁴³ „@“ expressa o sentido de dar neutralidade sobre a posição de um gênero em meio aos textos. Para mais informações visitar o site: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/22/entre-os-usos-de-e-x/>

ordem de sexo/gênero esperado pela sociedade e, a segunda, como no caso das entrevistadas, por se prostituírem. Algumas travestis tentam ou tentarão uma reaproximação com seus familiares, tendo abordado para tal ação o lado financeiro, outras, através de laços sanguíneos, no entanto, se a primeira ação for bem sucedida, vemos que a família as aceitará sob a expressa condição de dependência financeira das mesmas – em casos onde os familiares possuem uma renda financeira baixa. Situação que as próprias travestis e transexuais assumem para si, como um fator de aceitação no ceio familiar, porém, sabendo que tal condição perdurará desde que o “aqué⁴⁴” esteja chegando às mãos dos familiares, caso contrário, não existe conversa (KULICK, 2008). E, no segundo caso, nas relações consanguíneas, nota-se que se torna mais difícil, visto que ao se assumirem como pessoas trans, seus familiares cortam relações de afeto e parentesco por vergonha – entre a sociedade ou por posicionamentos morais/religiosos –, fazendo com que as travestis e transexuais nada tenham a oferecê-los além dos estigmas que carregam, sendo assim, seus familiares não querem assumir esses estigmas para si (GOFFMAN, 1988; KULICK, 2008; PERES, 2006).

⁴⁴ Aqué (do bajubá – linguagem das travestis) significa dinheiro. Ver: VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia a dicionária da língua afiada**. Editora da bispa, 2006, 143 p.

II – AS ATRIZES SOCIAIS NAS RUAS: (DES) CAMINHOS DE DEVIRES

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.

Caetano Veloso.

Antes de começar a apresentar as discussões propostas neste capítulo, é importante dizer que a expressão „atrizes sociais“, utilizada algumas vezes em meio a esse trabalho para se referir as travestis e transexuais, advém primeiramente das escolhas de seus nomes sociais e estes são mais recorrentes no caso das travestis. Essas pessoas, ao entrarem no „mundo travesti“⁴⁵, escolhem para si nomes de pessoas famosas e com quem se identificam, para serem referenciadas por todas as outras travestis e demais pessoas (MISCOLCI e PELÚCIO, 2007). Esses nomes, em meio à prostituição, lhes agrega o valor de atrizes, pois muitas vezes, na prostituição, estas têm que interpretar diferentes papéis – ativa ou passiva –, bem como diferentes sentimentos e sensações – de que se está feliz, alegre, de que nada as atinge ou de que estão sentindo prazer nas relações sexuais, seja através do gozo das mesmas ou do fazer o cliente gozar. É, literalmente, o jogo do interpretar, logo, atrizes sociais, em meio aos contextos de prostituição, não se refere somente a seus nomes, mas também as suas atuações em meio à mesma.

Como visto, não apenas em diferentes bibliografias (BENEDETTI, 2004; SILVA, 1996; BERUTTI, 2010; KULICK, 2008), bem como na fala das entrevistadas, os processos construtivos dos corpos travestis passam por diversas fases. Algumas travestis reforçam que as mesmas nunca param de se transformar, sendo um processo contínuo (PELÚCIO, 2005; BENEDETTI, 2004). Mas que transformações são essas enfrentadas pelas travestis? As mesmas nascem biologicamente pertencentes ao sexo masculino, no entanto, em determinada idade começam a perceber que sua identidade de gênero não corresponde à forma como gostariam de serem vistas. Assim como os homens homossexuais, estas assumem tal orientação sexual para si, no entanto, acabam notando que, mesmo como homossexuais, lhes falta algo. Alguns autores, como Larissa Pelúcio, relatam que a primeira fase de modificação

⁴⁵ Quando digo mundo travesti, não me refiro apenas ao trabalho na prostituição. Os nomes artísticos utilizados pelas travestis servem como uma nova identidade em meio à sociedade e, estando em meio a esta, as travestis muitas vezes apresentam shows em algumas casas noturnas, caraoquês e entre outros espaços, sendo identificadas por seus nomes sociais escolhidos. Estes exemplos de trabalhos exercidos pelas travestis não constituem espaços de prostituição, por este motivo, muitas vezes o pensamento que se tem em relação a seus nomes com a prostituição é errado. Vale salientar também que Pelúcio (2007) nos mostra que as travestis escolhem nomes de pessoas famosas como forma de se auto afirmarem, de se sentirem poderosas em meio a seus espaços de sociabilidade e porque gostam de tais artistas cujo nome foi escolhido.

na vida de uma travesti começa quando essas se assumem como gays para família e sociedade (PELÚCIO, 2004). No entanto, pude ver durante a realização das entrevistas, que para as travestis a fase de iniciação seria o que é para Pelúcio o terceiro momento, o processo de hormonização.

As entrevistadas relatam que vestir-se de mulher ou maquiarem-se não as tornam de fato travestis e que, em nossa atualidade, homens que não se consideram travestis, trajam roupas femininas e se maquam. O que as tornam de fato travestis é momento em que iniciasse as modificações corporais e isso, primeiramente, através da ingestão de hormônios – comprados em farmácias por travestis que não conseguem pagar um tratamento de hormônio terapia –, passando, posteriormente, pela siliconização dos seios, quadris, nádegas, entre outros. Neste processo de siliconização, travestis de baixa renda recorrem às chamadas „bombadeiras“ – geralmente travestis mais velhas que aplicam a injeção do silicone industrial nas travestis mais novas –, tornando-as assim, como muitas costumam dizer, mais vistosas, atraentes e femininas (PELÚCIO, 2005; KULICK, 2008). Para as travestis, o desejo em se „tornar uma mulher“ – elas não pretendem totalmente se tornar uma mulher, porém, usam elementos do universo feminino para se aproximarem ou parecerem com as mesmas ou em ter elementos do público feminino em seus corpos não às impedem de conviver com seu órgão sexual de nascença, pois as relações identitárias constituintes no corpo travesti excluem a importância ou o desconforto de seu falo, ou uma necessidade de se ter em um corpo feminino o órgão decorrente deste sexo, excluindo assim a possibilidade em se submeterem a cirurgia de redesignação sexual (SILVA, 1993; KULICK, 2008).

Cabe aqui dizer que existem algumas travestis que, mesmo aderindo em seus corpos símbolos do sexo feminino, não assumem para si tal identidade, como citado por uma entrevistada de Pelúcio; em relação ao seu gênero, a mesma diz “Nem homem nem mulher, nós somos travestis” (PELÚCIO, 2004, p. 127). É importante notar que travestis não se enquadram nos gêneros binários, elas transitam em meio aos dois – masculino e feminino –, deixando assim a livre escolha de orientação sexual e de gênero para cada uma delas. Como relata a travesti Ana, ao contar-me que é casada com uma mulher há vinte e um anos, tendo com sua esposa uma filha de vinte, se considerando heterossexual. Ela me explica que mesmo tendo um corpo feminino e se relacionando com uma mulher, ainda possui um pênis, tornando-a, em seu relacionamento conjugal, o “homem”.

Nessa fala da entrevistada, cabe a análise de que o contexto familiar vivenciado por Ana exprime a ideia de que, pelo fato de ter um pênis, a mesma tem que ser o homem da

relação ou o homem da casa, mesmo possuindo seios, cabelos compridos e um corpo delineado por curvas acentuadas e suavizadas, inerente do perfil feminino. Inconscientemente, a ideia de Ana a inclui dentro do padrão heteronormativo binário imposto pela sociedade, onde existem apenas indivíduos masculinos e femininos e ambos relacionam-se apenas uns com os outros (PELÚCIO, 2005).

Em meio às entrevistas realizadas, pude perceber a existência de dois perfis de transexuais. O primeiro mostrou-me que algumas transexuais entrevistadas não gostavam de seus corpos biológicos e não se sentiam pertencentes ao mesmo desde pequenas, seus corpos lhe pareciam algo estranho, com o quais não se identificavam ou interagiam. Mesmo passando por fases, como androgenia ou a homossexualidade, tais transexuais não desejam isso pra si, pois tinham em mente que são mulheres, como me relatou Duda, ao dizer:

“uma transexual é mulher de corpo, alma e espírito [...]; sempre digo que nasci em corpo errado, porque eu sempre fui menina, por mais que eu tivesse nascido em um corpo do sexo masculino, eu sempre me vi menina” (Duda).

Mesmo ainda não passando pela cirurgia de redesignação sexual, Duda sempre se sentiu mulher, travando uma luta consigo mesma e uma não interação com a sociedade. Ela demonstrou desde cedo sua inconformidade ou, porque não dizer, repudia, não apenas por seu corpo, como também pelo genital inerente a ele. O segundo perfil que pude notar em algumas participantes, classifico-o como descoberta, pois a transexualidade em suas vidas passaram por um estágio diferente do estágio de Duda. Descoberta essa relatada por Caroline, ao dizer:

“[...] vejo-me como uma pessoa normal, simplesmente eu me descobri, pensava que era uma travesti, porém, vi que sou uma transexual” (Caroline).

No caso, essas mulheres iniciaram suas jornadas pertencentes ao sexo masculino, assumindo para si e demais, a homossexualidade como orientação sexual. Nesse processo de transformação, galgaram suas identidades de gênero como travestis, período de sociabilidade um pouco mais longo em suas vidas; seguindo esse processo, perceberam em determinado momento que a identidade que as satisfaria por completo não seria mais a travesti e sim a transexual. Aqui, cabe dizer que muitas vezes o desejo da mudança poderia estar no subconsciente ou apenas como uma vontade das participantes, porém, seus corpos e, em específico, suas genitálias, no decorrer de suas vidas, não implicaram tanta rejeição quanto o de Duda, que afirmou sentir-se mulher desde o momento que teve percepção de si como indivíduo, não tendo vontade ou mínimo contato com seu falo. Pude perceber essas

constatações através das expressões, gestos e tom de voz, tanto de Duda como de Caroline. Duda, por exemplo, ao falar de sua experiência de vida por um tempo em um corpo masculino, ou mesmo no período que batalhava nas noites como profissional do sexo, sentia muita raiva, alterando assim sua voz para um tom mais grave, forte, demonstrando ira e apertando as mãos, demonstrando inconformidade perante dado momento e situação.

A mesma relata que o simples fato de um cliente pedir para ela ser ativa em um programa, a deixava furiosa, pois não se conformava que seus clientes não a vissem como mulher, sendo apenas passiva. Para Marta, por exemplo, que se descobriu transexual, o fato em se trabalhar na noite e ter que fazer papel de ativa com seus clientes não a incomodava, pois entendia que era sua profissão e que o momento demandava tal atitude.

A esses processos, entendo que transexuais, que se veem como transexuais desde pequenas, participam de um processo interno/externo, ou seja, a visão, o entendimento e a aceitação/interação de si para com os demais, sociedade e relações que as perpassam. Porém, com as travestis, que se percebem como transexuais ao longo de suas vidas, comungam de um processo externo/interno, redefinindo-se não de imediato, convivendo como podem com sua identidade de gênero para si e socialmente, se percebendo como transexuais ao longo de suas trajetórias de vida, olhando assim para sua identidade travesti e não se entendendo mais como tal, passando assim a almejarem a identidade transexual como apropriação de uma melhor aceitação. Não quero dizer que o processo vivenciado por travestis que se perceberam em um dado momento como transexuais seja simples, fácil ou de menor importância. Tais percepções surgiram em meio ao relato das próprias participantes, notando uma não repudia em ser travesti ou em ter que se estimular seu pênis.

Sequenciando o (não) entendimento da população sobre esse público, grande parte das pessoas acredita que a única ocupação que travestis e transexuais têm em meio à sociedade é o papel de profissionais do sexo. Quero salientar que o público alvo escolhido para esse trabalho são as profissionais do sexo, travestis e transexuais que se prostituem ou se prostituíam como forma de trabalho em meio à sociedade, porém, sabe-se que essas pessoas não se encontram apenas nesses espaços de provimento de renda; hoje, podemos notar a presença tanto de travestis como de transexuais em outros segmentos de trabalho. No entanto, a prostituição ainda tem sido um estigma muito forte, ligando principalmente travestis a este segmento, na visão da sociedade. É de interesse apontar os devires para com tal atuação, desvinculando assim a prostituição como apenas uma opção de vida fácil para estas profissionais.

Durante todo o decorrer de minha pesquisa, percebi através da fala de todas as entrevistadas, que alguns conceitos ou situações fizeram-se presentes na vida de todas. Tanto travestis quanto transexuais me disseram que se tornaram ou descobriram-se como tais bem cedo, sendo colocadas para fora de suas casas em decorrência de suas posturas tomadas. As histórias narradas no período de iniciação ou descoberta de suas identidades sexuais estão atreladas ao preconceito familiar, abandono e exclusão por parte das pessoas mais importantes na formação de um ser humano, pai e mãe.

Nos relatos contados por todas as participantes em questões inerentes a suas histórias de vida e percepção de seu momento de descoberta, vi que as mesmas sempre estiveram ligadas ao mundo feminino heteronormativo, seja através de relacionamentos, de amizades com meninas, mãe ou irmãs ou tendo contato com símbolos deste universo, como bonecas, calcinhas, sapatos, roupas de mulher, entre outros. As participantes diziam se sentir bem tendo contato com esses objetos, como relata Kelly, ao me dizer:

“Sempre gostei de coisas de mulher, quando era criança costumava andar em minha casa com os saltos e com as roupas de minha mãe, neste momento, eu me realizava, era eu mesma, estava feliz” (Kelly).

Kelly se realizava nesses momentos, pois tinha a liberdade de brincar ou de ser o que ela realmente gostava de ser naquela hora. Sem a imposição da sociedade ou de seus pais, Kelly, já sabendo o que eram símbolos do masculino e do feminino, preferia brincar ou se ver com apetrechos femininos, pois mesmo brincando de carrinho ou jogando bola, coisas impostas socialmente a meninos, Kelly se realizava andando com o salto e usando as roupas de sua mãe. Tendência apresentada também por Luanda, quando me relatou que:

“[...] me descobri de fato aos 12 anos de idade, porém, antes dos 12 anos, eu já apresentava a tendência, o desejo de usar roupas da minha mãe, das minhas irmãs, eu tinha curiosidade” (Luanda).

Luanda confessa ter vontade de se vestir de mulher antes da idade dita, o universo feminino já chamava sua atenção, como a mesma disse, tinha curiosidade em conhecer, sentir não apenas as vestes femininas, como a sensação que tal vestimenta a traria, a sensação que teria uma mulher em usar tais roupas. A mesma ainda continua seu relato, dizendo:

“Com 12 anos de idade matei minha curiosidade, eu comprei minha primeira calcinha, comecei a estender escondido no meu quarto pra ninguém descobrir” (Luanda).

Luanda precisou sanar suas dúvidas sobre tais sentimentos, comprou o que para as travestis é um dos elementos essenciais de feminilidade, a calcinha, e percebeu que realmente lhe fazia se sentir bem (BENEDETTI, 2004). Como referido, os elementos femininos sempre permearam as histórias dessas atrizes, esses elementos pertencentes à mãe ou a irmã fizeram parte não apenas de seus imaginários de feminilidade, como de uma possível construção de si, mesmo inconscientemente, essas correlações mãe/feminino/mulher proporcionaram experiências iniciais na vida dessas travestis e transexuais. Como afirma Morrin (2003), ao dizer que “toda experiência é uma troca de saberes [...]”. A primeira, ou as primeiras mulheres em que travestis ou transexuais se espelham, são as mães, irmãs ou outras mulheres membros de seu grupo familiar, visto que, através das relações familiares ou de parentesco, é que tais pessoas passam a conviver, ver e se olhar como mulheres.

Após tais percepções e posicionamentos de si, é visto que, na maioria dos casos apresentados pelas participantes, a inserção de travestis e transexuais no mundo da prostituição, como forma de trabalho, se dá, primeiramente, pela não aceitação identitária por seus familiares, acarretando na expulsão de seus lares, seguido da falta de oportunidades de trabalho formal, devido a suas identidades de gênero. Por não apresentarem um padrão binário esperado pela sociedade, travestis e transexuais não conseguem inserir-se no mercado de trabalho formal (KULICK, 2008; SILVA, 1996; BRASIL, 2010; BERUTTI, 2010). Pâmela Volp, presidente da ONG Triângulo Trans, em entrevista cedida ao jornal eletrônico Correio de Uberlândia nos explica essa situação:

[...] o preconceito e a falta de oportunidades são os principais fatores para que a maioria permaneça na prostituição. “Falta oportunidade tanto de se profissionalizar quanto de emprego. E isso é por conta do preconceito. Quando uma travesti vai a uma empresa procurar trabalho, ela é malvista, olham com desprezo e dão um jeito de falar que a vaga já foi preenchida” (Site Correio de Uberlândia, 2014).

Sem o apoio de seus familiares, com idades inferiores para o trabalho formal – muitas vezes fora da escola e com o mercado de trabalho formal basicamente fechado ou quase nulo a esse público –, a única alternativa que resta para travestis e transexuais é a comercialização de seus corpos. Ana, que hoje dá sequência a seus estudos e trabalha registrada, disse que:

“[...] quando fui posta para fora de casa, tive que escolher entre ser bandida, traficante ou vender meu corpo, eu preferi vender meu corpo a virar bandida ou traficante” (Ana).

O início na rua, para essas protagonistas, não é fácil. Geralmente, quem lhe apresenta a prostituição como forma de trabalho são amigas ou conhecidas que já se sustentam da mesma forma, tornando essa ocupação, principal e para muitas, única forma de sustento.

No universo da prostituição travesti e transexual, exige-se coragem, pois como dito pelas entrevistadas, os perigos em se trabalhar como profissionais do sexo são diversos, desde roubo, violência, até o uso de drogas pelas mesmas (BENEDETTI, 2004). Muitas vezes, por serem novas e inexperientes, outras profissionais ou até mesmo clientes acabam se aproveitando desse momento, como me conta Ana, ao relatar que para suportar a noite foi viciada em cocaína, álcool e moderadores de apetite. Ana ainda conta que:

“As travestis me davam drogas para que eu ficasse viciada, eu entrava nos carros dos homens para rouba-los, porque se eu não fizesse aquilo, elas me batiam [...]”
(Ana).

Em meio a toda situação de medo, fragilidade e abandono, essas profissionais ainda se submetem a perigos dentro de seus próprios grupos para estarem ou serem aceitas, pois sabem que, se não praticarem ou usarem qualquer tipo de substância entorpecente, não aguentariam tal situação. As entrevistadas ainda relatam que a falta de segurança, gangues, o preconceito e diversos atos de agressão, envolvendo desde agressões verbais a físicas, as deixavam bem mais temerosas em se trabalhar na noite. Duda, ao ser indagada sobre os desafios e dificuldades enfrentadas nesse trabalho, me diz também que estes envolvem coragem:

“coragem que temos que ter para enfrentar um carro, uma BR, um parceiro que não se conhece [...]” (Duda).

Essas profissionais lidam, em meio ao trabalho, o tempo todo com o medo e a desconfiança; algumas relatam que o fato de não se saber se, ao entrarem em um carro, irão sair, é algo que as preocupa sempre, pois estas atendem todo tipo de clientela, desde os que realmente vão buscar satisfação de seus desejos, até os que possuem segundas intenções, como machucar ou até mesmo matar. Em contrapartida, as entrevistadas dizem que os trabalhos como profissionais do sexo lhes rende um bom dinheiro, fazendo com que o risco valesse à pena, é o que afirma Bárbara, ao relatar-me:

“[...] tinha muito medo de entrar no carro dos clientes sem conhecer ou sem saber, pois já entrei em várias situações enganosas, porém, em meio a este trabalho ganha-se muito dinheiro e por este motivo valia a pena correr tal risco” (Bárbara).

Através das narrativas apresentadas pelas entrevistadas, nota-se que a prostituição apresenta rentáveis lucros, no entanto, para se obterem tais lucros, elas precisam se submeterem e enfrentarem diversos perigos decorrentes desses trabalhos. A situação nos mostra que este apresenta polaridades diferentes perante essas profissionais. A sociedade não as aceita por suas formas de serem e agirem, não as permitem, de fato, acessarem trabalhos formais, podendo inserir-se de forma concreta em meio a comunidade; em contraponto, estas enfrentam perigos diversos para se manterem social e economicamente dentro desta sociedade, resultando em ganhos rentáveis, muitas vezes não recebidos por uma boa parte dos trabalhadores, como elas mesmas dizem „fichados“. Ou seja, temos de um lado, o emprego formal/registrado com salários fixos e do outro, o trabalho informal/autônomo, podendo variar, segundo as próprias informantes, de quinhentos a setecentos reais em uma noite de atendimento.

As entrevistadas dizem que os rendimentos oriundos de seus trabalhos variam muito, porém, sempre conseguiam, no final do mês, terem salários vantajosos; as mesmas sabem que a vida na prostituição tem tempo útil e que, mesmo ganhando-se bem, preferiam um trabalho com carteira registrada, pois estes trariam maior estabilidade futura para elas, como o direito de se aposentarem. Ana nos conta orgulhosa de sua situação atual, decorrente dos rendimentos adquiridos através de seu trabalho como profissional do sexo:

“[...] Antes eu não dava valor em meu dinheiro, quando comecei a trabalhar aqui em Ponta Grossa nas ruas, passei a valoriza-lo. [...] as travestis mais novas só queriam fara com os clientes, eu trabalhava dia e noite, chegava às esquinas duas horas da tarde e saía às três horas da manhã [...] Hoje tenho uma casa própria, casas de aluguel, meu carro e do ano [...] tudo isso porque eu tive cabeça e aproveitei minha mocidade, tinha sido muito maltrata e eu disse pra mim mesma que não queria mais isso pra minha vida” (Ana).

Em meio à fala das entrevistadas acerca de seus trabalhos, percebi uma preocupação com seu futuro, a maioria dessas atrizes é vista e tida como prostituta pela maioria da população, querendo assim apenas uma vida fácil, de esbórnia e sexo. Duda, estabilizada assim como Ana, hoje também trabalha em um emprego formal, no entanto, no período em que batalhava para se manter, contou-me:

“Eu tive a infelicidade de trabalhar na rua, porém, o que acho engraçado em minha situação é que nos seis primeiros meses tudo era festa, depois, eu ia toda noite para a rua no intuito de no outro dia cedo, sair para procurar serviço, claro que não conseguia, porém dizia a mim mesma que aquela noite seria a ultima noite e que no dia seguinte o sol brilharia para mim. Fiquei durante dois anos, foi muito difícil, eu não aceitava a situação em que me encontrava [...]” (Duda).

Essas pessoas, mesmo ganhando muito bem, procuram ou têm esperanças de encontrarem um trabalho formal. Notei que o fato de serem profissionais do sexo e prestarem serviços desta natureza não as impediam de lutar ou de buscar um emprego registrado, como o caso de Duda, que dissera que mesmo batalhando, não deixou de estudar e de procurar um trabalho onde a aceitassem como ela é. As relações que perpassam o sentido de trabalho formal em meio às entrevistadas e suas falas remetem também a aceitação. Para elas, o trabalho como profissionais do sexo as colocam em uma posição perante a sociedade como de indignas ou incapazes de exercerem qualquer outra forma de labor. As expressões, gestos e semblantes captados em Duda e Ana, ao dizerem que possuem hoje um trabalho registrado, mostraram-me uma possível aceitação e um distanciamento de que travestis e transexuais só buscam na prostituição formas de provimento, pois as mesmas estavam ali, perante a mim, mostrando que conseguiram superar esse estigma imposto a elas, deixando-me claro que carteira registrada é um símbolo de superação e conquista para essas atrizes.

No entanto, percebe-se que as próprias entrevistadas continuam com um pensamento contrário de suas ações. Algumas encaram a prostituição como forma de trabalho, mas por não serem reconhecidas como cidadãs pela sociedade e por seus trabalhos apresentarem uma moral contrária rente a mesma, essas atrizes acabam enquadrando-se no pensamento heteronormativo, cujo qual agrega valor ao trabalho tido como digno, sendo estes pertencentes a uma moral cristã conservadora, não envolvendo sexo nem suas práticas (GARCIA, 2008).

Falar sobre sociedade e aceitação de travestis e transexuais dentro dela é algo que soa uníssono na fala das entrevistadas. Ao mesmo tempo em que essas profissionais querem se sentir seguras e aceitas em meio à comunidade, elas apresentam olhares e posicionamentos críticos e rigorosos sobre essa mesma sociedade. Kelly, referindo-se ao olhar ou pensamento que a sociedade tem em relação às travestis e transexuais, foi categórica ao dizer:

“[...] tanto faz o pensamento que a sociedade tem a meu respeito [...] não ligo para essa sociedade que durante o dia nos exclui, nos ignoram e a noite nos obrigam a atender todos os desejos dos homens dessa mesma sociedade. Então, se é pra ser assim, eu é que não procuro saber o que pensam a meu respeito” (Kelly).

Seguindo o mesmo pensamento e a mesma reação de Kelly, Ana posiciona-se ao olhar da sociedade para si:

“A sociedade é muito hipócrita, eu sempre falo que a gente tem uma parcela de culpa, mas a maior parte é da sociedade que nos exclui, nos ignora e nos joga a margem dela sem oportunidade de trabalho, educação ou até mesmo de saúde. Nossa culpa é a menor parcela, porque nos acostumamos com isso, a sermos excluídas, quando, na verdade, podemos lutar por nossos direitos” (Ana).

A ideia de Kelly e Ana expressam indignação e ao mesmo tempo uma revolta com a sociedade em que vivem, suas falas apresentam a realidade situacional da existência de travestis e transexuais em nosso País. Tais profissionais não vivem durante a luz do dia, é difícil você ver uma travesti frequentando a escola ou a universidade ou, então, exercendo algum tipo de cargo em uma empresa, escritório, entre outros. Na saúde, a situação, acredito, seja pior, pois o simples fato de uma travesti ou uma transexual ser vista em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) ou em um Posto de Saúde da Família (PSF), subentende-se, para a população em geral, que as mesmas ou foram buscar remédios, pois têm HIV/Aids, ou foram fazer algum exame de DSTs. Como mencionado, o estigma em relação a essas profissionais é muito grande, a sociedade ainda apresenta muito preconceito em relação às mesmas, em pequenas atitudes. Caminhar pela rua, ir ao mercado ou ao banco, torna-se muitas vezes grandes lutas para estas, pois todos os empecilhos que puderem colocar para que essas atrizes não sejam vistas ou tudo que se puder fazer para que as mesmas vejam que despertam certo desconforto, isso é feito.

Kelly indigna-se porque, segundo sua fala, o mesmo homem que a agride, censura e a despreza durante o dia, é o mesmo homem que pede para que ela introduza o seu pênis durante a noite. Apropriando-se do ditado popular, que diz “o que os olhos não veem o coração não sente”, entendo que essas profissionais são aceitas apenas no período noturno, onde neste, tudo pode, pois a sociedade heterossexual, binária, branca e cristã, ao longo das horas, neste turno dorme, libertando assim os „homens de bem“ e seus desejos mais profundos.

A moral religiosa diz que tudo que é santo e puro se expressa como luz, como sendo coisas de Deus (I Jo. 1:5), no entanto, o pecado e a imoralidade – e aqui me refiro à imoralidade sexual segundo o cristianismo – refletem-se como escuro, sendo coisas do diabo, das trevas (Ro. 6:23). Inconscientemente ou não, para a sociedade, o lugar/período cujos quais são aceitas as situações e pessoas imorais é a noite. Onde nada se vê e tudo se permite, nesta, atuam travestis e transexuais, permanecendo para a ordem social, invisíveis. Logo, o período noite e essas profissionais têm-se para sociedade como um segredo, algo que não se sabe ou se quer saber como pertencentes a estas comunidades. Foucault lança uma discussão acerca do tema sexo e sociedade, reforçando nossa discussão, quando diz:

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo (FOUCAULT, 1984, p. 42).

Luanda posiciona-se em relação à atitude da sociedade em que vive e diz:

“[...] Acho essa sociedade muito preconceituosa, muito, as pessoas aqui são muito religiosas, elas não aprenderam ainda a conviver. Estamos no século XXI e a sociedade não aprendeu a conviver com a gente, não aprenderam a respeitar [...] Mas a gente deixa a sociedade de lado e seguimos fazendo o nosso papel e mostrando pra eles que não somos o que eles pensam que somos. Bandidas” (Luanda).

Luana, assim como as demais participantes, apresenta certa reprovação no comportamento e na atitude da sociedade atual, no entanto, o que mais nos chama a atenção em sua fala é o termo „bandida“, expressão comumente utilizada pelas travestis e transexuais, trazendo significados como mau caráter, falsa, traiçoeira e, seu termo original, ladra. Assim como diversos conceitos e olhares apresentados sobre esse público, através da fala de Luanda, entendemos outra ligação que as pessoas fazem acerca delas, é a de que, se é travesti ou transexual e se prostituem, é ladra, tendo assim, que tomar muito cuidado ao se aproximar ou deixar-se aproximar por uma destas. Durante a entrevista com as participantes, Ana me conta que:

“[...] Muitas de nós pecamos e, por causa disso, a sociedade generaliza todas. Infelizmente, nós trazemos aquela tarja de anos, de que travesti é prostituta, drogada, traficante, que é isso e aquilo. Estamos pagando por muitas e acredito que esse é que é o erro. (Ana)”.

Ana indigna-se ao ser comparada pelas pessoas às profissionais do sexo que praticam tais crimes e que, por causa dessas atitudes, todas são incluídas no perfil de assaltantes e perigosas. Hoje, como mencionado, a entrevistada possui um emprego formal perante a sociedade e, através de minhas observações, expressa um dogma, primeiramente, porque em sua sala notei diversas imagens religiosas e, procurando se mostrar em toda conversa reservada e recatada, utilizou também expressões como “graças a Deus e amém”. Depois, pela expressão utilizada por ela – pecam –, como forma de dizer no contexto da frase, que as demais travestis roubam ou comentem atitudes erradas. Pude notar também, no tom de sua fala, que ela sentia certo desconforto ao lembrar-se de seu trabalho na noite, principalmente, porque Ana tentava-me mostrar que toda construção social feita de uma travesti havia morrido

ou desaparecido nela e que, quem estava em minha frente, era uma nova travesti incluída e aceita perante a sociedade, uma mulher perfeita, perfil que Pelúcio traz de uma possível mulher que as travestis desejam ser. “[...] Travestis estão sempre buscando por perfeição, o que significa passar por mulher, uma mulher bonita e desejável, geralmente branca e burguesa [...]” (PELÚCIO, 2005, p. 244).

No tocante a relações de trabalho e clientela, notei que foi unânime a fala das participantes de que seus relacionamentos com seus clientes eram bons, de algumas, inclusive, pude ouvir que eram maravilhosos ou ótimos. Caroline dizia que:

“Minha relação com os clientes era boa, eles acabam se tornando nossos amigos, pois começam a sair direto conosco [...] é uma relação boa” (Caroline).

Nas relações estabelecidas com seus clientes, Bárbara me diz que sente saudades desse tempo, pois com alguns deles experimentou momentos que não teriam sido vivenciados fora desta relação:

“Minha relação com os clientes era maravilhosa, conheci pessoas incríveis, pertencentes à alta sociedade. Com alguns deles pude até viajar, conhecer lugares que não conheceria se não estivesse em suas companhias” (Bárbara).

Os relatos contados por Caroline e Bárbara estabelecem conexões extraprograma. Primeiro, porque é observado que as relações imanentes a estes acabaram gerando um laço de afeto; afeto este, denominado por Caroline, de amizade. Para se considerar uma pessoa como amiga, subentende-se que suas relações perpassaram simples programas, a amizade não envolve apenas afeto, mas também cumplicidade, respeito e fidelidade. Para reforçar minha análise, busquei junto ao dicionário *Houaiss* (2001) o significado da palavra amizade, sendo esta: “Nobre sentimento baseado no amor, no carinho, no respeito, na cumplicidade”. Situação apresentada também na fala e nos gestos de Bárbara, que devido a um maior estreitamento de relações, apresentando para tal a palavra „maravilhosa“, conheceu outros lugares, realidades diferentes das vividas por ela em meio aos programas com seus clientes. Ao lembrar tais viagens, Bárbara sorria alegremente e apertava as mãos junto ao peito, atitudes que, transpassando sua fala, denotou-me uma maior intimidade com estes. Entendo que não foi apenas o fator viagem que apresentou um maior relacionamento entre Bárbara e seus clientes. Pude notar, através de seu comportamento quando me contava essa história, que tal relação existia.

Luanda também apresentou uma satisfação pessoal em relação a seus clientes quando me disse:

“Minha relação com os clientes é boa, graças a Deus. Eu nunca sofri nenhuma agressão, nunca deixaram de pagar, pelo contrário! Sempre pagam adiantado [...] Para deixar o cliente satisfeito, faço o que me pedirem [...] por causa desse tratamento sempre retornam, me ligam. Eu acabo sendo somente deles, não procuram outras pessoas, procuram somente eu. A relação é super boa!” (Luanda).

Pelas informações apresentadas por Luanda, analisei que a fala “minha relação com os clientes é boa [...]” ou “a relação é super boa”, pauta-se sobre serviços prestados com qualidade. Ligando essas duas frases ao momento em que relata “nunca deixaram de pagar” e “para deixar o cliente satisfeito, faço o que me pedirem”, teremos como resultado a expressão final de seu discurso, “por causa desse tratamento sempre retornam”, comprovando a análise. Não digo que não existam sentimentos envolvidos em “acabo sendo somente deles” ou “procuram somente eu”. Reforço apenas que, durante a entrevista gravada, gestos e expressões não aparecem em suas falas, somente ao entrevistador, e, no caso de Luanda, seu semblante não denotava uma afetividade como no de Caroline e Bárbara, mas sim um orgulho em ser uma profissional, onde seus clientes retornam a si, por prestar serviços satisfatórios, fazendo com que estes clientes não procurem outras profissionais. Pode ser que Luanda traga dentro de si sentimentos afetivos por estes clientes, que retornam sempre, no entanto, esses sentimentos, no momento de sua fala, não foram expostos através de seus jeitos ou fala.

Trazendo novamente as discussões sobre os devires dessas profissionais em meio a seus trabalhos, Deleuze e Guattari apresentam uma problemática sobre devir, própria para as análises apresentadas nessas discussões, quando dizem:

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação (...). O devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança (DELEUZE, 1997, p. 18-19).

O pensamento acerca de devir apresentado nesse trecho pelos autores, relacionados às falas e as análises feitas dos discursos das entrevistadas, nos mostram que travestis e transexuais, assim como o devir, possuem processos únicos e reais de formação. Os mesmos chamam a atenção para o fato de que o devir é da ordem da aliança. Nesses contextos apresentados, identifiquei aliança como uma ligação, porém, não de assemelhamento, identificação ou ainda filiação, como é visto. O conceito de união em meio a esses relatos

entende-se como a junção de diferentes relações, onde cada indivíduo envolvido e perpassado por estas ampliam seus processos de subjetivação, de desejos em si mesmos. “[...] O devir não produz outra coisa se não ele mesmo [...]” (DELEUZE, 1997, p. 15). Sendo assim, observo que as relações de travestis e transexuais, pautadas em seus programas com diversos clientes, ampliam suas construções e entendimentos acerca de si, não estabelecendo assim uma evolução por dependência ou imitação através destas, mas uma evolução única e própria. “[...] o que é real é o próprio devir [...]” (DELEUZE, 1997, p. 15). As teias de relações e sentimentos que perpassam essas atrizes sociais e as transformam ou as tornam em profissionais do sexo é algo muitas vezes imposto ou situação única vivenciada por essas atrizes sociais, visto que, enquanto abjetas pela sociedade, essas profissionais não encontram aparato pleno para se desvencilharem de tais atuações, o devir travesti – e acredito que muito mais que o devir transexual – se afirma, se molda, se amplia em meio ao campo da prostituição, pois tais situações, sejam com clientes ou outras profissionais, vivenciadas pelas mesmas, moldam seus devires nesses espaços, não dando muitas vezes abertura ou oportunidades.

As entrevistadas disseram que, em meio as suas relações profissionais, havia diversos perfis de clientes, no entanto, todas afirmaram que as chamadas „Mariconas“ – homens de meia idade ou idosos que procuram essas profissionais para serem penetrados – eram a maioria. Kelly, sobre o perfil de seus clientes, revela-me:

“Tenho clientes de todos os tipos que você possa imaginar: branco, negro, alto, baixo, novos, velhos e maduros, sendo estes dois últimos os que mais nos procuram. Adoram ser penetrados por nós. Os chamamos de mariconas, justamente por quererem dar pra gente. Tem advogado, empresário, farmacêutico, dentista, estudante. Tem de tudo! É bem diversificado” (Kelly).

Kelly conta que sua clientela é bem diversificada. Como visto, não apresentam apenas uma classe ou um padrão social para se relacionarem afetiva ou sexualmente com essas profissionais. No entanto, o que nos chama a atenção a esses perfis é que, segundo o relato da entrevistada, homens de meia idade e idosos são os que mais a procuram. Em nossa sociedade patriarcal, a figura do pai, do avô, do advogado ou empresário são figuras extremamente másculas e fâlicas, onde se espera comportamentos fortes, posturas de comando, entre outros atributos inerentes a este perante essa sociedade. Em contrapartida, esses mesmos homens as procuram para serem possuídos por elas, apresentando comportamentos contrários ao esperado por estes na sociedade durante o dia. Analiticamente falando, creio que a carga moral imposta sobre estes homens, de como se portar como tal em meio à sociedade, é tanta,

que somente no momento em que estão com essas profissionais podem realmente demonstrar suas vontades e seus desejos. Aqui cabe uma discussão apresentada por Perlongher (1987), que diz em seu livro „O negócio do Michê“, que as travestis eram alvo das polícias não somente pelo fato de serem travestis – o que para a época deturpava toda uma moral conservadora imposta pela sociedade –, mas também porque estas guardavam os „segredos dos homens“ e, nesse caso, dos homens casados, cujos quais saíam com estas. Em uma conversa com outro grupo de travestis, as mesmas disseram que:

“Os homens casados nos procuraram querendo ser passivos, pois acreditam que se saírem apenas conosco não serão visto ou tidos como homossexuais, pois estes entendem que por termos cabelo cumprido, seios e outras formas de mulher, estão saindo de fato com uma mulher” (Sheila).

As repressões da sexualidade destes homens os levam a relacionar-se com travestis, tendo em seus pensamentos que, se saírem com outro homem serão homossexuais, e essa imagem também não é vista com bons olhos perante a sociedade cristã, porém, como dito por Sheila, travestis, segundo eles, são mulheres, mesmo tendo pênis, então, a consciência de que não estão saindo com outro homem os ameniza. Nota-se que mesmo saindo com estas profissionais e exercendo papéis de passivos em suas relações, o pênis das atrizes ultrapassa seu significado social de masculinidade e virilidade para os mesmos, o foco desses clientes é, em específico, o corpo feminino das profissionais. Os seios e os cabelos compridos agregam valor feminino no imaginário desses homens, fazendo com que o pênis se torne apenas um instrumento de prazer na hora do programa.

Algumas das entrevistadas disseram ser seletas em seus programas, não saindo com qualquer homem e muito menos indo para qualquer lugar. Bárbara relatou-me não ter problemas com qualquer tipo de público, agregando ainda valores para cada um deles:

“Meus clientes [...] eram muitos, desde os que andavam a pé, de bicicleta, até os que tinham um bom carro. Eu pegava todos os que aparecessem [...] Havia homens de todos os tipos: ricos, pobres, da alta sociedade, jovens, idosos, com idades diversas, de dezesseis a sessenta e poucos anos. Eram pais de família, funcionários públicos, pedreiros, entre outros [...] Se eu via que o homem era pobre, eu cobrava em média vinte reais; homens ricos, bonitos ou que estivessem em um carro legal, eu cobrava de cem a cento e cinquenta reais. Sempre dependia do perfil do cliente.” (Bárbara).

Bárbara não possuía um perfil de cliente para combinar o programa, ela simplesmente assumiu uma postura de atender todos os perfis e públicos que procuravam seus serviços. Como a maioria dos homens procura travestis para serem penetrados, algumas profissionais

não gostam de realizar tais desejos, deixando claro aos mesmos suas atuações em meio ao programa. É o caso de Duda e Luanda, que, segundo tal posicionamento, diziam:

“[...] é fato a lenda que diz que só se cria na noite se você fizer papel de ativa e eu nunca fui ativa, era menina, era passiva [...]” (Duda)

“Trabalhar na noite, na prostituição, para mim, significa fazer o que os clientes querem, porém sou passiva, não entendo muito desse linguajar, gosto mais de, posso te falar declarado?, gosto mais é de dar, eu não gosto de comer” (Luanda).

As relações entre profissionais do sexo e clientes são acordadas no momento em que os clientes abordam essas atrizes em seus locais de trabalho. Uma travesti ou transexual que está „fazendo pista“, jamais fugirá dos acordos postos em meio ao programa (BENEDETTI, 2004). Se o cliente combinar em ser ativo, isso ele será e vice-versa; entendo que um programa, cujos acordos ultrapassem os limites do dito, podem gerar outras complicações de diversas naturezas. Duda não conseguia ser ativa com seus clientes, pois via e entendia-se como mulher, não conseguindo atuar de outra forma. Já Gláucia, através da fala que diz “fazer o que os clientes querem”, deixa implícita a ideia de que prefere ser passiva, mas dependendo da situação e do programa, seria ativa, pois a satisfação do cliente era o que lhe importava.

Ainda analisando as narrativas apresentadas pelas participantes sobre seus programas e clientes, Don Kulick (2008) elabora uma discussão acerca dos clientes das travestis e a reação e sentimentos que as mesmas possuem por estes. As travestis que participaram do estudo etnográfico de Kulick, em Salvador/BA, deixaram claro o desprezo que sentiam por homens de quaisquer idades que as procurassem para serem passivos durante o ato sexual; as mesmas os intitulavam como “mariconas ⁴⁶”, pois não conseguiam entender o motivo que levaria um homem, geralmente casado e pai de família, a procurar uma travesti para ser penetrado por elas. As mesmas, após os programas, relata Kulick, que chegando a suas casas, começavam a contar as histórias ocorridas durante a noite de trabalho e o que seus clientes pediam que fizessem ou tinham dito; uns, no relato destas, usavam calcinha e pediam que os chamassem de “Gretchen, Baby Consuelo ou Fabiana”, já outros, pediam que as travestis os chamassem de “bonita e gostosa” e ainda tinham aqueles que se referiam as travestis como “gostosão,

⁴⁶ „Mariconas“, no dicionário Aurélio a dicionária da língua Afiada (2006), expressa a ideia de homossexuais ou heterossexuais de meia idade a idosos que procuram as travestis para serem penetrados (passivos) durante o ato sexual. No entanto, em conversa com as entrevistadas dessa pesquisa, as mesmas me disseram que hoje em dia utiliza-se a palavra maricona para todos os indivíduos que procuram as travestis no intuito de serem passivos durante o ato sexual.

meu macho, dizendo: que pau gostoso que você tem, pedindo que enfiassem todo o pênis no “rabo⁴⁷” deles, que queriam se sentir mais mulheres ainda” (KULICK, p. 178-179).

Na visão das travestis, tanto em Kulick (2008) quanto em Benedetti (2004), Pelúcio (2005) e Berutti (2010), as mesmas reações foram observadas nas falas dessas profissionais, pois as travestis, ao se produzirem como mulheres, esperam que seus clientes as visualizem e tenham como tal, as penetrem e as tratem realmente como mulheres, não ao contrário; por isso, em seus relacionamentos particulares, as travestis dizem que seus namorados devem ser „machos de verdade“, nem podem pensar em pedirem para serem penetrados. Algumas, nos relatos de Kulick, dizem que proíbem seus namorados de colocarem a mão em seus pênis, pois qualquer indício de uma passividade no ato sexual já seria motivo para um rompimento no relacionamento.

Pude perceber em meio a essas literaturas que as travestis definem os papéis sexuais de „macho e fêmea“ através das performances apresentadas por seus clientes e afetos no instante do ato sexual, ou seja, as mesmas agregam o padrão macho para clientes e namorados ativos e fêmea – no caso, mariconas –, para homens/clientes passivos, reafirmando que as mesmas não mantêm relacionamentos afetivos com homens passivos (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2004). Sobre a performatividade apresentada pelas travestis, Butler nos diz que “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente construída, pelas expressões tidas como seus resultados” (BUTLHER, 2003, p. 48). Apropriando-me do pensamento de Butler, pode-se entender que as travestis conceituam, através de estereótipos, os papéis sexuais desempenhados no ato das relações sexuais com seus clientes, visto que, primeiramente, estes estão procurando satisfação sexual junto a essas profissionais; depois, esses clientes, que desempenham tais papéis, não deveriam, em tese, ser classificados como bons ou ruins, ligando esse pensamento ao caráter macho/ativo ou fêmea/passivo, mesmo porque, por mais que estes clientes estejam se relacionando com travestis ou transexuais, algo lhes chama a atenção em determinado desempenho sexual das mesmas, sejam os seios, o tamanho de seus pênis ou a própria atuação sexual que estas atrizes apresentam, sejam como passivas ou ativas. Esses clientes não estão buscando apenas o estereótipo feminino visto nessas profissionais ao contratarem seus serviços, tais performances ultrapassam suas identidades de gênero, estes clientes estão buscando, juntamente com um corpo feminino, o desempenho que a atuação desse gênero lhe dará, ou seja, seus resultados, que para estes, se expressam através do gozo.

⁴⁷ „Rabo“ – Linguagem pejorativa, fazendo referência ao ânus. Aurélio a dicionária da língua afiada (2006).

Cabe ainda mencionar que cada autor apresentado acima realizou suas pesquisas em diferentes cidades de diferentes estados, não sendo dado pensamento uníssono ou via de regra para todos os casos e para todas as travestis. Em minha pesquisa, as participantes não especificaram seus posicionamentos sobre macho/fêmea, passivo ou ativo, em suas relações sexuais com clientes nem com seus companheiros; em meio ao programa, uma ou outra disse gostar mais de serem passivas ou ativas ou reclamaram sobre os estigmas empregados em seus clientes, porém, as mesmas sempre se pautavam nos programas, ou seja, se as mesmas recebessem, o cliente sempre tinha razão; mesmo não gostando, o faziam, pois era o trabalho delas naquele momento.

Marta contava-me que a disputa por clientes em meio às profissionais do sexo eram grandes, pois havia muitas travestis formosas e belas que chamavam a atenção de todos os transeuntes, motoristas e das próprias travestis que batalhavam juntamente a ela. A mesma afirmava que:

“Quando batalhava na noite, procurava me vestir melhor mostrava mais meu corpo, eu escolhia uma roupa bem legal, bonita, para usar. Mostrávamos algumas vezes, partes íntimas [...]” (Marta).

Kelly, com vinte e seis anos de idade e ainda batalhando, me disse com orgulho como lida com seu corpo para melhor atrair clientes:

“Eu me cuido, implantei silicone, tenho nádegas grandes, graças a Deus não preciso por. Amo perfumes, maquiagens e outros cosméticos que realçam a jovialidade e minha beleza [...] Não pratico exercícios físicos minha genética é ótima. Tomo hormônios para acentuar meu corpo e procuro dormir bem, o tanto que puder para cuidar de minha pele, essas coisas que os clientes gostam e procuram em nós” (Kelly).

Através dos relatos das participantes, pude notar que a beleza é algo que se preza muito. Em vários momentos de nossas conversas, travestis e transexuais afirmavam que se você não é bonita, não se cuida ou se arruma bem, você não encontra clientes na noite. A beleza tem um valor muito significativo para essas mulheres. O „cuidar-se, arrumar-se, harmonizar-se“ ganham aprovação ou reprovação de suas transformações pelos olhares de todos que transitam por esses espaços e em meio às outras profissionais, significando para tanto seus sucessos ou insucessos nesses processos de beleza. O local de trabalho, para elas, não se resume apenas em trabalho, mas espaços de sociabilização, aprendizagem e subjetivação. Benedetti reforça essas análises quando afirma:

[...] o convívio social das travestis nas áreas de prostituição está relacionado com a possibilidade da visibilidade social dos seus investimentos na transformação corporal e do gênero. É prioritariamente nestes espaços que [...] aprendem as modalidades e processos de se construir, corporal e subjetivamente, no gênero feminino é onde podem “verificar” se as estratégias de transformação de apresentação de si no feminino encontram reciprocidade, tanto por parte das outras travestis, como por parte dos outros habitantes deste universo social [...] (BENEDETTI, 2004, p. 5).

Logo, beleza e local de trabalho para essas atrizes, segundo o entendimento do autor e meus apontamentos, entendem-se como visibilidade de suas construções identitárias e afirmação das mesmas, estando intrinsecamente atrelados um ao outro, apresentando, como resultado, os elogios e a procura dos clientes, baseado nos sucessos de transformação das mesmas. Luanda expressa, através de sua fala, a comprovação da discussão apresentada:

“[...] eu adoro o meu corpo no meio desse trabalho entendeu. Na medida em que entro no carro e vou tirando a roupa os homens falam, nossa que corpo bonito você tem [...] a hora que eu tiro a roupa e eles olham o meu corpo, acho que eles sentem mais prazer ainda. É nessa hora que começa esquentar o programa” (Luanda).

O prazer e a satisfação através dos olhares desses clientes afirmam os sucessos dessas profissionais. A fala “eu adoro meu corpo no meio deste trabalho” comprova o êxito obtido por Luanda. Ela conseguiu ser vista e ser desejada, dessa forma, foi escolhida para realizar o programa com tais clientes, através dos investimentos em seu corpo; a mistura de sucesso, desejo e aceitação, para tais profissionais, reforçam não somente o sucesso como seus devires, tornando-se ao que desejam ser.

Em seus trabalhos na noite como profissionais do sexo, perguntei as participantes suas orientações sexuais, pois sabemos, através da fala de todas as entrevistadas, que suas identidades de gênero ou são travestis ou transexuais. Para falar sobre orientação sexual, trago tal definição segundo o conceito da ABGLT, pautada nos princípios de Yogyakarta, que menciona:

Refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferentes, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Basicamente, há três orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo sexo/gênero (homossexualidade), pelo sexo/gênero oposto (heterossexualidade) ou pelos dois sexos/gêneros (bissexualidade) [...] as características da orientação sexual variam de pessoa para pessoa. (ABGLT 2010, p. 10).

As participantes travestis, com exceção de Ana, disseram-me ser homossexuais e as transexuais afirmaram ser heterossexuais. O que chamou a atenção em meio a suas orientações sexuais foi o fato de que as mesmas não se guiaram por nomenclaturas, mas por seus desejos. Bárbara, em relação a essa pergunta, disse-me:

“[...] sou travesti, não entendo dessas definições, gosto de me relacionar afetiva e sexualmente com homens apenas, então posso dizer que sou homossexual” (Bárbara).

Kelly, ao perguntar-lhe tal definição, não apresentou dificuldades em responder, pelo contrário, soube expressar seus desejos e variações em meio a seu trabalho:

“Eu gosto de homens e gosto de mulheres às vezes, porém, prefiro homens. No entanto como faço programas lhe digo que profissionalmente sou obrigada a ser bissexual. Em minha vida privada onde posso estabelecer um relacionamento afetivo gosto apenas de homens. Considero-me homossexual” (Kelly).

Na visão de Kelly, sua orientação sexual seria a homossexualidade, no entanto, como trabalha atendendo os mais diferentes tipos de públicos, englobando aqui mulheres – outrora não citadas ou atendidas pelas demais entrevistadas –, Kelly, como afirma, é „obrigada“ a ser bissexual. Não que a participante sinta-se atraída ou demonstre desejo pelo sexo feminino, o que perpassa sua fala é o fato de considerar-se profissional em meio ao que faz, tendo assim que atender todos os seus clientes, mesmo que sejam mulheres. Ao final de seu relato, a mesma confirma o sexo e sua orientação sexual, por orientação cuja qual deseja se relacionar, “gosto apenas de homens. Considero-me homossexual”.

Marta e Duda entendem-se como heterossexuais, visto que sempre se sentiram e perceberam como mulheres. Porém, ao conversar com Marta, apresentou-me uma discussão intrigante referente à sua visão e aceitação de sua identidade de gênero:

“[...] defino-me como se eu fosse uma mulher mesmo, só que temos que ter consciência que, mesmo realizando a cirurgia de mudança de sexo, não somos totalmente mulher, por mais que tomemos hormônio, façamos a cirurgia como disse ou mudemos nosso nome. Temos que ter consciência de que temos órgãos masculinos interiormente. No momento como disse eu me defino como sendo uma transexual, como se eu fosse uma mulher mesmo. Só me relacionei com homens e gosto apenas de homens. Minha orientação sexual é heterossexual” (Marta).

Marta se percebe como mulher, porém, esta apresenta uma discussão de que, por mais que se tente mudar através das técnicas médicas e farmacológicas existentes, ainda assim, interiormente, se sentirá como pertencente ao sexo de nascimento, ou seja, masculino.

Indaguei-a sobre estes órgãos masculinos internos que ela falava. Marta me disse que se refere à formação corpórea propriamente dita, coração, pulmões, rins, entre outros, nascido conosco; salienta ainda que por mais que se submeta a cirurgia de redesignação genital, não poderá dar a luz, pois sua estrutura de nascimento não comporta ovários e útero. Porém, se considera pertencente ao sexo feminino.

Em toda a discussão, observei que Duda não apresentou nenhuma indagação acerca de sua transexualidade. Esta, desde o início de nossa conversa, deixou bem claro que sempre se considerou mulher e que, em sua visão, uma mulher transexual entende-se como tal de corpo, alma e espírito, não importando, segundo os apontamentos de Marta, se esta recebeu um corpo do sexo masculino ao nascer e teve que se submeter a cirurgias para se reconhecer e pertencer ao sexo/gênero que lhe convém, lhe agrada.

As discussões de gênero, apresentadas neste, lidam com diversas variações de sexo e sexualidade. Sobre isso, Butler afirma que “[...] a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24). A autora ainda diz que o gênero é culturalmente construído, não sendo o resultado causal do sexo que o corpo possui. Ainda entende-se que o desejo e suas formas de aproximação estão contidos no gênero, pois este, construído culturalmente, torna-se produto do meio e não do sexo. Trazendo ainda uma melhor definição de gênero, este se entende como sendo um conceito “[...] criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura” (LOURO, 2004, p. 07). Logo, entendemos também o que Louro (2004) expressa ao dizer que os corpos são marcados social, simbólica e materialmente por quem os habita e pela sociedade, através da cultura que permeia a mesma. Nomear indivíduos como homem ou mulher está intrinsecamente ligado às características apresentadas dentro da sociedade que estes fazem parte.

Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (ABGLT, 2010, p. 09). Nota-se, então, que entre o gênero e o sexo há uma descontinuidade, como menciona Butler (2003), podendo então afirmar que a identidade de gênero apresentada pelas entrevistadas foi e, por que não dizer, está sendo construída através de suas culturas – a cultura normativa, apresentada pela sociedade, as quais estão inseridas e a cultura que permeia o meio em que travestis e

transexuais vivem, o que definimos aqui como cultura travesti – e seus devires em meio aos seus trabalhos na noite, relações com clientes e com a sociedade.

Aqui, entendemos também o motivo de parte de meu título se chamar (des) caminhos de devires, pois se para a sociedade, perder-se em meio à prostituição – e aqui utilizo o sentido moral da palavra – é algo ruim ou negativo, utilizo o pensamento de Cecília Meirelles ao dizer que “*perder-se também é um caminho*”, então, essas atrizes sociais estão de alguma forma, formas estas pessoais e individuais, vivenciadas pelos processos de seus devires, estão se encontrando em meio a esses caminhos, estão se apropriando cada vez mais da pessoa ou da forma, seja essa social ou identitária que as mesmas querem ter ou ser.

III – COMUNIDADE, CULTURA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM CONTEXTOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo.

Roque de Barros Laraia

III.I SOBRE COMUNIDADE NA PERSPECTIVA DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Antes de aprofundar as discussões sobre comunidade, cultura e desenvolvimento comunitário na visão e nos contextos vivenciados pelas travestis e transexuais, apresentarei, de forma clara e compreensível, a definição de cada um desses contextos e o que significa estes para as travestis e transexuais. Sabemos que ao falar sobre comunidade, cultura ou desenvolvimento comunitário, demandamos um tempo muito grande, visto que estes apresentam diversas ramificações e discussões em seu entorno. Porém, a proposta aqui se limita ao entendimento prévio de cada um destes, visto que o foco central são as narrativas apresentadas pelas travestis e transexuais em torno destes bem, como as mesmas se sentem e entendem o que cada conceito desses significa pra si.

Comunidade, segundo o dicionário *Houaiss* (2001, p. 102), expressa a ideia de população de um bairro, região, entre outros. O mesmo conceito é entendido também como coletividade – grupos com interesses comuns, agremiações ou sociedade (2001, p. 98), servindo sociedade, como visto também, para designar o conceito de comunidade. Logo, segundo o dicionário, a palavra comunidade, bem como coletividade se traduz em sociedade.

Burbano (2011) refere-se à comunidade como dimensões do campo espacial, porém, relativamente reduzido, havendo um relacionamento particular entre o território e a comunidade e em um sentido mais amplo; essa palavra denota a qualidade de comum ou a posse de algo em comum, portanto, não sendo exclusivo de uma pessoa e sim de muitas. Max Weber (1973) também expressa a ideia de comunidade como um conceito amplo, onde esta abarca situações diferentes, mas que, ao mesmo tempo, se apoia em sentimentos afetivos, emotivos e tradicionais. Ferdinand Tönnies (1973) cita que os processos comunitários estariam ligados primeiramente aos laços de sangue, passando a aproximação espacial e, depois, a aproximação espiritual, relacionando comunidade a uma vontade comum. Tönnies

(1995) ainda afirma que as características da comunidade estariam relacionadas aos laços de parentesco, vizinhança e amizade.

Pensemos a comunidade como sendo o interior de uma casa e a sociedade o quintal desta. Dentro da casa existem pessoas unidas pelo laço sanguíneo, de afeto, de amor. Essas pessoas lidam com a vida em prol de um bem comum, a família. No quintal, no entanto, não existem apenas elementos que se encontram dentro do espaço de nossas casas, existem os vizinhos, os transeuntes, os animais, os eventos climáticos que podem afetar tal lugar ou não; enfim, elementos externos ao do interior da casa. Sendo assim, a comunidade como bem comum é um lugar mútuo, onde existe amor, compreensão, vontade coletiva e tranquilidade, no entanto, a sociedade apresentada como sendo quintal da casa seria um lugar onde os interesses em comum, de certa forma, foram deixados de lado, é um espaço independente onde cada um luta por seus ideais e conquistas, onde o bem comum se encontra no fato de que se algo incomoda a maioria, então estes vão lutar e pensar juntos para que o problema ou empecilho seja resolvido. Não que na comunidade tais dificuldades não existam, porém, na sociedade, ao se resolver um impasse, as pessoas seguem suas vidas como se as outras estranhas o fossem e, na comunidade, ao se resolver um problema, os mesmos comemoram, festejam e se alegram mutuamente.

Ainda sobre comunidade e sociedade, temos as pessoas que nestas habitam, na comunidade, no sentido de casa, temos a família e, na sociedade, as pessoas, os desconhecidos. Quem trocaria um lugar cálido, como menciona Bauman (2003), harmonioso e feliz por outro desconhecido, individual e, de certa forma, frio? Como visto nas narrativas iniciais, as protagonistas da pesquisa fizeram essa „troca“ não por vontade própria, mas por imposição ou por obrigação de seus familiares que as rejeitaram, não as aceitando como travestis ou transexuais. Dee Hock afirma que:

A verdadeira comunidade exige proximidade, interação e contato contínuo e direto entre as pessoas, o lugar e as coisas de que é composta. Ao longo da história, a pedra fundamental, a quintessência da comunidade, foi sempre a família. É ali que ocorre a maior troca não monetária de valor [...] A troca não monetária de valor é o coração e a alma da comunidade e a comunidade é o elemento essencial, inevitável da sociedade civil (HOCK, 2006, p. 14).

Excluídas deste espaço de trocas não monetárias, de experiências aprendidas em família, travestis e transexuais, ainda adolescentes, são obrigadas a contar muitas vezes com a própria sorte para se manterem ou, porque não dizer, „se criarem“ sozinhas em meio a sociedade que as exclui, marginaliza e ataca. Aqui, podemos nos referir, segundo o

pensamento de Hock, que essa é a primeira perda sofrida pelas travestis e transexuais, a perda do amor da convivência, do afeto, de experiências vividas em família e da proteção destes. Como já discutido e apresentado no decorrer do trabalho, sabemos que longe de seus familiares, tanto as travestis como as transexuais procuram apoio umas a outras para vencerem os desafios enfrentados em meio à sociedade; esses grupos, outrora, apresentavam o nome de guetos – forma de comunidade e resistência –, no entanto, através de Brasil (2010), pude ver que essa denominação, em nossa atualidade, já foi ultrapassada, visto que o “público LGBT, hoje tem o direito e livre acesso a todos os lugares” (BRASIL, 2010, p. 11).

No entanto, por mais que a palavra gueto tenha deixado de apresentar seu significado na íntegra para estas pessoas, discordo do então chamado „livre acesso“, pois sabemos que para as pessoas trans e, em específico, para as travestis, alguns espaços de sociabilidade não permitem suas presenças, dentre eles, podemos citar saunas, algumas igrejas, algumas casas de shows, algumas lojas de roupas ou de calçados, banheiros femininos, alguns restaurantes, algumas escolas, entre outros lugares. Um exemplo é o caso ocorrido com Amanda Marques e Marcelo Dias ao tentarem entrar em uma boate na cidade de Fortaleza-CE. “Estes foram barrados na portaria por Amanda ser uma travesti ⁴⁸”. Aqui temos que reforçar que os locais apresentados não seguem, via de regra, dependendo é claro da aceitação dos donos/as destes determinados estabelecimentos e do não constrangimento que as pessoas que frequentam tais lugares passaram ou não estando em um mesmo ambiente que uma travesti.

Os exemplos e pensamentos que acabo de apresentar não foram frutos da imaginação ou possível intuição; estes, em diversas vezes, foram apresentados não só pelas travestis que participaram do trabalho, bem como outras travestis que tive contato no decorrer de minha vida. O que mais impressiona é o fato de que mesmo as travestis estando com dinheiro, são proibidas de frequentar determinados locais e quando esse acesso é liberado, um sinal amarelo é emitido – fazendo alusão ao semáforo, tendo o sinal amarelo o significado de „fique atento“. As demais pessoas que também frequentam o local acabam incomodadas com a presença das travestis, muitas vezes, chegando até a reclamar com os/as proprietários/as da presença e da frequência dessas pessoas no mesmo local.

Entende-se, nessas situações, que as travestis, por apresentarem determinados estigmas impostos a estas pela sociedade, são vistas, segundo Luiz Mott (apud BRASIL, 2004), como

⁴⁸ Amanda Marques e seu namorado Marcelo Dias foram impedidos de entrar em um clube noturno por Amanda ser uma Travesti. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/travesti-diz-que-foi-barrado-em-boate>. Acesso: 08/12/14.

„bagaceiras⁴⁹ ou perigosas“, criando no imaginário das pessoas que estão por perto ou que se aproximam destas uma situação de perigo e medo, uma ideia de que estas irão lhes roubar, bater ou atacar. Em relação ao incômodo que as travestis causam nas pessoas, Foucault (1987) trabalha com a ideia da correção como forma de desvio disciplinar, ou seja, as travestis, por não apresentarem uma estética e um comportamento padrão heteronormativo proposto pela sociedade, são submetidas a determinadas formas de preconceito e exclusão, como forma de punição. Esses atos de exclusão, algumas vezes inconscientes – um exemplo: o simples fato de não querer andar sob a mesma calçada que uma travesti é uma atitude preconceituosa, no entanto, algumas pessoas apenas reproduzem esses atos, não sabendo o motivo exato de tais atitudes, é isso que chamamos de exclusão inconsciente; você rejeita algo sem saber o porquê –, são impostos às travestis no intuito de reduzir seus desvios.

Fazendo um adendo neste momento, a título de informação histórica, as travestis ao longo dos anos apresentaram a imagem de indivíduos agressivos, no entanto, é de suma importância entender que, no início de suas aparições em meio à sociedade, as mesmas apanhavam muito, tanto de policiais quanto de pessoas que apenas estavam passando pela rua (PERLONGHER, 1987; TREVISAN, 1997; GREEN, 2000). Sem saberem se defenderem dessas agressões, as travestis foram obrigadas, de alguma forma, a utilizar o que podiam para tentar escapar e se proteger de tais atitudes; foi nesse instante que passaram a utilizar giletes, estiletes e outros materiais cortantes como forma de proteção. A partir desse momento, surge a imagem de que as travestis são perigosas e violentas, bem como as ideias alimentadas até hoje de que as travestis andam armadas – armas brancas (TREVISAN, 1997). No entanto, tais atitudes são respostas às inúmeras violências sofridas em sociedade, reforçando assim, a fala de Maturana (1998), que expressa a ideia de que sem sociabilidade ninguém será sociável.

Partindo para as narrativas apresentadas pelas participantes, ao perguntarmos a Duda como a mesma se vê em meio à sociedade ou comunidade local em que vive, ela nos respondeu:

“Sinto-me como uma guerreira, [...] eu vejo que as pessoas me veem assim, nossa ela é transexual, ela trabalha, é guerreira, ela tem um nome, todo mundo conhece [...] o que as pessoas me dizem no horário de trabalho é que eu sou uma em um milhão. Que a maioria além de não ter oportunidade muitas não quer trabalhar” (Duda).

⁴⁹ Bagaceira, segundo Aurélia a dicionária da língua afiada (2006), significa: lugar ou coisa podre; lama.

Duda, durante toda nossa conversa, sempre mostrou persistência e inconformidade em ter que se prostituir para ganhar seu sustento, deixando claro que lutou com todas suas forças para sair dessa vida, pois, enquanto mulher, não se sentia pertencente ao mundo da prostituição e sabia que tinha mais a oferecer à sociedade. Hoje, exercendo uma função dentro de um setor público, podemos observar que Duda se sente reconhecida, não só como mulher, mas como uma exímia profissional. Aqui, podemos entender o que Goffman (1988) expressa sobre a aceitação do estigmatizado. Seu símbolo, o que lhe „diferencia“ das demais pessoas, não desapareceu, no entanto, através de seu excelente trabalho, tal marca foi deixada de lado.

O profissionalismo de Duda ultrapassou seu estigma de pessoa trans em meio ao seu trabalho. Não quero dizer que em meio ao seu trabalho não possa existir situações de preconceito, isso menciono como possível hipótese, no entanto, o fato de ser uma profissional qualificada, de certa forma, faz com que as pessoas que trabalham juntamente com Duda, bem como as que são atendidas pela mesma, pensem os/as cidadãos/ãs trans sob uma nova ótica, de uma forma mais humanizada.

Luanda, ao fazermos a mesma pergunta sobre estar e se sentir em meio à sociedade, disse-nos:

“Como travesti, me sinto uma pessoa realizada [...] Não me interessa pelo o que as pessoas pensam ao meu respeito! Eu adoro passar 24 horas vestida de mulher, adoro me olhar no espelho, me adoro, eu me amo, adoro todo o meu corpo [...] Se ando durante o dia, eu saio só no look⁵⁰. Se as pessoas me olham acredito que estão me achando bonita, mas quando eu vejo que é ironia, eu faço um escândalo. Quando é uma mulher que me olha dando risadinha eu ensino a receita para ter o corpo que eu tenho ou para ter minha beleza, quando é um homem eu pergunto se não quer experimentar para depois não ter ou ficar reclamando. Agora aprendi a me defender” (Luanda).

É visto em meio à narrativa de Luanda que a mesma já superou seu estigma. Ela conseguiu, primeiramente, se aceitar como travesti e decidiu viver dessa forma livremente, andando pela cidade, despreocupada com o juízo que as pessoas ao seu redor irão lhe impor. Ao nos dizer que adora se olhar no espelho, que se adora, entendemos que é o marco crucial de sua realização; o espelho que Luanda tanto se olha reflete nitidamente a imagem que a mesma quer que este lhe passe, de uma pessoa bela, feliz e realizada consigo mesma. Se Luanda sofre algum tipo de apontamento nas ruas, ela revida a mesma altura. Ao que muitos imaginam, a travesti não sai agredindo as pessoas, pelo contrário, ela ensina como ter o corpo

⁵⁰ Look significa: Visual, conjunto, composição ou configuração em acessórios e roupas. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/look/>

que tem e sua beleza – aqui nos passa a ideia de felicidade interior que se exteriorizou no decorrer de sua vida – ou se deixa experimentar para não passarem vontade depois.

Porém, o que mais nos chama a atenção é o fato de Luanda dizer que agora aprendeu a se defender. Novamente, como visto em Goffman (1988), o estigmatizado tende a se esconder ou a esconder seu estigma pelo fato do julgamento que este lhe atribuiu em meio à sociedade. Como disse, ela não mais se esconde, pois conseguiu galgar seu status de abjeção, mostrando para os demais que, além de possuir direitos, é uma pessoa como outra qualquer, porém, com uma forma de experienciar a vida diferente (BUTLER, 2001). Ela não precisa agredir ou brigar com ninguém para conseguir isso, ela apenas vive e deixa as pessoas a observarem e acredito que o que mais perturba essas pessoas, além do fato de não viverem a heteronormatividade imposta a todos, é a questão de Luanda ser hoje uma pessoa resolvida e feliz, mesmo se „desviando“ das regras impostas (FOUCAULT, 1988). Tais sentimentos trazem de certa forma uma „inveja“ ou „incômodo“ nos demais, incômodo que muitas vezes, mesmo de uma forma inconsciente, se traduz em raiva da felicidade alheia.

O fato de se ver como travesti e ter que conviver em sociedade desencadeia algumas sensações em Bárbara:

“Como travesti sinto-me bem comigo mesma, às vezes fico mal ou triste por não ser aceita em meio à sociedade que vivo, por não nos quererem, porém não sofro tanta discriminação, tanto preconceito por que sei me comportar, não me vulgarizo, sou comportada” (Bárbara).

A fala de Bárbara chama muito a atenção. Como a maioria das travestis, Bárbara sente-se bem enquanto travesti, no entanto, se deprime pelo fato da sociedade ainda recriminá-la e não aceitá-la plenamente. O que mais me indaga é o fato de Bárbara dizer que não sofre preconceito por saber se comportar – e aqui podemos entender que é uma situação ocorrida em público ou no meio de mais pessoas cujas quais convive. O fato de dizer que “não se vulgariza” poderia denotar um pensamento de „outras travestis são vulgares ou, de uma determinada forma, se vulgarizam, em sua visão“. Como estou trabalhando com as narrativas das participantes, partindo do ponto de vista de que mesmas estão em sociedade e de como se veem em meio a esta, recorro novamente a Goffman (1988) para reforçar o conceito estigma na fala de Bárbara.

O autor, em dado momento de suas discussões sobre estigma, menciona que o estigmatizado chega a determinado momento de sua vida que realmente se assume como possuidor de uma „diferença“, tornando arredo a outros grupos por causa deste. A narrativa

de Bárbara mostra que ela superou para si o estigma de ser travesti e viver em comunidade, porque sabe se comportar, dando também a entender que esta precisa se „esconder ou se conter“ para ser aceita em diferentes meios, situação também trabalhada por Goffman (1988) sobre comportamento dos estigmatizados. No entanto, por apresentar esse comportamento, condena inconscientemente – ou não – as outras travestis, que optam, querendo ou não, em se vulgarizar. Bárbara, de certa forma, entrou no sistema de vigilância e punição apresentado por Foucault (1987), onde para não ser punida, prefere se conter ao sofrer as retaliações pelos demais.

Kelly – que acredito ser a participante mais ostensiva – sempre me mostrou suas opiniões fortemente, não deixando transparecer em suas narrativas nenhuma „fraqueza“ ou medo de pensar, agir e se mostrar como travesti. A travesti, ao ser questionada sobre se vê enquanto tal e em meio à sociedade que habita, nos relatou:

“Eu sou belíssima! (risos), sou como uma pessoa qualquer, não penso que sou estranha por ser travesti, ou isso ou aquilo, sou eu mesma e pronto, não tem outra igual! Não estou nem aí para o povo, eu também não gosto de tantas pessoas e sou obrigada a conviver com elas e nem por isso fico de falsidade! Não gostou? Meu edi⁵¹ pro povo que eu tô passando querida, ah e entra na fila e pega a senha (risos)” (Kelly)

A participante é enfática, “eu sou belíssima”, possui um temperamento forte e tem uma presença bem marcante, atributos percebidos por mim no momento em que conversava com a mesma. Kelly, diferente das demais, não hesitou em nenhum momento ao responder uma pergunta, sempre em alto e bom tom, deixou claro o que pensava e sentia – observei seus sentimentos através de suas expressões corporais; para algumas perguntas, Kelly franzia a testa, gesticulava fortemente em oposição a determinado assunto, erguia uma de suas sobrancelhas ou soltava uma gargalhada irônica, como quem realmente queria dizer: “Querido, dane-se”. Kelly, como já mencionamos, é a participante mais nova da pesquisa. A travesti é o que Green (2000) denota como sendo a travesti espalhafatosa, mostrando realmente a que veio. Em sua fala, ela se intitula, de início, belíssima e isso ela é de fato – pele branca, olhos esverdeados, nariz e lábios finos, belo seios, „acinturada“, dona de um quadril avantajado e de um cabelo natural até a cintura que nunca havia visto. Assim como as colegas, a participante não se preocupa com o que os outros pensam, pois se ama, conseguiu alcançar tudo aquilo que investira e esperava para si em seu corpo.

⁵¹ Edi, em Aurélia a dicionária da língua afiada (2006) significa: ânus, cú.

Por ser tão intensiva, não se pode dizer se realmente Kelly expressa essa verdade apenas para os demais – como uma capa – ou se em seu íntimo ela sente a abjeção advinda da sociedade. Ao dizer “entre na fila e pegue a senha”, Kelly quis dizer que existem mais pessoas que não gostavam dela também e que ela não estaria preocupada com o número destes, pois estava passando, seguindo sua vida, enquanto essas pessoas não gostam dela. Acredito que um dos fatos de Kelly não ser quista ou ter várias pessoas que não gostam dela, vem de seu jeito, por ser extremamente sincera e por não fazer questão de agradar ninguém; a participante acaba criando certas inimizades ao seu redor ao dizer “não fico de falsidade”, ela expressa que não quer ter pessoas em sua volta só para manter uma postura ou para agradá-la. Kelly quer pessoas que realmente gosta perto de si – claro que esse último pensamento é uma especulação de um dos possíveis motivos pelos quais Kelly apresenta uma fila de desafetos. Apesar disso, Peres (2006) nos diz que o primeiro contato com as travestis nos mostra um glamour, uma alegria, porém, no decorrer dessas convivências, as mesmas vão „se desmontando“, mostrando realmente que aquele marketing inicial é apenas seu cartão de visita ou um escudo de defesa, pois a realidade de uma travesti é bem diferente.

São poucas as travestis ou transexuais que conseguem certo respeito ou certa visibilidade no Brasil. As que conseguiram ou conseguem uma maior visibilidade, as conquistam por serem engraçadas, caricatas, debochadas ou por se destacarem devido à tamanha beleza, casos como Claudia Wonder⁵², Roberta Close⁵³, Rogéria⁵⁴, Jorge Lafond⁵⁵ – que interpretava um gay efeminado, passando várias vezes a impressão de ser uma travesti – e agora, em nossa atualidade, temos destaque como Nany People⁵⁶, Leo Aquila⁵⁷, o cartunista Laerte Coutinho⁵⁸ e a personagem Valéria Vasques – personagem transexual interpretada pelo

⁵² Claudia Wonder – Foi um travesti e ativista de Direitos Humanos e no movimento LGBT da década dos anos 1980 e ícone na noite Paulistana. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/678325-morre-icone-da-cultura-gay-de-sp-conheca-a-biografia-de-claudia-wonder.shtml> Acesso: 09/12/14.

⁵³ Roberta Close – teve seu nome, bem como gênero, alterados em 10 de março de 2005 pela 9ª Vara de Família do estado do Rio de Janeiro, sendo uma das mais conhecidas transexuais do Brasil. Disponível em: http://www.purepeople.com.br/famosos/roberta-close_p2558 Acesso: 09/12/14.

⁵⁴ Rogéria – É uma travesti e transformista brasileira, famosa na década de 1960 e 1970. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/25/nunca-tive-barba-e-nunca-precisei-de-sutia-diz-rogeria-que-completa-70-anos-neste-sabado.htm> Acesso: 09/12/14

⁵⁵ Jorge Lafond – Foi um ator, comediante, dançarino e transformista brasileiro. Sua principal personagem foi Vera Verão, um gay efeminado que muitas vezes passava – se por uma travesti. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u495825.shtml> Acesso: 09/12/14

⁵⁶ Nany Peolpe – É hoje considerada a transexual mais famosa do Brasil. Nany é humorista, comentarista, atriz, locutora, apresentadora, colunista e repórter. Disponível em: <http://www.nanypeople.com.br/> Acesso: 09/12/14

⁵⁷ Leo Aquila – É um jornalista e atriz *Drag Queen* cujo qual faz show de diferentes performances por todo o Brasil. Disponível em: <http://leoquilla.com.br/> Acesso: 09/12/14

⁵⁸ Laerte Coutinho – É um quadrinista e cartunista brasileiro, cujo qual está gradativamente mudando sua identidade de gênero. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/laerte/> ou http://pt.wikipedia.org/wiki/Laerte_Coutinho Acesso: 09/12/14

ator Rodrigo Sant'Anna⁵⁹ -, entre tantos outros. Essas pessoas foram referenciadas no intuito de mostrar que poucas conseguem ser reconhecidas devido aos seus trabalhos, talentos ou atributos pessoais; estas, diferente das protagonistas da pesquisa, estão dentro da situação denotada por Green (2000), ao mencionar que tanto gays como travestis que conseguissem uma proteção entre a elite só as mantinham se apresentassem as representações tradicionais do feminino ou do efeminado.

Outro apontamento importante estende-se pelo fato de que ambas as travestis – midiáticas ou não – trabalham, cada uma apresentando um labor diferente das demais. As que se enquadram às regras apresentadas pela sociedade ou, como podemos dizer, „as que servem de palhaças para a elite brasileira dar risada“, estas são „toleradas“, pois fazem graça com situações deploráveis, oriundas muitas vezes de seus próprios cotidianos ou situações de outras pessoas; essas, então, perante a sociedade, possuem um „trabalho digno“, independente de suas identidades de gênero ou orientações sexuais. Em contrapartida, as travestis que se prostituem não são „dignas“ nem „quistas“, por trabalharem com elementos que trazem tormento, desconforto e indignação à população como um todo, o sexo e o dinheiro. Tanto um quanto o outro são elementos morais dentro de nossa sociedade; o primeiro tem que ser praticado, a partir da ótica da cristandade e da sagrada família, com sua esposa apenas e, o segundo, se consegue através do „trabalho digno e honesto“ – cujo qual a prostituição, com certeza, não seria um deles.

Porém, só as travestis e transexuais são julgadas por se prostituírem; seus clientes, por serem muitas vezes „homens de bem“, tal julgamento não se aplica, ou seja, façam o que eu digo, porém, não façam o que eu faço. Essa é a maior hipocrisia apresentada pela sociedade ao longo dos anos e sabemos que esse ditado não se aplica somente às questões que envolvem travestis e prostituição, mas à diversas que, não só a sociedade, como a sã doutrina, faz questão em esconder, pois como dizem, “o que os olhos não veem o coração não sente”. Em meio a todos esses processos decorrentes de comunidade, apresento aqui outro fator que se desenvolve dentro a mesma, este denominamos como cultura.

⁵⁹ Rodrigo Sant'Anna – É um ator, comediante e humorista brasileiro, mais conhecido por interpretar a personagem Valéria Vasques, no programa Zorra Total na emissora Rede Globo. Disponível em: <http://rodrigasantannaoficial.com.br/> Acesso: 09/12/14.

III.II ACERCA DE CULTURA E DE UM COSTUME „TRANS“⁶⁰

Cultura, segundo Santos (2006), é uma palavra oriunda do latim, que tem como significado original as atividades agrícolas. Essa palavra vem do verbo „colere“, que quer dizer cultivar. Os pensadores romanos antigos deram um novo conceito para cultura, ligando a mesma ao refinamento pessoal, como estudos, sofisticação pessoal, refinamento entre diferentes áreas de ensino da sociedade. Além destes, os romanos antigos preservavam também a cultura da alma. Aqui, podemos entender o sentido utilizado para denotarmos „pessoas cultas“; estas são pessoas que apresentam um grande entendimento sobre diferentes assuntos, um apuramento e refinamento em diversas artes e são capazes de pensar e contextualizar através do que veem diferentes assuntos.

O dicionário *Houaiss* (2001, p. 117) expressa a ideia de cultivo como conjunto de crenças, costumes e atividades de um grupo social, conhecimento, instrução e civilização. Aqui já percebemos que esta não é apenas norma de sobrevivência como os ritos, as crenças, as maneiras e os costumes passados de geração para geração e de comunidade/sociedade para comunidade/sociedade, mas é o denominador comum de diferentes grupos ou sociedades. Valendo-nos ainda de Santos (1996), este se refere à cultura dizendo que esta diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, em um sentido particular a cada povo, nação e grupos humanos. O autor ainda nos mostra que cada cultura possui sua lógica própria, as quais devemos procurar conhecer para que, após esse conhecimento, se faça sentido suas práticas, costumes, concepções e transformações pelas quais cada sociedade passa. Roque de Barros Laraia, em seu livro „Cultura um conceito antropológico“, nos mostra que cultura é um conceito em franca expansão, podendo transitar desde os níveis biológicos, passando pela geografia, povos, até a sua lógica própria. Laraia (2001) nos mostra que cultura é um processo acumulativo, onde este resulta das experiências históricas das gerações anteriores, podendo o processo estimular ou limitar a ação criativa dos indivíduos. Para reforçar o conceito de cultura, Claude Lévi-Strauss (1976) define a mesma como um sistema de símbolos, portanto, criação acumulativa da mente humana.

Podemos dizer novamente, então, que cultura são normas, conceitos e valores – sejam éticos ou morais –, transmitidos de nossos antepassados para nós durante todos os dias, com diferentes visões/entendimentos no decorrer dos tempos, carregadas de sentimentos que,

⁶⁰ O termo “Trans” utilizado no tópico III.II deste capítulo refere-se a nova forma de tratar tanto travestis como transexuais. As travestis não querem ser tratadas como pessoas transexuais, pois para estas dá a impressão de quererem mudar de sexo, ou que tanto travestis como transexuais são as mesmas pessoas, Carvalho (2011).

muitas vezes, podem agregar aprovação ou reprovação de pessoas em questão. Laraia (2001) define cultura como uma lente onde o homem vê o mundo através desta, podendo homens de diferentes culturas usarem diferentes lentes para visualizarem ou entenderem várias coisas, gerando assim um desencontro de ideias das mesmas. É o caso de nossas participantes, mesmo fazendo parte de uma mesma cultura, utilizam diferentes lentes para apresentar diversos entendimentos sobre cultura.

O que chama a atenção até aqui é o fato de, realmente, as sociedades se pautarem por simbologias, onde nestas, por mais que pessoas se encontrem em certo nível diferente dos demais, participam do que Bourdieu (2011) chama de violência simbólica, ou seja, a sociedade apresenta determinadas formas simbólicas de se viver entre a mesma, porém, ela não compactua ou concorda com diferentes formas utilizadas ou experienciadas de se vivenciar a cultura dentro a mesma – e aqui mencionamos as formas de se vivenciar a cultura por travestis e transexuais. No entanto, para não se criar um mal estar ou um maior enfrentamento, essa sociedade absorve o „entendimento“ e as „manifestações“ advindas dessas pessoas, fazendo assim as mesmas acreditarem que estão inseridas na mesma sociedade e desfrutando de uma mesma cultura.

A violência simbólica apresentada aqui vem em forma de risadas, comentários maldosos e preconceituosos, olhares maliciosos, dentre tantos outros, advindos da sociedade heteronormativa para as travestis e transexuais. O discurso seria “Sim, entendemos as dificuldades enfrentadas por vocês, compreendemos suas necessidades e faremos de tudo para consolidar meios ou políticas de inclusão a vocês” e, em contrapartida, uma determinada classe burguesa parlamentar veta inúmeros pedidos de cidadania e justiça para a população LGBT.

Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) nos informam que cultura tem vários sentidos no decorrer da história. O sentido mais amplo desta aparece na expressão „cultivar o espírito“, considerando essa expressão como „cultura-valor“, apresentando o julgamento de valor que determina quem tem cultura e quem não a tem, ou se pertence a meios cultos ou a meios incultos. No tocante à cultura, sabemos que todas as pessoas, de uma forma geral, apresentam determinada cultura. Exemplifico isso no simples fato de uma mulher aprender com sua mãe, que aprendeu com sua avó e, assim, sucessivamente.

Porém, o que Guattari e Rolnik nos apresentam está no sentido de classes, ou seja, a burguesia diz que uma pessoa culta tem acesso à melhor educação, aos melhores livros, aos melhores lugares e assim por diante, colocando em contrapartida as pessoas que não têm

acesso a esses bens e serviços. Logo, uma travesti ou transexual que se prostitui, que apanha, que usa o bajubá⁶¹ para se comunicar com as pessoas, jamais será tida como uma pessoa culta ou portadora de uma cultura. Porém, através dos relatos das entrevistadas, pude observar o que entendem sobre cultura e se as mesmas acham que existe uma cultura, propriamente dita, travesti e transexual.

Ao serem questionadas sobre uma possível cultura travesti, Marta e Caroline disseram, basicamente, as mesmas coisas:

“Acredito que cultura travesti seja os shows que fazemos. Shows é uma de nossas culturas e acredito que sinceridade também seja” (Caroline).

“Cultura travesti para mim seria apresentar um show, um espetáculo. Apresentações, performances e dublagens para o público no meu ponto de vista seria uma de nossas maiores culturas” (Marta).

Partindo do ponto de vista de Caroline e Marta, entendemos, segundo o apresentado, que cultura é algo passado de pessoa para pessoa, grupo para grupo e, assim, sucessivamente. Nesse intuito, é visto que os shows, espetáculos e dublagens são características próprias das travestis, transformistas⁶² e das *drag queens*⁶³. Green (2000) relata que o surgimento das travestis no decorrer da história aparece, primeiramente, nos carnavais de rua, bem como em bailes carnavalescos, onde estas apareciam „montadas“ com plumas, paetês, lantejoulas, *glitter*, entre outros apetrechos tipicamente carnavalescos. A ideia de prostituição nessa época não era associada ainda às travestis, visto que, no final dos anos 1960, essas aparições eram tidas tipicamente como culturais e em meio aos carnavais. Logo, essas profissionais ficaram associadas às imagens de efêmeras, extravagantes e detentoras de uma performance tipicamente travesti, passadas uma as outras no decorrer da história.

A imagem de prostitutas vem da década de 1970, quando as travestis começam a aparecer em público, no intuito de ganhar dinheiro através da prostituição (TREVISAN, 1997; GREEN, 2000; SILVA 1996). Sendo assim, esses espetáculos são culturas tipicamente

⁶¹ Segundo Aurélia a dicionária da língua afiada (2006), Bajubá (ou Pajubá) – baseada nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelas travestis e posteriormente estendida a todo o universo gay.

⁶² Segundo o Manual de Comunicação LGBT (Brasil, 2010, p. 17), o termo Transformista é utilizado para pessoas que se vestem com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas. Disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>

⁶³ Segundo o Manual de Comunicação LGBT (Brasil, 2010, p. 17), o termo *Drag Queen* é utilizado para homens que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. Uma *drag queen* não deixa de ser um tipo de “transformista”, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero.. Disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>

travestis, pois ao se passar de pessoa para pessoa, tal habilidade não se aprende de uma hora para outra; um show ou uma dublagem demanda de toda uma técnica para que a apresentadora possa realizar seu número com sucesso, então, tais performances demandam de muita conversa, demonstração e aprendizado, nos mostrando que realmente o espetáculo noturno – na maioria das vezes – é uma cultura das travestis. Sobre a fala de Caroline acerca da sinceridade ser uma característica culturalmente travesti, entendo que, por sofrerem e serem rejeitadas tantas vezes, estas esperam que as pessoas com quem convivem sejam como elas são, sinceras e verdadeiras ao falarem o que pensam e sentem.

Já na visão de Kelly, sobre a ideia de uma cultura travesti, ela relata:

“Existem várias coisas que posso dizer que são pertencentes à cultura das travestis. As roupas, o jeito de falar, de andar, nossa própria mudança física (seios, nádegas) existem várias coisas. Hoje a sociedade que nos despreza absorve muita coisa nossa e reproduz na mídia para as pessoas, isso se torna piada, coisa engraçada e muitas vezes as pessoas nem sabem que são características das travestis (risos)” (Kelly).

Kelly, ao narrar sua ideia de cultura travesti, nos abre um universo de informações decorrentes desta. Visto em autores como Pelúcio, Benedetti, Trevisan, entre outros, tanto as roupas como o modo de falar, gesticular e andar são pontos explorados minuciosamente pelas travestis – e acredito que nem mesmo as transexuais se empenham tão profundamente quanto as travestis nestas questões –, pois, como elas mesmas costumam dizer, suas maiores „armas“ são suas roupas, seus acessórios e perfumes, impregnando em tais atributos a nítida marca das travestis. Suas roupas variam conforme o que as mesmas querem passar para os demais. Se estas querem passar a imagem de uma profissional sexy, porém, discreta, as mesmas utilizarão roupas menos decotadas, logo, mais justas, no intuito de acentuar por debaixo destas suas curvas e sinuosidades. Nesse sentido, também não usarão salto alto tipo plataforma, *peep toe* ou um *scarpin* - tipos de sapato de salto alto femininos –, mas uma bota fechada com salto alto em cores menos chamativas. Além disso, uma maquiagem leve, salientando sempre os olhos, e brincos de tamanho médio, mexendo sempre nos cabelos para reforçar sua sexualidade.

Caso queiram mostrar o corpo em uma noite quente, se exibindo não só para os carros que passam como para os pedestres, estas poderão colocar uma minissaia, rodada ou colada, um *top*, onde seus seios quase não caibam, uma maquiagem forte e quase sempre com cores coloridas, brincos grandes e chamativos, sapatos sempre de salto alto, podendo ser um *peep toe*, *scarpin* ou uma sandália gladiadora e, novamente, sempre mexendo nos cabelos, às vezes fumando um cigarro e demonstrando muita alegria, muito prazer em viver. Essas descrições

puderam ser observadas durante a pesquisa de campo, onde observei o comportamento dessas profissionais em diferentes estações climáticas, visto que tais posturas e atitudes são apresentadas durante suas estadias nas avenidas ou ruas das cidades.

Kelly entende que as mudanças físicas submetidas pelas travestis também são elementos culturais das mesmas. No decorrer do trabalho, apresento as situações que travestis e transexuais se submetem para terem seus corpos modificados, no intuito de alcançarem a beleza feminina; como visto, esses processos são chamados de hormonização e/ou siliconização, processos muitas vezes árduos para travestis de baixa renda, onde estas utilizam silicoes industriais – nos seios, nádegas, quadris, pernas, bochechas e em outros locais – para ganharem as tão desejadas formas femininas (BERUTTI, 2010; PERES, 2002; BENEDETTI, 2004). Kelly entende que tais processos fazem parte de sua cultura por também serem aprendidos de travesti para travesti, bem como tais práticas são assimiladas e desejadas em seus espaços de convivência.

Há autores, como Larissa Pelúcio (2005), Marcos Benedetti (1998) e Eliane Berutti (2010), que trabalham com a ideia persistente dentro do grupo de travestis, de que as mesmas só entendem-se e se veem como travestis a partir do momento que passam a fazer uso de hormônio e silicone, caso contrário, a pessoa que se intitula como travesti e não faz uso destes, não pode se dizer travesti. Essa ideia de que para se tornar uma travesti, as mesmas teriam que usar silicone e hormônio, já faz parte da cultura destas, visto que sem esses processos, as mesmas não conseguirão se tornar esteticamente e visualmente uma pessoa trans. Porém, vale lembrar que os processos inerentes, tanto a hormonização quanto a siliconização, não são tão antigos. Segundo Kulick (2008), as travestis passaram a utilizar hormônios como forma de modificação corporal em meados dos anos de 1970. Antes, estas que se intitulavam como travestis, utilizavam enchimentos, como espumas, panos e plásticos em seus corpos para modelá-los no formato de um corpo feminino, passando assim, a imagem para os transeuntes de que as mesmas tinham um corpo feminino.

Já o silicone, técnica um pouco mais cara e de menor acesso a algumas travestis, surge, segundo relatos de Fernanda Faria de Albuquerque (apud KULICK, 2008) na cidade de Curitiba, no início da década de 1980, onde uma travesti chamada Daniela havia trazido vários litros de silicone da França. Com a divulgação da possível ingestão de silicone em travestis, muitas se interessaram em adquiri-lo, no entanto, o autor nos informa que, após o ano de 1982, ficara difícil trazê-lo da França, pois o país restringiu o visto a brasileiros e, ao mesmo tempo, expulsou várias travestis que trabalhavam no país como prostitutas. Então, o

jeito foi usar a técnica do improviso, eis que surge, nessa mesma época, o uso do silicone industrial no Brasil (ALBUQUERQUE apud KULICK, 2008). Um produto de baixo custo e que, ao mesmo tempo, responde às expectativas das travestis.

Retomando o relato de Kelly, a mesma entende por cultura travesti os gestuais e expressões que as mesmas usam, vistos nitidamente em dois personagens midiáticos, “Vera Verão⁶⁴” e “Valéria Vasques⁶⁵”. Ambas personagens deixaram o povo brasileiro boquiaberto ao passarem a imagem em rede nacional de personagens espalhafatosas, barraqueiras e dissimuladas, criando ainda frases que os colocaram na história, como: Vera Verão - “Bicha não! Eu sou uma quase mulher” ou “Veja lá com fala comigo, sua sirigaita!”; Valéria Vasques – “Ai como eu tô bandida” ou “Valéria Vasques satisfação, porque o prazer vem depois”. Frases utilizadas no dia a dia, não importando se quem fala seja homo, hetero, bissexual ou pessoas trans. Confirmando o que Kelly narra ao dizer que muitas vezes essas pessoas que reproduzem tais frases, ou mesmas outras utilizadas por outros personagens, sejam gays ou travestis, nem sabem que são proferidas pelas travestis, transexuais ou mesmo gays que vivem em sua comunidade. É interessante salientar que em nenhum momento me esqueci da participação das transexuais na pesquisa, porém, nota-se que as transexuais apresentam um comportamento distinto das travestis.

As travestis, dentro da cultura *queer*, segundo Le Breton (2012), querem desvincular-se dos critérios da aparência regidos pelas normas sociais, desejando a separação a partir da livre escolha pessoal de suas formas corporais e das maneiras de se colocarem em cena. Não que as transexuais não desejem o mesmo, porém, o que percebemos é que, através de seus comportamentos recatos e refinados, muitas transexuais conseguem passar despercebidas pela multidão, diferente das travestis, que transgridem totalmente as regras de sexo e gênero ao possuírem seios, nádegas avantajadas, cabelos compridos e pênis.

As transexuais lutam também por liberdade, respeito, dignidade e visibilidade, porém, algumas travestis militantes relatam que ficam tristes com algumas transexuais que, após conseguirem realizar seu sonho – a cirurgia de redesignação genital –, deixam de reivindicar todos os direitos mencionados acima. É o que relata Carvalho e Carrara (2013) sobre o

⁶⁴ Vera Verão foi um personagem atuado pelo autor (já falecido) Jorge Luís Sousa Lima, na década de 1980. Este personagem transitava entre o gay efeminado e a travesti espalhafatosa. Para mais informações, acessar: <http://www.cacilds.com.br/628/a-praca-e-nossa/vera-verao-epa-bicha-nao/> ou http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Lafond

⁶⁵ Valéria Vasques é uma personagem transexual interpretada pelo ator Rodrigo Sant’Anna. Esta personagem satiriza sua amiga Janete por ser inocente e romântica. Ademais, Valéria se auto-ironiza ao dizer que sua cirurgia de redesignação sexual deu errado, onde esta lhe deixou uma queleide. Para mais informações visitar o site: <http://rodrigasantannaoficial.com.br/>

abandono de transexuais em meio à militância por pessoas Trans. “Elas atravessam o arco-íris, pegam o pote de ouro e vão embora” (CARVALHO e CARRARA , 2013, p. 341). Através dessa frase, pode-se entender de certa forma que as transexuais, a partir do momento que conseguem suas cirurgias, passam a fazer parte ou apresentar um comportamento heteronormativo, pois estando definitivamente em um corpo feminino, perdem o sentido de continuar lutando por uma causa já ganha (CARVALHO E CARRARA, 2013). Claro que, dentro desse apontamento, inúmeros fatores e possibilidades podem surgir e este não se aplica a todas, estou apenas levantando essa discussão para mostrar a importância que se tem em pesquisar e questionar o universo Trans de diferentes formas.

Ainda aprofundando um pouco mais sobre o público transexual, entende-se também, segundo o relato de Kelly, que apresenta como cultura os processos corporais que as travestis se submetem, aqui também discutiremos sobre as mudanças que transexuais passam ao se identificarem como pertencentes ao sexo oposto.

Le Breton (2012) apresenta um pensamento sobre as/os transexuais:

O corpo transexual é um artefato tecnológico, uma construção cirúrgica e hormonal, uma criação plástica. Seu sexo de eleição é o resultado da decisão do próprio transexual e não de um destino anatômico. O transexual suprime os aspectos excessivamente significativos de sua antiga corporeidade para fazer afluir os sinais inequívocos de sua nova aparência [...] (LE BRETON, 2012, p. 20).

As transexuais, assim como as travestis, passam por processos de hormonização e algumas aderem à siliconização. Diferente das travestis, que optam por não se submeterem a cirurgia de redesignação genital, por conviverem bem com sua genitália, algumas transexuais necessitam apagar seus passados, enquanto sexo imposto em seus corpos, para aderirem perfeitamente ao sexo de eleição. Acredito que o processo de transformação corporal para as transexuais compara-se ao período gestacional de uma mulher. As transexuais, após o término desse processo, não renascem, elas nascem novamente, pois apagam de seus históricos de vida a existência de um sexo imposto, para vivenciarem sua nova identidade de gênero (BENTO, 2006). As transexuais participantes do trabalho narram seus processos de descobertas enquanto transexuais ao longo de suas vidas, confirmando o que Le Breton mencionou acima acerca de sua nova aparência. Caroline nos diz que:

“Antes como travesti e agora como transexual que é minha identidade de gênero, acredito que tudo que aprendi e pensava sobre mim e sobre a vida permanece nesta minha nova fase. Sofri muito por não compreender várias coisas e não me entender antes, mas posso lhe dizer que aprendi a sobreviver em meio a tudo isso, e hoje dei a volta por cima, estou realizada” (Caroline).

A participante nos mostra que o percurso de sua vida ensinou, através de muita dor, a sobreviver esta fase difícil, na maioria das vezes, para muitas transexuais. Sem o apoio de sua família e sem se entender totalmente, Caroline se torna travesti e passa boa parte de sua vida como tal, no entanto, sabia-lhe que faltava algo, que não estava acabada ou como gostaria de estar/ser. No entanto, após a ajuda de outras colegas – Caroline participa da Ong Renascer, sendo neste local que se entendeu como transexual –, conseguiu alcançar sua identidade de gênero, outrora não entendida. Na frase de Caroline estão ligados aprendizados de vida – luta, dores, conquista, alegrias, entre outros –, vivenciados em seu contexto cultural, porém, ao alcançar sua nova identidade de gênero, tudo o que lhe remetia ao masculino ficou pra trás, sendo que isso ela não leva e, acredito, nem fazer questão de levar para essa nova vida.

Laraia (2001) nos mostra que a tecnologia também tem o poder de transformar ou modificar a cultura, seja no pensamento social, seja nos corpos de pessoas trans. A cultura, através do raciocínio, não é estática, ela tem o poder de se readequar através do tempo. Abordo aqui o conceito de tecnologia como técnicas para o avanço de um corpo modificado, sejam pelas travestis como pelas transexuais. A ciência vem evoluindo gradativamente e, hoje, as pessoas trans conseguem consagrar em seus corpos não somente as técnicas que lhe possibilitem seios, nádegas ou outros traços femininos, mas a maior realização – para a maioria dessas pessoas –, a cirurgia de redesignação genital. Outrora, o legislativo condenava essa cirurgia como crime de mutilação – previsto no Código Penal Brasileiro, Artº 129 –, no entanto, devido à tecnologia aliada a estudos da ciência e aos Direitos Humanos de pessoas Trans, a cirurgia de redesignação genital passou a ser realizada sob a expressa concordância e autorização das resoluções pelo CFM nº 1.482/1997⁶⁶, seguida da resolução nº 1.652/2002⁶⁷ e, depois, a resolução 1.955/2010⁶⁸.

Sabemos, no entanto, que o processo para tal cirurgia é difícil, burocrático, demorado e constrangedor, visto que, para a realização de tal cirurgia, a pessoa teria que assinar um termo confirmando possuir, como é mencionado nas resoluções, “um desvio psicológico permanente de identidade sexual”, ou seja, as pessoas trans não possuem nem o direito sobre seus corpos; é o que Michel Foucault (1985) denomina como biopoder, a subjugação dos

⁶⁶	Resolução	nº	1.482/1997.	Disponível	em:
	http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm				
⁶⁷	Resolução	nº	1.652/2002.	Disponível	em:
	http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1652_2002.htm				
⁶⁸	Resolução	nº	1.955/2010.	Disponível	em:
	http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm				

corpos bem como seus controles. Por mais difíceis ou complicados que possam ser os processos de mudanças identitárias de gênero na vida de pessoas trans, o primeiro passo rumo a uma aceitação completa em meio à sociedade foi dado, a visibilidade que as mesmas adquiriram rente às lutas do movimento LGBT, hoje, mostram essas pessoas como portadoras de direitos de escolhas sobre seus corpos; claro, não é um pensamento uníssono em meio à população, porém, em nossa atualidade, a sociedade apresenta-se disposta a dialogar e conhecer o que pensam, sentem e quem são essas pessoas, o que, outrora, sob a égide de uma moral cristã e por falta de informação, esse público era visto por algumas pessoas como loucas, pecadoras, endemoniadas, doentes mentais, entre outros nomes que denegriam e, algumas vezes, ainda hoje, denigrem as pessoas transexuais. Marta relata algo semelhante a Caroline ao dizer que:

“A vida de uma transexual e de uma travesti é muito difícil, demoramos muito para nos definir, eu mesma passei boa parte da minha vida vivendo como travesti, porém passado muito tempo vi que eu não era travesti que eu queria ser, não era travesti que eu era na verdade. Todas me achavam meia diferente, cheia de esquisitice e de frescura e de delicadezas. Porém após conversar com outras transexuais entendi que isso tudo já fazia parte de minha natureza transexual em um corpo travesti” (Marta).

Assim como alguns autores apresentados nas discussões sobre cultura (LARAIA, 2001; SANTOS, 2006), ao relatar que cultura é processo em constante mudança, Marta só se descobre como transexual após ter vivenciado um tempo como travesti. A participante, assim como Caroline, só descobriu sua verdadeira identidade através do contato e de experiências vivenciadas juntamente com outras transexuais, mesmo apresentando comportamentos, enquanto travesti, que as mesmas denominavam como sendo atitudes de uma mulher transexual; esta não sabia que era uma transexual ou que viria a ser uma, porém, após vivenciar outras culturas, pode se enquadrar em seu eu verdadeiro. Como Marta mesma disse, antes ela era uma transexual em um corpo de travesti. Outro ponto a salientar é o de que Marta já pensava como uma transexual, porém, seu corpo a impedia de racionalizar como tal. Goellner (2010) nos mostra que corpo não é algo que temos, mas algo que somos, não podendo falar de corpo sem falar de nós mesmos, daquilo que somos ou gostaríamos de ser. A autora termina seu pensamento reforçando que, ao dizermos corpo, estamos nos referindo não somente a carne, mas a nós mesmos. Entendendo assim, que uma pessoa transexual vive em um corpo, porém, seu eu interior não se enquadra neste, era o que ocorrera com Marta.

O filme “A pele que habito” (2011), do diretor Pedro Almodóvar, retrata bem o dilema transexual, porém, ao contrário. O protagonista – um rapaz –, ao violentar sexualmente uma

moça, é submetido à força a todos os processos de readequação de gênero, no entanto, sendo este heterossexual, se vê preso para sempre em um corpo feminino, como castigo por violentar sexualmente a filha do médico que o submetera a tais procedimentos. No decorrer da trama, nos deparamos com a situação que uma pessoa transexual sofre ao ter que olhar para um espelho, vendo-se como um homem, no entanto, sendo fisicamente uma mulher ou ao contrário e, mesmo estando em um corpo „errado“, tendo que ser obrigado a conviver em sociedade dessa forma.

III.III PENSANDO O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM MEIO ÀS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

A proposta aqui busca mostrar a participação de travestis e transexuais em seus trabalhos como profissionais do sexo, apresentando assim, as possíveis propostas de desenvolvimento comunitário através de suas narrativas.

Burbano (2011) nos mostra que este é definido como um processo que visa criar condições para o progresso econômico e social de toda a comunidade, tendo a participação ativa dos mesmos. O autor ainda afirma que o desenvolvimento comunitário é uma forma de expressão social. Travestis e transexuais, estando inseridas em diferentes comunidades e tendo direito de participar ativamente destas, fazem com que o lucro de suas comunidades gire também através de seus consumos dentre as mesmas. No entanto, nos esquecemos de ver se essas profissionais têm acesso a bens e serviços disponíveis em meio às suas comunidades. Por exemplo, sabemos que as travestis apresentam baixos níveis escolares por causa do preconceito que sofrem dentro das escolas; muitas vezes, esse preconceito parte primeiramente da direção da escola, seguido dos professores que, não sabendo lidar com essas pessoas e trazendo consigo alguma forma de preconceito, reproduzem falas e atitudes – muitas vezes inconsciente –, dando margem para os alunos fazerem o mesmo (SILVA, 2008). Já abordado anteriormente, as travestis e transexuais muitas vezes ocupam trabalhos autônomos por falta de qualificação e oportunidades no mercado formal de trabalho.

Hermano Carmo, sobre desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social, nos diz que:

Falar sobre a atualidade do desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social exige, antes de mais nada, uma reflexão prévia sobre as realidades que se pretendem relacionar a intervenção social e o desenvolvimento comunitário (CARMO, 2001, p. 2)

Podemos então refletir sobre a realidade vivenciada por nossas protagonistas em toda a sua história existencial. As travestis, desde seu surgimento, sofrem preconceitos, discriminação, violências das mais diferentes formas, não apresentando quase nenhuma chance dentro de nossa sociedade, a não ser ocuparem o lugar que lhes é imposto, o de abjetas. As transexuais, não muito diferentes da situação das travestis, são classificadas como doentes mentais que se mutilam, negando seu corpo por nada – na visão popular da sociedade –, estando também nas chamadas „zonas inóspitas“ de abjeção. Butler (2000) nos mostra que os indivíduos abjetos estão designados às zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeitos. Sendo assim, entendemos que travestis e transexuais estão nesses locais, não podendo então participar plenamente do desenvolvimento de qualquer comunidade. No entanto, esse trabalho vem desmistificar a única atuação dessas profissionais nos chamados locais de prostituição, deixando assim claro que, tanto travestis como transexuais, possuem capacidade e talento para transpassarem essa zona que lhes foi imposta.

Luanda, ao ser questionada sobre seu trabalho, nos diz:

“Sou cabelereira e devo isso a Ong que participo há sete anos. A Ong me ofereceu o curso, e hoje pratico o que aprendi, vou mostrando meu trabalho e também afirmando que travesti não serve só para se prostituir essa hoje é a minha maior realização” (Luanda).

O local que Luanda demonstra tanta gratidão é a Ong Renascer – local da minha pesquisa. Através das oportunidades que travestis e transexuais conseguem obter junto a Ong, as mesmas se qualificam para o mercado de trabalho, conseguindo assim, mostrar que suas vidas podem, de fato, ir além da noite e da prostituição. Tanto o Renascer como as demais Ong que trabalham com diversos tipos de inclusão social, não só praticam o desenvolvimento comunitário, como dão oportunidades para seus frequentadores se desenvolverem em meio às mesmas. Manuela Silva (1991) nos informa que as todas as pessoas têm direito de participarem do desenvolvimento comunitário, tendo as mesmas, meios e oportunidades para concretizarem tais ações. É o que vemos acontecer com Luanda, que, através de incentivos junto a Ong, conseguiu obter uma profissão autônoma fora da prostituição.

O artigo 5º da Constituição Federal (1988) nos mostra que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...] garantindo-se a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade [...]”. Bem como ainda no artigo 6º da mesma, é visto que “são direitos

sociais a educação, a saúde, o trabalho [...]”. Através da negligência apresentada pela sociedade, seja na educação, nos serviços de saúde, assistência, entre outros a essas pessoas, Goffman (1988) afirma que reduzimos as chances de vida das mesmas, o que já vai contra o „direito à vida“, expressa na Constituição. A exclusão de qualquer tipo de pessoa é um retrocesso, tanto para o desenvolvimento comunitário como para a pessoa em si.

Bárbara e Marta são outros exemplos de superação. Ao perguntarmos sobre seus trabalhos, estas nos informaram:

“Atualmente trabalho como autônoma estou revendendo sapatos. Já faz mais ou menos seis anos que estou neste ramo. Não me prostituo mais Graças a Deus! Não me prostituo mais, parei” (Bárbara).

“Hoje não me prostituo mais, estou aposentada. Porém já trabalhei também como manicure e como atendente em uma mercearia. Agora sou do lar, trabalho em casa, apenas com serviços domésticos e cuidado de minha mãe que é idosa” (Marta).

Diferente de Bárbara, Marta está aposentada. Após o término de nossa conversa, esta disse que contratou um advogado, que conseguiu entrar na justiça com um pedido de aposentadoria, fazendo com que a mesma recebesse determinado valor por mês junto à previdência social. Marta, muito carismática e simples, fez questão em dizer que pagou um tempo de contribuição para poder conseguir se aposentar e dá essa dica para suas amigas, tanto travestis quanto transexuais. Esta também nos diz que perdeu seus dois empregos – como manicure e como atendente de mercearia –, pelo fato de ser, na época, travesti. Como manicure, Marta disse que as clientes implicavam com a dona, falando que a mesma ou deveria ter ou tinha Aids – fato este que fez a dona do salão em que trabalhava despedi-la – e, no segundo emprego, o dono da mercearia, percebendo que Marta estava mudando – transformando-se em travesti – com o passar do tempo, a despediu por vergonha e por dizer a esta que não concordava com tal ação. Após esses empregos e precisando trabalhar, Marta parte então para a prostituição por intermédio de uma amiga travesti. Esses relatos extras de Marta são conversas narradas pela mesma depois das gravações, no entanto, pedimos a este se teria problema em relatarmos esses fatos importantes no trabalho. Marta disse que não haveria problema algum em acrescentar essas informações que relatou.

Bárbara, autônoma, também diz que não se prostitui mais, porém, ao mencionar tal fato, agradeceu por não se prostituir mais. Perguntei a ela o motivo de não querer mais recorrer à prostituição ou de uma possível vergonha em dizer que trabalhou em meio a esta. Bárbara, também autorizando a apresentar sua narrativa extra da entrevista, disse que não se

orgulha nenhum pouco em ter se prostituído, pois a vida das pessoas que se prostituem, sejam travestis ou transexuais, é muito difícil. Ela diz que, mesmo ganhando bem, é algo difícil pelos inúmeros riscos que estas correm. Bárbara diz que o dinheiro da prostituição é bom e rentável, porém, hoje, não se arriscaria tanto para consegui-lo, lembrando que viu inúmeras amigas morrerem em sua frente, sem poder fazer nada além de correr rápido, para longe daquela cena.

Tanto Marta quanto Bárbara, por não terem oportunidades em determinado momento de suas vidas, precisaram recorrer à prostituição como forma de subsistência; refletindo sobre tais processos, me deparei com uma situação que chamou a atenção. Essa situação faz pensar que não só as travestis e as transexuais podem recorrer à prostituição como fonte de renda, mas essa forma de trabalho também pode ser recorrida a qualquer pessoa – e muitas vezes o é. Porém, algo que vai além de nossos imaginários e que muitas vezes utilizamos apenas para nos referir a outras pessoas, é pensar que essa situação poderia ocorrer com cada um de nós. Entendo, então, que a prostituição, mesmo sendo uma fonte de renda para muitas pessoas, é algo difícil e perigoso, sendo recorrida a qualquer pessoa que se encontre desprovida do princípio da dignidade da pessoa humana que, segundo Marins e Spode, “implica em todas as múltiplas e mínimas necessidades e capacidades para uma vida decente” (MARINS e SPODE, 2007, p. 31). Vida descente e vida em comunidade, pois sem qualidade de vida, as pessoas não conseguirão se tornar protagonistas de suas vidas, nem poderão desenvolver-se em comunidade.

Travestis e transexuais muitas vezes não estão na prostituição por vontade própria, como pudemos observar. A sociedade as oprime, empurrando-as para esses contextos e não dando oportunidades a estas para saírem e mostrarem outro lado de suas existências, pelo fato de não comungarem com o pensamento heteronormativo, pensamento este, muitas vezes, castrador e regulador. Temos que entender o que Lopes (2012) nos relata ao dizer que “todas as pessoas são diferentes umas das outras, sendo a diversidade inerente ao ser humano” (LOPES, 2012, p. 203). Silva Júnior (2013) completa o pensamento de Lopes, ao dizer que, “se as características das pessoas são tão amplas e abstratas, não deveria existir um padrão social que absorvesse algumas e marginalizasse outras [...]” (SILVA JUNIOR, 2013, p. 217). Que bom seria se todos fossem tratados iguais não somente „perante a lei“. Que maravilhoso seria ver que a pluralidade dos devires de travestis e transexuais também contribui em meio ao desenvolvimento comunitário com a ecologia de saberes, do mais simples ao mais culto, do catedrático ao catador de lixo, todos podendo dialogar e colaborar com o conhecimento e o

desenvolvimento da mesma forma, nem só prática nem só teoria, ambas construindo uma nova proposta de enfrentamento ao preconceito a todas as formas de violência, exclusão e discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não posso dizer de forma alguma que concluí esse trabalho, digo, então, que realizei com satisfação a primeira parte da jornada rumo ao andamento da pesquisa com travestis e transexuais em meio à prostituição, em meio à comunidade, ao desenvolvimento comunitário, bem como em outros contextos. O contato com esses públicos me despertou diversos tipos de sentimentos, como raiva, amor, ódio indignação, todos ao mesmo tempo, pois ao escutar tais narrativas, me colocava no lugar das entrevistadas e dizia a mim mesmo: E se fossemos nós, o que faríamos?

Algumas respostas obtive no percurso desse trabalho, outras ainda não. Como disse ao longo deste, falar sobre prostituição, mesmo nos dias atuais, é uma tarefa difícil; o preconceito velado dentro de diferentes pessoas e instituições ainda é muito grande. O fato de se pesquisar assuntos como prostituição, homossexualidades, travestismo, transexualidade, entre outros, ainda apresenta expressões nada carismáticas em meio a docentes, discentes, bem como a comunidade em geral. Alguns entendem e veem a necessidade de se pesquisar esses assuntos e públicos com bons olhos, no intuito de uma maior aproximação com os mesmos e inserção destes junto à sociedade; no entanto, outras pessoas acham esses assuntos e públicos desnecessários e muito liberais para as academias ou, simplesmente, para se dar tanta importância assim, como se essas pessoas e situações não existissem em nosso meio.

Em meio a este trabalho pude entender e compreender os processos pelos quais travestis e transexuais passam em certos momentos de suas vidas, desde suas descobertas como tais até suas entradas no mundo da noite, ou na prostituição. Pude ver também que tanto o movimento LGBT como o travesti e transexual no Brasil passaram desde suas origens por diversas modificações, lutas e resistência por parte da sociedade.

Entendi que o devir travesti e transexual em meio à noite é fruto de suas experiências e relações com clientes, transeuntes e com toda a rotina de vida que a prostituição exerce na vida dessas atrizes sócias. Estar na noite não é algo fácil, para exercer essa profissão tem que ter coragem. A prostituição dita normas, regras, tanto de comportamentos, atitudes em dadas relações de trabalho, como de sobrevivência. Por estas percepções iniciais, pude entender também que o devir travesti, como forma de transformação pessoal, social e situacional decorrentes das agruras e alegrias em meio a seus trabalhos e relações com a clientela. O tornar-se, a passagem das transexuais de um estado pessoal imprópria às descobertas de si

(GUATARRI E ROLNIK, 1996). Devires que revelam o amadurecimento, resistência e a esperança de um respeito pela diferença.

Essas atrizes em meio a suas comunidades, por mais que não sejam aceitas apresentam resistência e lutam por suas visibilidades e para serem tidas como dignas também de ocupar o mesmo espaço que os demais cidadãos. Se estas se encontram na prostituição é por falta de oportunidade de um trabalho diferenciado onde possam mostrar que conseguem exercer atividades que vão além das sexuais, ou das focadas em seus corpos. Embora muitas vezes esquecidas durante o dia e lembradas a noite travestis e transexuais fazem parte do desenvolvimento de sua comunidade, pois ao trabalhar em meio a prostituição estas utilizam suas rendas consumindo coisas dentro desta mesma comunidade, tornando-as assim participantes da economia deste sociedade. É visto também que o desenvolvimento comunitário vai além dos gastos financeiros destas atrizes sociais nele podemos encontrar também a sociabilidade fator negativo para com essas pessoas.

Esse trabalho também mostrou que travestis e transexuais não vivem e se „deliciam“ em seus trabalhos como profissionais do sexo. Através de suas histórias, pudemos ver que a violência, bem como suas resistências, perduram até hoje; a hipocrisia de que estas não fazem parte da sociedade, sendo cobiçadas, no entanto, por diferentes clientes, ressalta o ditado que diz que “a lei é cega”; cega para as pessoas abjetas, cega para a elite que utiliza os corpos dessas profissionais, os descarta e afirma não precisar destas em nenhum momento dentro do mesmo espaço. Como relatado por muitas participantes, a noite e a prostituição não são fáceis, não se está ali apenas por prazer; o intuito maior é a sobrevivência, a garantia de um possível sustento, a rua pode ser amiga e inimiga ao mesmo tempo dessas profissionais, ela se caracteriza como um local cheio de armadilhas e incertezas (PIMENTEL, 20012). Percebemos ainda que as participantes apresentam uma cultura própria, sendo estas, seus modos de vestir, trejeitos, linguajar e suas performances tanto em casas noturnas como no próprio meio de seus trabalhos.

Mesmo estigmatizadas, essas profissionais não desistem de lutar e de vivenciar suas verdadeiras identidades de gênero, mostrando a todos que possuem direitos e conseguem transpassar as barreiras que lhes foram impostas simbolicamente perante a sociedade, de que são prostitutas, aidéticas, ladras, entre tanto outros termos pejorativos; fato este visto através de possíveis desenvolvimentos junto à comunidade sob a forma de outras profissões, como qualquer cidadão. Em meio às lutas, avanços e políticas públicas, que garantam a participação ativa de LGBTs em meio à comunidade, a United Nations (2013) afirma que o direito e a

proteção baseada na orientação sexual e identidade de gênero não requer novas leis ou leis especiais, porém, requer a garantia da não discriminação, podendo estes gozarem assim de todos os direitos inerentes a pessoa humana, nem mais nem menos, apenas iguais.

É importante dizer também que o fato de apresentar as histórias cotidianas de travestis e transexuais nesse trabalho, tais informações nos abrem outras inúmeras possibilidades para futuras pesquisas. Aqui, as mesmas enfocam suas histórias cotidianas em seus trabalhos na prostituição e os devires que as perpassam nesses contextos, porém, outras formas de se apresentar essas pessoas podem ocorrer em diferentes espaços, como suas rotinas domésticas, seus sonhos, desejos, vontades, entre outras formas de pesquisas que apresentem não apenas as travestis como pessoas em meio a prostituição ou ligadas ao HIV/Aids. Seria interessante também desenvolver pesquisas etnográficas ou pesquisas ação em meio às travestis e transexuais como forma de método, podendo estes mostrarem diferentes resultados, análises e olhares dessas pessoas em meio à pesquisa.

Em meio a este, pude ainda vivenciar alguns empecilhos e dificuldades iniciais para realização do mesmo, tais situações não me impediram de seguir com meu propósito, estes me fizeram ter ainda mais coragem para seguir em frente. O primeiro empecilho foi a dificuldade encontrada no contato com as travestis, muitas vezes marcávamos de nos reunir e as mesmas esqueciam-se do compromisso; depois, foi o incidente que ocorreu com uma das participantes da pesquisa e este foi o fim de meu contato e pesquisa com este grupo na cidade de Guarapuava/PR – uma das participantes foi atacada com um facão por um desconhecido, que a pegou de surpresa em seu local de trabalho. Esse mal ocorrido deixou as travestis com medo e, por este motivo, resolveram não mais participar da pesquisa. Após estes impasses na cidade de Guarapuava, pude entrar em contato com a Ong Renascer, cuja qual acabei realizando minha pesquisa na cidade de Ponta Grossa, com as travestis e as transexuais que participavam da Ong. Mesmo encontrando algumas dificuldades em meio ao meu projeto, foi satisfatório, pois pude aprofundar meus olhares para essas atrizes sociais que, muitas vezes, nesta estando eu perto das mesmas, estava longe de entender ou compreender determinados pensamentos e atitudes que estas esclareceram e isso, para mim, foi o maior ponto positivo de meu trabalho.

Por fim, creio que este trabalho poderá auxiliar futuras pesquisas sobre as atrizes sociais travestis e transexuais em seus contextos de labor, em meio à sociedade, através da cultura travesti e no desenvolvimento comunitário, diminuindo também cada vez mais, através da informação, os diversos tipos de preconceito existente na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de comunicação LGBT**. Aliança Paranaense pela cidadania LGBT. Programa conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS – UNAIDS. 1ed. 2010. Disponível em: <http://abgltribrasil.blogspot.com.br/> Acesso em: 02 jul. 2013.

ANDER-EGG, Ezequiel. 1982, **Metodologia y practica del desarrollo de la comunidad**, Tarragona, UNIEUROPE, 10ª ed.

BAUMAN, Zygmunt, 1995 - **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual** / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BÍBLIA. **Bíblia do ministro com concordância**: Nova Versão Internacional / (traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional). – São Paulo: Editora Vida, 2002.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Governo Federal. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>. Acesso em: 19 ago. 2013.

BENEDETTI, Marcos Renato. **A batalha e o corpo**: breves reflexões sobre travestis e prostituição. 2004. Disponível em: http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/breves_reflexoes_sobre_travestis_e_prostituicao.pdf Acesso em: 12 ago. 2013.

BENJAMIN, W. (1987). **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. Vol. 1 (3ª ed.). São Paulo: Brasiliense. 1987. 249p.

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença**: corpo e subjetividade na transexualidade. Cap. Corpo e Subjetividade, publicado no livro: A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Nº 04, 2009, p. 95 – 112.

BERUTTI, Eliane Borges. **Travestis: retratos do Brasil**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kuhner. – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Projeto Somos: Desenvolvimento Organizacional, Advocacy e Intervenção para ONGs que trabalham com GAYS e outros HSH** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988** – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 2008.

BURBANO, Arizaldo Carvajal. **Apuntes sobre desarrollo comunitário**. EUMED. Net, Universidad de Málaga-España. Julio de 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2ª edição, Autêntica. Belo Horizonte, 2000. P. 7-168.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; - 992p. Tradução: Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003..

CARMO, Hermano. **Desenvolvimento comunitário**, Lisboa - Universidade aberta, ano: 1999. 456 p.

CARMO, Hermano. **A atualidade do desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social**. Universidade Aberta, Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) e ISCSP/UTL, In: Atas da 1ª conferência sobre desenvolvimento comunitário e saúde mental, ISPA. Ano: 2001, p. 1-28. Disponível em: <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/handle/10400.2/1853>

CAMARGO, Chico. **Prisão provisória de Curitiba – penitenciária do ahú – desativada desde julho de 2007 – paredes que falam**. Curitiba, 2009, p. 1- 18. Disponível em: <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/prisao-provisoria-de-curitiba-penitenciaria-do-ahu-desativada-desde-julho-de-2007-paredes-que-falam/>

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sergio. **Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil**. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, nº 14. Ago, 2013. P. 319-351. Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Rio de Janeiro, Brasil.

CARVALHO, Mario. 2011. **Que mulher é essa? Identidade, política e saúde, no movimento de travestis e transexuais**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CECCARELLI, P.R. **Prostituição – corpo como mercadoria**. In: **Mente & Cérebro – Sexo**, v. 4 (edição especial), 2008.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. 2010. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O snob**. Dissertação de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas.

DELEUZE, Gilles, 1925 – 1995. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4/ Gilles Deleuze, Felix Guattari; tradução de Suely Rolnik. – São Paulo: Ed. 54, 1997 176p. (Coleção TRANS).

DOREA, Guga. **Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênesse e devir**. Margem, São Paulo, nº 16, p. 91-106. Dez. 2002.

DUTRA, E. (2002). **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Estudos de Psicologia, 7 (2), 371-378. Recuperado em 14 de novembro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>

FACCHINI, Regina. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. Conselho de Psicologia da 6ª região (org.). Psicologia e diversidade sexual / Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2011. (caderno temático 11) 92p.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de Letrinhas”? – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo** / Regina Facchini. – Campinas, SP. 20002.

FERRERIA, R.S. **A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman**. *Ci. Inf., Brasília*, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereze da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres** / Michel Foulcaut; tradução de Maria Thereze da Costa Albuquerque; revisão técnica de José. Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres** / Michel Foulcaut; tradução de Maria Thereze da Costa Albuquerque; revisão técnica de José. Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. 27ª ed. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 1987.

FRY, Peter. 1982. **“Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”**. In: FRY, Peter. **Para inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p. 87-115.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda**. Cadernos de psicologia social do trabalho, 2008, vol. 11, nº 2 pp. 241-256.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: Bauer, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/cadernos/article/view/984>

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. (4ª ed.) Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Editora: Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, ano 1988, 158 p.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo. Editora UNESP, 2000. 541 p.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Assassinato de LGBT no Brasil: relatório anual**. 2001. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/artigos-opiniao.html> Acesso em: 04 fev. 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Editora: Vozes, 4º ed. Petrópolis, RJ. 1996.

HAUER, M; GUIMARÃES, R. S. **Mães, fil@s e homossexualidade: narrativas de aceitação**. Temas em Psicologia (Ribeirão Preto), 2015 (no prelo).

HOCK, Dee. 1929 - **O nascimento da era caórdica** / Dee Hock; tradução Carloa A. L. Salum, Ana Lucia Franco. – 5 ed. – São Paulo: Editora: Cultrix, 2006, 288 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. / Don Kulick; (tradução, Cesar Gordon). – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. – 14ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar ed. 2001.

LE BRETON, David. **Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas**. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas** / Edvaldo Souza Couto; Silvana Vilodre Goellner (orgs). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P. 15-32.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

LOPES, Leandro Douglas. **O voto da pessoa com deficiência no Brasil: reflexo da cidadania inclusiva**. 2012. (Dissertação de mestrado) Centro de Pós-Graduação, Instituição Toledo de Ensino, Bauru/SP, 2012. 233 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Ensaio sobre sexualidade e teoria queer** / Guacira Lopes Louro. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

MARINS, Márcio; Spode Christiane. **Manual para gestores de Direitos Humanos: “rede comunitária de Direitos Humanos”**. Centro Paranaense da Cidadania – CEPAC. Projeto: “Rede comunitária de Direitos Humanos”. Curitiba, 2007. 100 p.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política** / Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história Oral**. 5 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005. 291 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio da pesquisa social**. In. DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org.) 33ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 108p.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** / Richard Miskolci – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013 – (Série cadernos da diversidade, 6) p. 21-35.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. **Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis**. Revista Gênero, Niterói, v. 7, nº 2, p. 255-267, 1º sem. 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento** / 8ª edição. Tradução Eloá Jacobina. Editora Bertrand Brasil, 2003.

NAMASTE, Ki. **Genderbashing: sexuality, gender, and the regulation of public space**. Environment and Planning D: Society and Space, v. 14, n. 2, p. 221-240, 1996.

NOGUEIRA, Daniela. Site: Correio de Uberlândia. **Apenas 5% das travestis estão no mercado formal; demais estão na prostituição**. Disponível em: <https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/apenas-5-das-travestis-estao-no-mercado-formal-demais-estao-na-prostituicao/> Acesso em: 17 mar. 2014.

ORNAT, Marcio José. **Território descontínuo e prostituição travesti no Sul do Brasil**. In: **Espaço, Gênero e poder: conectando fronteiras**. Espaço, gênero e poder: conectando

fronteiras / org. por Joseli Maria Silva e Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. 265 p.

PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti.** *Cadernos Pagu* p. 217-248, 2004.

PELÚCIO, Larissa - SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia. GT 17- Sexualidade, Corporalidades e Transgressões: **Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers:** a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis. Fevereiro e Abril de 2005.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne e na pele – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids.** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007. (Tese de doutorado).

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividades das travestis brasileiras: interfaces entre estigmas e construção da cidadania.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Sexualidades, Corporalidades e Transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16 / UNESP/Assis – SP, 2006. p. 1-8.

PERES, Wiliam Siqueira Peres. **Subjetividades das travestis brasileiras: interfaces entre estigmas e construção da cidadania.** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/W/Wiliam_Siqueira_Peres_16.pdf Acesso em: 29 jan. 2014.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, 276 p.

PIMENTEL, Ivan Ignácio. **Território de travestis: marcas, corpos e signos.** Congresso Internacional em Sociais e Humanidades. Niterói, RJ: ANINTER-SH/PPGSD-UFF, 03 a 06 de setembro de 2012, 16 p.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”.** Revista Estudos Feministas, vol. 19, nº 1. Florianópolis, SC. Jan/Apr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2011000100002&script=sci_arttext

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura** / José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense. 2006. (Coleção primeiros passos; 110). 12ª reimpr. da 16ª ed. De 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial: manual de uso** / Boaventura de Sousa Santos – São Paulo: Cortez, 2005. 101p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos Estudos – CEBRAP, nº 79. São Paulo, Novembro de 2007.

Disponível

em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010133002007000300004&script=sci_arttext

SANTOS, Paulo Reis dos. **Travesti: corpos ambíguos, gêneros em cheque**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – Sexualidades, corporalidade e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16. 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st16.html>

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**/ Hélio R. S. Silva – Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1996. 176p.

SILVA, Joseli Maria. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade**. Revista Geouerj, v.1, n. 18, p. 135 – 149. 2008.

SILVA JUNIOR, Assis Moreira. **Diversidade sexual e inclusão social: uma tarefa a ser completada**. Franca, 2014 260 p. Editora: Lemos e Cruz.

SILVA, Manuela. **A pobreza Infantil em Portugal**. Lisboa, UNICEF. Comité Português, 1991.

SIMÕES, Júlio A. & FACCHINI, Regina. 2009. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. Coleção História do povo brasileiro. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 196p.

TERRA. (site) **Brasil lidera número de mortes de travestis e transexuais, aponta Ong**: http://noticias.terra.com.br/brasil/brasil-lidera-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais-aponta_ong_5459c874c0fd3410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html Acesso em: 14 abr. 2014.

THOMPSON, Paul. 1992. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra.

TÖNNIES, Ferdinand. 1977. **Comunidade e sociedade: categorias fundamentais da sociologia pura**. Paris, Retz / CEPL, tradução francesa da 1ª ed. de 1887.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. In: FERNANDES Florestan (org.) **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP. 1973. p. 96-116.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade: textos selecionados**. In: MIRANDA, Orlando. (org.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Editora da USP, 1995. P. 231-342.

TREVISAN, João Silvério. **O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino.** In: CALDAS, Dario (org.) **Homens em São Paulo.** Editora: SENAC, São Paulo, 1997.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

UNITED NATIONS. Human Rights. **Nascidos livres e iguais: orientação sexual e identidade de gênero no regime internacional de Direitos Humanos.** Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os direitos humanos. Brasília, 2013. Disponível em: http://www.ohchr.org/documents/publications/bornfreeandequalwres_portuguese.pdf. Acesso em: 20 ago. 2014.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Minorias sexuais e ações afirmativas.** In: VIEIRA, Tereza Rodrigues (Coord.) **Minorias Sexuais: direitos e preconceitos.** Brasília: Consulex, 2012. p. 29 – 54.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia a dicionário da língua afiada.** Ângelo Vip e Fred Libi. Editora da Bispa. 2006, 143 p.

WEBER, M. **Comunidade e Sociedade como estruturas de socialização.** In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação.** São Paulo: Editora Nacional da USP, 1973. P. 140-143.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

FICHA CADASTRAL
NOME SOCIAL:
IDENTIDADE DE GÊNERO:
IDADE:
GRAU DE ESCOLARIDADE:
CIDADE NATAL:
TEMPO DE TRABALHO NA NOITE:

- 1 – **(Questão disparadora):** Conte sua história, dando ênfase ao momento de sua percepção como travesti.
- 2 - Como foi sua iniciação enquanto travesti na noite, como forma de trabalho?
- 3 - Quais são os desafios e dificuldades enfrentadas neste trabalho em meio às noites?
- 4 - Conte-me um pouco sobre a relação de trabalho entre você e seus clientes.
- 5 - Como você se vê enquanto travesti? E em meio à comunidade local?
- 6 - O que seria pra você uma cultura travesti?
- 7 - Como você lida com seu corpo na lei da oferta e procura em meio ao seu trabalho?
- 8 - Pra você, qual seria o olhar ou o pensamento que a sociedade tem em relação as travesti?
- 9 - Qual o perfil da clientela que a procura?
- 10 - Em relação à orientação sexual, como você se define?
- 11 – Como você entende ou percebe os processos de transformação corporal que se submetem?
- 12 – Qual o cruzamento entre sua história de vida e sua história como travesti?
- 13 - Você possui algum outro trabalho fora o trabalho na noite?